

**ENSAIO VISUAL  
SOBRE A RUA  
BRITO CAPELO**











# ENSAIO VISUAL SOBRE A RUA BRITO CAPELO

MESTRADO DE DESIGN DE COMUNICAÇÃO

MESTRANDA

Rute Maria Fernandes Ramos de Carvalho

ORIENTADOR

José Bártolo

CO-ORIENTADOR/A

Elias Marques

Barbára Sousa



esad  
arte+  
design

# Dedicatória

Aos que amo, por me perdoarem a ausência,  
com o seu imensurável carinho e apoio,  
Ana Carvalho, José Carvalho, Pedro Carvalho e  
em particular ao António Pedro por me contrariar  
com a sua dedicação, carinho, paciência,  
estando sempre ao meu lado.

À minha avó Maria da Guia, pela força e alegria de viver.

# Agradecimentos

Ao José Bártolo por ter acreditado desde o princípio.

Ao Elias Marques por me brindar com a sua mestria, liberdade e um lindo mês de Agosto.

À Bárbara Sousa, pelo seu rigor, exigência e método, por me ensinar a pescar, e me deixar cair vezes sem conta e me ajudar sempre a levantar.

À Escola Superior de Artes e Design, que considero a minha segunda casa, e à qual devo todo o meu apreço, respeito e gratidão.

Ao Sérgio Afonso, por me incentivar a ser melhor.

Ao Departamento de Projeto e Comunicação, por me estimular ao saber-fazer.

À Ana Medeiros e Inês Melo, pela amizade, companheirismo e partilha das *dores de parto*.

À Rosa Alice, pelas descomprometidas conversas que tanto ajudaram a sonhar.

Ao Lucio Magri, pela ajuda na tentativa de encontrar um azimute.

À Joana Santos pela compreensão e paciência.

À minha família pelo imensurável carinho e apoio.

À Rosa Branca pela partilha da adolescência na Rua Brito Capelo.

À constante amizade, encorajamento e presença de Joana Macedo, Sara Westermann, Joana Rita e Joana Loureiro.

A todos os inquiridos e comerciantes que me presentearam com seu tempo, carinho e generosidade na partilha das suas vivências e histórias.

E ainda pelo interesse e disponibilidade de

Joel Cleto

Câmara Municipal de Matosinhos

Matosinhos Habit

Filipe Lopes

Miguel Novo

Vitor, Tipografia Nunes & Rocha

Mário Jorge, Molográfica

Senhor Carvalho

# Resumo

**“Ensaio Visual sobre a Rua Brito Capelo”** é um projeto de Mestrado em Design de Comunicação centrado no cruzamento entre a reflexão, representação e análise do espaço público urbano e a investigação em design de comunicação. O projeto toma como caso de estudo a Rua Brito Capelo, uma das mais emblemáticas artérias de Matosinhos, escolhida quer pela relevância histórica, social e económica ao longo do século XX, quer pela importância que lhe vem sendo dada na requalificação futura na Quadra Marítima (Áreas de Reabilitação Urbana – ARU’s – criada em 2006) de Matosinhos.

O projeto resulta num ensaio visual e articula-se com uma breve componente teórica que visa enquadrar a investigação desenvolvida, explicitar os procedimentos metodológicos e identificar os conceitos, construídos na sequência da análise observacional da Rua, que estruturam o projeto: transeuntes; movimento; som; emoção; cor; cheiro; paladar; desabafo; quotidiano.

Na sequência do processo de investigação, pareceu-nos adequado não circunscrevermos as possibilidades do design de comunicação à componente da ilustração ou representação visual da análise quantitativa operada. Assim de modo distinto, propõem-se uma articulação mais efetiva entre observação, questionário e entrevista semiestruturada, pesquisa e registo visual, conciliando métodos mais próximos da antropologia contemporânea, com ferramentas de design relacional e de design gráfico (projeto fotográfico e infografia). De forma análoga, não se contemplaram, como objeto de análise, apenas dados quantitativos, assumindo-se como parte da análise, elementos sensoriais ou subjetivos, como o paladar ou o desabafo.

A intenção primordial do projeto passa por descobrir e entender os processos da cidade, levar-nos a uma aproximação conceptual e metodológica, numa convergência de múltiplas abordagens disciplinares. Deste modo, acreditamos ter ficado mais próximos do objetivo deste trabalho: o de identificar, mapear e interpretar as respostas ao questionário realizado na Rua, na tentativa de contribuir para a caracterização e compreensão de um possível ADN da cidade de Matosinhos a partir da Rua Brito Capelo.

## **Palavras-chave**

Design de Comunicação; Espaço Público Urbano; Rua Brito Capelo; Ensaio Visual; Objecto-Livro.

# Abstract

The **“Visual Essay about the “Brito Capelo Street”** is a project of the Master’s in Communication Design which focuses on the interactions between the reflection, representation and analysis of the urban public space and the research about communication design. This project’s case study is the “Brito Capelo Street”, one of the most iconic streets of Matosinhos, chosen for its historical, social and economic relevance throughout the 20th century, as well as the importance that has been given to it in the future requalification of the “Quadra Marítima” (ARU created in 2006) in Matosinhos.

The project results in a visual essay and connects with a small theoretical component, which aims at framing the research carried out, specifying the methodological procedures and identifying the concepts that support the project, which were created following the observational analysis of the Street: passers-by; movement; sound; emotion, colour, smell, taste; confessions; everyday life.

Following the research process, we felt that it was appropriate not to circumscribe the possibilities of the communication design to the component of the illustration or visual representation of the quantitative analysis used. Therefore, we propose a more effective interaction between observation, questionnaire, semi-structured interview research and visual record, combining methods closer to contemporary anthropology, with relational and graphic design tools (photographic project and computer graphics). Similarly, the quantitative data was not the only aspect taken into account in the analysis process, given that sensory or subjective elements were also a part of this analysis, like the taste or the confessions.

The primary objective of this Project is to discover and understand the city’s processes, which leads us to a conceptual and methodological approach, in a convergence of multiple disciplinary efforts. Therefore, we believe that we moved closer to the goal of this project: to identify, map and interpret the responses to the questionnaire carried out in the Street, in an attempt to contribute to the characterization and comprehension of a possible DNA of the city of Matosinhos, based on the “Brito Capelo Street”.

## **Keywords**

Communication Design; Urban Public Space; Brito Capelo Street; Visual Essay; Book-object.

# Índice Geral

3	Dedicatória
5	Agradecimentos
6	Palavras-chave / Resumo
7	Keywords / Abstract
9	Introdução
10	<b>1. Porque gostamos de cidades</b>
11	1.1 Enquadramento e Motivações
12	1.2 Introdução
13	1.3 Contextualização do Projeto
14	<b>2. A memória como epígrafe</b>
15	2.1 As origens e história de Matosinhos
16	2.2 Nome da Rua
17	2.3 Foco na Rua Brito Capelo
18	2.4 Memória da Rua
19	<b>3. Descrição do processo de investigação</b>
20	3.1 Metodologias de Investigação e Objetivos
21	3.2 Procedimentos Metodológicos
22	3.3 Questionário
23	<b>4. Observando a Rua</b>
24	4.1 Escalamento fotográfico
25	4.2 Áreas de Reabilitação Urbana –ARU’s
26	Levantamento do espaço urbano edificado e caracterização
27	de intervenção para criação de ARU’s (anexo documento
28	Câmara Municipal de Matosinhos)
29	4.3 Os Transeuntes
30	4.4 O Movimento
31	4.5 O Som
32	4.6 A Emoção
33	4.7 A Cor
34	4.8 O Cheiro
35	4.9 O Paladar
36	4.10 O Desabafo
37	4.11 O Quotidiano
38	Considerações finais
39	Referências Bibliográficas
40	<b>Anexos</b>
	I. Documento da <i>Matosinhos Habit</i> – ARU’s
	II. Questionário
	III. As Conversas

# Introdução

“A cidade marca-nos e nós marcamos as cidades e devíamos gostar mais delas para que elas gostassem (ainda) mais de nós” (GRAÇA DIAS, 2006, P.22)

Acreditamos, tal como o Arq. Manuel Graça Dias, que devemos gostar mais das cidades para que elas gostem (ainda) mais de nós. No projeto de Mestrado que aqui se apresenta, coincidem uma escolha ponderada de tema e modelo de abordagem que acreditamos ser adequada a uma investigação de mestrado em design de comunicação, e um gosto, com a sua forte dimensão de subjetividade, pelas cidades e, em particular, pela nossa cidade (Matosinhos) e pela sua mais emblemática rua: Brito Capelo.

Estudar a cidade, seja qual for a perspetiva disciplinar do estudo, é uma tarefa urgente e exigente. Os processos de transformação que marcam as cidades contemporâneas e a rapidez com se efetuam produzem no espaço público profundas e importantes mudanças. Diferentes contornos espaciais, novas realidades culturais e demográficas e diferentes meios de comunicação e interação social provocam alterações em sistemas de orientação e mobilidade, em hábitos de relação, uso do comportamento e participação na cidade.

No espaço público confluem interesses procedentes da sociedade civil e da comunidade local, da iniciativa privada e dos poderes públicos das administrações e das instituições culturais. A cultura e o lazer, o desenvolvimento urbano e as novas formas de comércio e de intercâmbio convertem as cidades em plataformas de comunicação e relação. O espaço transforma-se na inter-relação entre lugares e fluxos.

Perante este contexto, o da cidade contemporânea, levantamos uma questão de investigação central: estará a identidade dos lugares crescentemente dependente do modo como eles comunicam, da forma como o espaço está dotado de meios que permitem informar e orientar os transeuntes?

Da sua colocação genérica, a questão da identidade da cidade, evolui para a sua colocação particular e contextualizada: qual é a identidade atual da Rua Brito Capelo? Será possível identificar e representar o ADN da Rua? A identidade da Rua Brito Capelo traduzirá a identidade contemporânea de Matosinhos?

A estas questões associámos uma outra, que visa testar a capacidade do designer de comunicação enquanto mediador, talvez mesmo etnógrafo visual, com o objetivo fundamental de compreender e potenciar a identidade, cultura e tradição de um espaço que reflete a heterogeneidade possível no interior de uma sociedade globalizada.

O ensaio visual que resulta desta investigação de mestrado sintetiza um processo longo e laborioso ao longo do qual se foram articulando metodologias das ciências sociais e metodologias de design.

Tal como se enquadra e descreve no **Capítulo 1, “Porque Gostamos de cidades”**, é impossível estudar a cidade a partir de um único ponto de vista. Neste primeiro capítulo, procedemos à definição etimológica do termo cidade (*polis*; *civitas*); analisamos a complexidade de que se reveste o estudo da cidade contemporânea; e identificamos a importância da articulação entre uma análise macro-espacial com uma análise micro-espacial, atenta aos detalhes, às vivências, aos pormenores gerados pelo quotidiano.

No **Capítulo 2, “A memória como epígrafe”**, é narrada a evolução histórica da cidade de Matosinhos, referida a importância do nome das ruas e enquadrada a Rua Brito Capelo, a sua importância passada e atual, o processo de transformação que a tem marcado e ainda marca.

O **Capítulo 3, “Descrição do processo de investigação”**, explicita-se, descreve-se e justifica-se o modo como o estudo se desenvolve através de metodologias qualitativas próprias das Ciências Sociais, recorrendo nomeadamente aos contributos próprios da Antropologia Cultural, da Sociologia, e da História e, nesse sentido, as metodologias adotadas passaram pela observação participada e pela pesquisa em arquivos, em articulação com a prática do projeto de design de comunicação.

O processo de investigação contemplou três grandes fases:

Numa primeira fase, procedeu-se a um exaustivo registo e levantamento fotográfico da rua, desenvolvido sob a metáfora do *escalamento* apresentado no subcapítulo 4.1.

Numa segunda fase, procedeu-se à auscultação e inquérito a frequentadores, moradores e lojistas da Rua Brito Capelo. Pretendíamos questionar: Porque estaria a rua Brito Capelo desertificada?; O que faria as pessoas regressar à Rua?; O que pensariam os habitantes que lá vivem?; O que pensariam os transeuntes que lá passam?; O que pensariam os comerciantes que lá fazem o seu ganha-pão?; Quais as ações que poderiam dar vida à Rua outra vez?

O carácter projetual fez transparecer as suas inquietudes, conduzindo à formulação de algumas questões para auscultar o corpo cidadão, com o intuito de o compreender um pouco mais no sentido de alcançar um novo entendimento sobre a rua.

O resultado apresenta-se sob a forma de um **Ensaio Visual**. Desenvolvido com o objetivo de identificar, mapear, interpretar as respostas ao questionário realizado na Rua, na tentativa de contribuir para a caracterização e compreensão de um possível ADN da cidade de Matosinhos a partir da Rua Brito Capelo.

# 1. Porque gostamos de cidades

“Gosto de falar da vida nas (das) cidades. Da vida que ainda pode ser generosa, complexa, imprevista, caótica, múltipla e dos diversos obstáculos que a tolhem”

(GRAÇA DIAS, 2006, P. 22)

# 1.1. Enquadramento e Motivações

Em “*Manual das Cidades*”, Manuel Graça Dias coloca um conjunto de questões que, no essencial, as próprias cidades com frequência nos despertam e que podemos tomar como questões de investigação:

“Porque gostamos de cidades? O que gostamos nas cidades? Porque é que as cidades nos atraem? E, por outro lado, o que nos desgosta nelas? O que nos desagrada no modo como continuam a crescer e a evoluir? O que poderemos fazer para continuar a gostar das cidades? De viver nas cidades?” (GRAÇA DIAS, 2006, P. 11)

Segundo GRAÇA DIAS, o território delimitado a que chamamos cidade confina vários espaços sucessivos mas permite-nos assistir ao trabalho dos outros, beneficiar desses trabalhos, contribuir com o nosso, encontrar respostas para as mais inúmeras questões e diferenças e, no final, chamar-lhe território coletivo. Contudo, SOLÀ-MORALES (2008) defende que a explicação de uma cidade é tão complexa como rica em significados, tendo em conta as singularidades que constituem a sua identidade, quer seja pelo seu carácter morfológico, social ou cultural, quer seja pelo seu paradigma e a sua estrutura profunda. Contemporâneo de SOLÀ-MORALES, FERNANDO CHUECA GOITIA (2010) afirma que estudar cidades é um tema demasiado amplo e difuso, impossível a partir de um único ponto de vista, tendo em conta a quantidade de âmbitos que este teria de alcançar:

“Pode estudar-se uma cidade sob um número infinito de ângulos. O da história: “a história universal é história de cidades”, disse SPENGLER; o da geografia: “a natureza prepara o local e o homem organiza-o de maneira a satisfazer as suas necessidades e desejos”, afirma VIDAL DE LA BLACHE; o da economia: “em nenhuma civilização a vida das cidades se desenvolveu independentemente do comércio e da indústria” (PIRENNE); o da Política: a cidade, segundo Aristóteles, é um certo número de cidadãos; o da sociologia: “a cidade é a forma e o símbolo de uma relação social integrada” (MUMFORD); o da arte e arquitetura: “a grandeza da arquitetura está ligada à da cidade, e a solidez das instituições costuma avalar-se pela dos muros que as protegem” (ALBERTI) (CHUECA GOITIA, 2010, P. 9).

A primeira grande dificuldade com que nos deparamos é com a definição de cidade. Partindo de MASSIMO CARRIARI (2009), o termo *cidade* pode assumir diferentes enunciações: *pólis* — termo grego que identifica a residência, o lugar onde as pessoas têm as suas raízes, tradições e costumes; e *civitas* — termo latino que é entendido como um conjunto de pessoas que se reúnem para dar vida a uma cidade e estão submetidas às mesmas leis. Na civilização grega, a cidade é fundamentalmente a unidade de pessoas e, portanto, consegue entender-se a *pólis*, a ideia que remete para um todo orgânico e antecede a ideia de cidadão. Em contraponto, Roma, desde as origens — e o próprio mito fundador romano

de Rómulo e Remo é exemplo — a cidade é confluência, convergência de pessoas muito diferentes no que toca a religião, etnias, etc., e que só concordam entre si em virtude da lei. Segundo a mitologia romana, Rómulo e Remo foram dois irmãos gémeos, filhos do Deus da Guerra Marte e da mortal Réia Sílvia. Ao nascer, os dois irmãos foram abandonados junto ao rio Tibre e salvos por uma loba, que os amamentou e protegeu. Por fim, um pastor recolheu-os e deu-lhes os nomes de Rómulo e Remo. Em adultos, Rómulo e Remo regressaram a Alba Longa, onde devolveram o trono da cidade ao seu legítimo sucessor, o avô Numitor, e onde receberam a permissão para fundar a cidade de Roma. Esta permissão gerou uma enorme disputa entre os irmãos e originou uma discussão que viria a terminar com a morte de Remo. Rómulo, após matar o irmão, fundou a cidade de Roma sobre as sete colinas, onde foi o seu primeiro rei. Uma das suas primeiras preocupações foi povoá-la de uma forma eclética, desde pastores a bandidos, de escravos a fugitivos e, nesse sentido, criou o Capitólio que viria a ser o refúgio para os devedores, assassinos e aventureiros. O modelo da cidade romana é o modelo que mais se aproxima da cidade como hoje a conhecemos.

ORTEGA Y GASSET considera que a cidade por excelência é a cidade clássica e mediterrânica, onde o elemento fundamental é a praça:

“A urbe – diz ele – é, antes de mais, o seguinte: praceta, ágora, local para conversar discussão, eloquência, política. Em rigor, a urbe clássica não devia ter casas, mas apenas fachadas necessárias para delimitar uma praça, cena artificial que o animal político retira ao espaço agrícola” (ORTEGA Y GASSET, 2004, A PARTIR DE CHUECA GOITIA, 2010, P.11).

Ainda que constatemos uma análise polissémica, a tarefa de a resumir numa única definição abordagens tão diferentes torna-se muito difícil, não sendo de estranhar que vários autores parecem contradizer-se quando o que acontece na realidade é que predomina, em cada um deles, uma determinada perspetiva: GRAÇA DIAS enquanto território coletivo; SOLÀ-MORALES enquanto a riqueza nas singularidades que constituem a identidade da cidade; CHUECA GOITIA enquanto a impossibilidade de eleger um único ponto de vista; CARRIARI enquanto a origem da sua definição polis e civitas e ORTEGA Y GASSET enquanto cidade clássica e mediterrânica onde a praça é o elemento primordial. De acordo com SPENGLER, “o que distingue a cidade da aldeia não é a extensão, nem o tamanho, mas a presença de uma alma da cidade...” (SPENGLER, 2007, A PARTIR GOITIA CHUECA, 2010, P.17). O verdadeiro milagre acontece, portanto, quando nasce a alma da cidade. Identificamos a cidade como uma escala macro de território e, por oposição, a sua escala micro serão a rua, os seus edifícios

e a arquitetura que a pontua. A forma como nos apropriamos destes espaços faz com que sejam permanentemente reinventados, impregnando-os de outras perspetivas. Descobrem-se caminhos e segredos tateados pelo conhecimento que a cidade tem para contar, das histórias dos seus habitantes e das suas idiosincrasias que vão ao encontro do sentido da paisagem urbana. Sentir a cidade é redesenhá-la a partir da oposição que cada um ocupa (ANTUNES, 2010, P.138). Nesse sentido, é vital reconhecer a importância da Rua Brito Capelo como uma das artérias mais importantes de Matosinhos. E tal como ORTEGA Y GASSET e SPENGLER defendem, o que diferencia uma cidade de outro espaço, são as pessoas, a forma como experienciam o território, como se apropriam para além da vida do dia-a-dia, a sua participação cívica, o seu olhar ativo, o ouvir, o sentir, o criar, o intervir, o debater, o desabafar e estes são os motes para uma alavanca invisível de um futuro tão desejado.

## 1.2. Introdução

A geografia humana do final do século XX focou uma crescente atenção na análise da sintaxe do espaço da cidade. BILL HILLIER, no ensaio *The Common Language of Space* resumia o essencial dos argumentos então propostos:

“A ideia aqui proposta é que a ‘lógica generativa’ da cidade diz essencialmente respeito ao espaço: mais precisamente sobre como uma agregação ora remendada ora ordeira de edifícios cria um padrão contínuo de espaço que conecta esses edifícios num sistema e que, ao fazê-lo, tal constitui, só por si, a estrutura essencial da cidade” (SOJA, 2005, p. 308).

A “estrutura essencial da cidade”, ao ser identificada pelo levantamento da sua sintaxe, possibilitava uma análise mensurável, quantificável e objetivável, interessante para legitimar um olhar científico sobre a cidade mas, por outro lado, não só cingia a “linguagem espacial comum” a um conjunto de elementos tangíveis como tendia a não identificar os elementos divergentes, as diferenças e as linguagens dissonantes de que o espaço da cidade é igualmente rico. SOJA (2005) Nesta investigação interessa-nos considerar a sintaxe da cidade mas indo para além dela, ou seja, para além de uma conceção física do espaço, pretende-se observar como o espaço é habitado, percorrido, experienciado: interessa-nos representar a cidade como organismo vivo.

A cidade como organismo vivo existe sem facilidades aparentes e sem felicidades artificiais: a dose generosa de trabalho equipara-se à realidade vivida no dia-a-dia. Este reconhecimento possibilita a colocação de questões específicas no campo do design de comunicação: Como pode o designer de comunicação, com as suas ferramentas, registar elementos identitários de uma cidade?; Que ferramentas possui o design de comunicação que sejam úteis para a representação e análise do ADN de um local?

A metáfora biológica do ADN aplicada ao estudo de uma cidade não é inédita. O estudo desenvolvido por ANNE MIKOLEIT E MORITZ PÜRCKHAUER (2010) reunido no livro *Urban Code: 100 Lessons for Understanding the City*, explora esta metáfora, desenvolvendo uma metodologia que se revelou importante no processo de investigação. Neste livro, os autores assumem que as cidades falam, e que sempre foi necessário entender a sua linguagem. A apropriação do espaço público pelos transeuntes é seminal no seu estudo. Ao ponto de vista do urbanista associa-se o do observador atento e contador de histórias, que tenta apreender e identificar padrões de relação entre pessoas e o ambiente urbano. As relações que emergem permitem a elaboração de um discurso, por vezes narrativo, onde a descoberta do que está por detrás ou para além da sintaxe das cenas que caracterizam a cidade é um ponto de partida e também um ponto de chegada.

Num ensaio publicado em meados do século XX, ROBERT E. PARK (1967), um dos pioneiros da Sociologia Urbana, defendia a importância de se fazer da cidade o laboratório de análise, por excelência, de uma sociedade. Contudo, como nota EDWARD SOJA, os argumentos da sociologia urbana “acabaram por se articular em torno de uma concepção fisicalista do espaço como sendo algo exterior à sociedade, um ambiente naturalizado, um contentor de fundo ou palco” (SOJA, 2005, p. 301-309). A intenção de construir um olhar científico sobre a cidade conduziu gradualmente a um olhar distanciado e à perda de conhecimento de elementos que só podem ser reconhecidos no envolvimento e na experiência. Esta consciência leva a que, na viragem para o século XXI, a cidade se torne verdadeiramente “laboratório”, que se percorre, com a qual se interage, com a qual o investigador se envolve. O trabalho do coletivo STALKER é, a este respeito, interessante: os seus projetos iniciam-se com uma walkshop, a experiência inicial de conhecimento da cidade é dada pelo percurso pedonal e pelo registo desse processo de descoberta. A primeira narrativa sobre a cidade é constituída precisamente pelo registo deste processo (STALKER/OSSERVATORIO NOMADE, 1995).

Neste projeto pretendemos construir o que podemos designar de narrativa visual cinestésica. Embora essa narrativa seja apresentada em suporte bidimensional e explore, no essencial, ferramentas de visualização, a informação sobre a qual se trabalha vai desde a sintaxe espacial até aos aspetos identificados numa relação pragmática com o lugar: transeuntes, movimentos, sons, emoções, cores, cheiros, paladares, desabafos, conversas. O foco da presente investigação é muito concreto e distinto da maioria dos projetos desenvolvidos quer na área da sociologia urbana, quer do design de comunicação que parte da cidade ou a ela se dirige. Tem como ambição a produção de um documento capaz de propor uma representação visual da Rua Brito Capelo, sendo por isso marcadamente contextualizado e específico mas possibilitando, simultaneamente, a sua adaptação para a caracterização de outros espaços urbanos. Esta abordagem revelar-se-á enquanto caso de estudo, escolhido quer pela sua identidade e conjunto de características diferenciadoras, quer pela sua representatividade e possibilidades de extrapolação para outras cidades nacionais. Acreditamos que este é um espaço representativo do que acontece em inúmeras outras cidades portuguesas, não só pelos territórios repletos de incongruências, nus, sem roupas ou maquilhagem mas também pelos espaços carregados de memória, e onde urge ler o território através das suas pessoas.

A construção de uma narrativa visual cinestésica de um espaço de passagem, profundamente associado ao comércio — em oposição direta aos dados estatísticos — foi o ponto de partida para o projeto de investigação que se desenvolve

a partir do conceito de *Doing Sensory Ethnography* (PINK, 2009), método que nos últimos anos tem vindo a valorizar os processos de recolhas cada vez mais detalhados e multi-sensoriais, de forma a aprender, entender e representar a vida das outras pessoas como peça central e fundamental na aplicação das ciências humanas a uma abordagem prática ambiciosa que procura encontrar formas de pensamento crítico através do Design de Comunicação, cruzando-o com disciplinas como a Sociologia Urbana, a Semiótica e a Infografia, numa problematização de temas ligados à desertificação de uma das mais importantes artérias comerciais da Cidade de Matosinhos – a Rua Brito Capelo.

## 1.3. Contextualização do Projeto

A génese desta investigação de Mestrado reside no projeto da Orla Costeira de Matosinhos, solicitado ao Gabinete de Comunicação e projetos da ESAD em 2007 pela Câmara Municipal de Matosinhos, e onde foram levantadas várias questões sobre o posicionamento da cidade. Tais como: Onde estamos? O que queremos? Com quem o vamos conseguir? Como o vamos fazer?

“Transformar uma cidade num espaço de qualidade de vida para todos os cidadãos e para as suas organizações está ao alcance de todas as cidades, inclusive das mais deprimidas. O problema não está no dinheiro: está sim numa vontade cívica e política e numa visão de um futuro partilhado” (PUIG, 2013, TRADUÇÃO LIVRE).

A marca “cidade” é um conceito criado por TONI PUIG, especialista em gestão cultural e comunicação governamental, tendo sido um dos grandes impulsores na reinvenção da cidade de Barcelona. Em “*communicates B comunica*”, PUIG (2003) afirma que a marca é o município, que é necessário pensá-la, construí-la e utilizá-la e, nesse sentido, enumeramos vários objetivos sobre os quais nos propusemos a trabalhar.

A concretização dos diversos objetivos impôs um desenvolvimento projetual com diversas fases. Uma primeira fase do projeto exigiu um aturado processo de investigação, recolha e análise de diversos materiais — envolvendo desde questões toponímicas a questões ergonómicas — que foi fundamental para permitir um exaustivo conhecimento de cada praia e a sua integração num plano unificado de uma orla costeira desejada. As especificidades de cada local traduziram-se em desafios particulares do projeto e com a coerência global foi, de resto, um dos aspectos determinantes do projeto. Todo o projeto seria impensável sem uma comunicação com os cidadãos, sem entender as suas necessidades, os problemas, as ânsias, os seus desejos.

Tendo como premissa a criação uma cidade desejada, com um estilo de vida qualificado e saudável, onde as pessoas quisessem viver, elevou-se o designer ao papel de mediador no processo projetual, onde enlaçou o design como uma forma de sentir e construir com o objetivo de lhe dar voz e permitir-lhe criar diálogos revigorados, renovadas possibilidades de experiência entre o espaço deslumbrante da Orla Costeira e os seus potenciais utentes. Este projeto, para além de laboratório criativo, foi também um laboratório de metodologias projetuais, e onde o trabalho de campo foi fundamental.

“Encontrar o caminho não é um dom inato reservado a alguns. É sim uma pré-condição para própria vida. A nossa abordagem para todo o tipo de ambientes faz parte da nossa existência. Viver com as nossas respetivas formas de navegar é uma premissa básica para a nossa liberdade e a nossa auto-confiança. Saber onde estou, a minha localização, é uma condição prévia para saber onde tenho que ir, independentemente do destino.” (AICHER, 1994, A PARTIR DE UEBELLE, 2007, P.7 TRADUÇÃO LIVRE)

Baseado no “*Signage Systems & Information Graphics - A Professional Sourcebook*”, de ANDREAS UEBELLE (2007) e à luz de OTL AICHER, foi desenvolvido para cada uma das praias: (1) um estudo de identidade; (2) uma análise da realidade e implementação, bem como da denominação (e, em alguns casos, denominações); (3) um levantamento das formas de comunicação e promoção institucionais praticadas à data e para cada caso, e seguidos da construção, (4) um organigrama operativo e de recolha e análise de todo o material comunicacional, incluindo investigações empíricas sobre a aceitação da imagem de marca.

A identidade dos lugares está crescentemente dependente do modo como eles conosco comunicam, da forma como o espaço está dotado de meios que permitem informar e orientar os utentes permitindo uma real habitabilidade do lugar. A construção da identidade visual afigurou-se tão necessária como exigente. À sua evidente necessidade — foi a ordenação informativa do espaço que permitiu a sua ideal utilização — cresceu a sedutora dificuldade de criar uma linguagem identitária e um sistema de comunicação para um espaço territorialmente tão vasto e diversificado. A solução passou por explorar elementos que remetessem para o modo como naturalmente é percecionada a praia e o mar. A necessidade de integrar uma linguagem abstrata e universal levou à criação de um sistema de informação que teve por base o código de sinalização internacional de bandeiras que forneceu, de certa forma, uma matriz cromática transversal ao projeto.

As necessidades do projeto levaram à criação de uma equipa multidisciplinar, envolvendo diversos agentes — designers gráficos, ilustradores, designers industriais, arquitetos, engenheiros do ambiente, entre outros — que vieram dotar o renovado espaço da Orla Costeira de novas dimensões comunicativas, permitindo novas formas de diálogo e inúmeras possibilidades de interação.

A experiência do trabalho da Orla Costeira foi de elevada importância para entender que o processo metodológico poderia ser aplicado noutros contextos e noutras zonas carenciadas da cidade, como é o caso da Rua Brito Capelo uma das ruas mais emblemáticas de Matosinhos.

## 2. A memória como epígrafe

“Mas a cidade não conta o seu passado, contém-no como as linhas da mão, escrito nas esquinas das ruas, nas grades das janelas, nos corrimões das escadas, nas antenas dos para-raios, nos postes das bandeiras, cada segmento marcado por sua vez de arranhões, riscos, cortes e entalhes...”

(CALVINO, 2010, P.14)

+

+

+

+

+

+

+

+



## 2.1. Origens e História de Matosinhos

“O Património e a Memória são como um cimento que agrega as comunidades. O Passado tem, por isso, uma função social e só faz realmente sentido se utilizado no Presente e no Futuro” (CLETO, 2007, p.33)

Matosinhos tem traços de uma cidade recente, em que a sua história se escreve pela forte ligação ao mar e à indústria conserveira. Contudo, a sua história remonta ao velho Castro Lusitano-Romano de Guifões, ativo ao Estuário do Leça e local onde nasceram as suas raízes, oferecendo uma privilegiada localização para ancoragem de embarcações e culminando com a construção do Porto de Abrigo de Leixões. Este pequeno lugar medieval sob a designação *Matesinus* foi crescendo e transformou-se ao longo dos séculos XV e XVI num importante povoado para o Rei Manuel I.

Nesta terra de abundância eram atividades como a agricultura nos férteis campos do Vale do Leça e as pescarias no Rio e no Mar que serviam de iniciação aos mareantes que colaboraram na aventura dos Descobrimentos. O elevado número de naturais de Matosinhos-Leça nomeados capitães de navios no século XIX comprova-o. A união da população era também manifestada pela Fé Cristã, simbolizada ao culto ancestral do Bom Jesus de Matosinhos (CLETO, 1994).

Vários marítimos e navegadores matosinhenses salientaram-se na expansão marítima, como Gonçalves Zarco, descobridor das ilhas da Madeira e Porto Santo, ou Sancho Pires, aventureiro Matosinhense que se destacou no oriente. A nossa viagem seguirá a rota do oficial da Marinha Portuguesa, e do explorador do continente africano durante o último quartel do século XX e responsável — em parceria com Roberto Ivens — pela célebre travessia entre Angola e a costa do Índico, Hermenegildo Carlos de Brito Capelo (SILVA ET AL., 2001).

## 2.2. Nome da Rua

Hermenegildo Carlos de Brito Capelo, oficial da marinha reconhecido pelas suas explorações em África aos territórios de Angola e Moçambique e as bacias hidrográficas do Zaire e do Zambeze, em conjunto com Serpa Pinto e Roberto Ivens, tinha como missão encontrar uma via de comunicação entre Angola e Moçambique. Desta missão nasceram dois célebres relatos, de autoria de Capelo e Ivens, designados *De Angola à Contracosta* e *De Benguela às Terras de Iaca*. Brito Capelo foi também presidente da Comissão Cartográfica e organizador de uma carta geográfica de Angola (INFOPÉDIA, 2003).

Contudo, a rua que hoje conhecemos como Rua Brito Capelo não teve sempre esta designação. Inicialmente denominada Juncal de Cima, só em 1890, com uma proposta do vereador Joaquim do Rosário Ferreira, foi deliberada a designação atual, assim como muitas outras artérias da então Vila de Matosinhos (CASTRO FREITAS, 2014).

## 2.3. Foco na Rua Brito Capelo

A Rua Brito Capelo foi sempre considerada a sala de visitas de Matosinhos sendo que, a partir dos anos 30, esta artéria da cidade foi reconhecida como o verdadeiro coração da urbe com a instalação da Câmara Municipal de Matosinhos e os numerosos estabelecimentos comerciais. Nessa época, a rua fervilhava com as padeiras, leiteiras, peixeiras e os mais diversos vendedores ambulantes, com os seus típicos pregões, indo de porta em porta vender as suas mercadorias (GALANTE DE MATOSINHOS, 2005).

A Rua Brito Capelo iniciava perto da que outrora se designou como Ponte Metálica (a atual Ponte Móvel de Leça), mandada construir pela Companhia de Carris de Ferro do Porto. A ponte revelou-se de enorme importância para permitir a travessia dos carros elétricos sobre o Rio Leça. Entre essa ponte, que se situava sensivelmente no local da atual ponte móvel, ao nível dos Cais e a Ponte de Pedra, encontrávamos a antiga Alameda de Matosinhos, era o Centro Cívico de Matosinhos. Junto da antiga Ponte Metálica, pela qual passavam os elétricos de e para Matosinhos-Leça-Matosinhos, havia uma lingueta, que descia do cimo da rua até ao Rio, mesmo na baixa-mar, sendo frequente ver-se um ou outro bote (pequeno barco a remos) encalhado, a secar, enquanto que no Rio outros se encontravam fundeados (GALANTE DE MATOSINHOS, 2005).

## 2.4. Memória da Rua

Matosinhos, comunidade de tradições, valores espirituais e culturais seculares, cumpre sua mais alta expressão nas antigas romarias que hoje identificamos como o culto ao Bom Jesus de Matosinhos. Conta a história que as decorações da antiga romaria com mastros, bandeiras e balões de papel de cores garridas, iluminados com tijelinhas de cera, tinham início da Juncal de Cima (Brito Capelo), junto à atual Confeitaria Carioca, estendendo-se pela Rua de S. Roque, R. Dr. José Ventura (antiga Rua da Igreja) até à tortuosa Rua de Santana e ao Adro, onde culminava com a iluminação da fachada da Igreja (GALANTE DE MATOSINHOS, 2008).

De acordo com ANTÓNIO J. GOMES (2005), no séc. XIX as grandes atividades económicas de Matosinhos localizavam-se na Rua Juncal de Cima (Brito Capelo), onde se viriam a fixar inúmeros armazéns de géneros alimentares e não só, desde vinhos, cervejas e refrescos, talhos, tabacarias a armazéns de secos, farmácias, ourivesarias, relojarias, chapelarias, sapatarias e tecidos.

Os tecidos eram um dos sectores de atividades comercial mais fortes da antiga vila, visto que não existiam casas de pronto-a-vestir, e o processo era que cada particular comprava o seu tecido e encomendava o modelo a uma costureira ou a um alfaiate. Algumas das casas mais emblemáticas e importantes da rua foram: a *Loja do Povo*, conhecida pelas fazendas brancas, miudezas e lenços de seda; a *Casa Lisbonense*, que se intitulava em 1898 como a melhor loja de tecidos de Matosinhos; a *Casa Ribeiro* no ramo das fazendas e das roupas e a *Casa União* nas fazendas e miudezas. Embora uma grande parte lojas de tecidos funcionassem como bazar, apenas uma assumiu publicamente o nome de *Bazar de Matosinhos*, onde se comercializava mercearias, louças, fazendas, miudezas, colchoaria e móveis (GOMES, 2005).

Esta não pretende ser uma análise exaustiva da história da Rua Brito Capelo. Pretende, sim, ser uma breve memória do porquê desta ser uma das artérias comerciais mais importantes de Matosinhos e também uma porta de entrada para o projeto sobre o qual nos vamos debruçar.

### 3. Descrição do processo de investigação

“Lugar do verbo desvalorizado, o entre-dois é simultaneamente o lugar dos cruzamentos simétricos. A sua população é construída por um fluxo e refluxo de ondas: uma vai para outra vem de — os que partem enfiam uma após outra as vestes dos que chegam.”

(ONFRAY, 2009, P.39)

## 3.1. Metodologias de Investigação e Objetivos

Segundo KRAFTA (2010) as transformações recentes da urbanidade e as múltiplas configurações urbanas que a cidade contemporânea assume têm promovido um crescente interesse pelas questões de identidade, da diferença, das características particulares (físicas, humanas, simbólicas) que qualificando uma cidade, a tornam única. A identificação e análise do ADN de uma cidade está inscrita igualmente em projetos recentes de design de comunicação envolvidos num esforço de registar, mapear ou representar, pelos mais diversos meios, esses elementos — ora tangíveis ora intangíveis — que nos levam a gostar de uma cidade (LENNARD, 1995).

O presente projeto de investigação surgiu deste encontro: o encontro entre o gosto pela cidade de Matosinhos (e a vontade de traduzir essa relação emocional numa abordagem científica) e o interesse em desenvolver uma investigação metodologicamente sustentada, que pudesse dar a conhecer o ADN da principal artéria de Matosinhos: a Rua Brito Capelo.

No curso da investigação foi tornado claro que a perspetiva do investigador distanciado não seria suficiente. Ao trabalho de levantamento do espaço urbano edificado e de caracterização de intervenção para criação de aru's, ao trabalho de observação e registo, em diferentes datas e momentos do dia, ter-se-ia de assumir a exploração de metodologias etnográficas e antropológicas. Para tal, foi necessário trabalhar a memória, auscultar (através de entrevistas semi-estruturadas) os moradores, explorar ferramentas de design de comunicação, de *visual mapping* e infografia (LIMA, 2011; KLANTEN, 2010). De forma a conseguir trabalhar ritmos e emoções, elementos sensoriais entre outros, em que todos se tornaram determinantes na construção da identidade da rua: o movimento, os sons, as emoções, as cores, os cheiros, os paladares, os desabafos, e as conversas.

Conforme SANTOS SILVA & MADUREIRA (1986) afirmam, a estratégia de investigação não pode ser definida à imagem da filosofia clássica, invocando normas lógicas tidas como imutáveis e procurando fixar para sempre as condições de possibilidade e de coerência da ciência. A distinção aparece através do ponto de vista epistemológico, que procura estabelecer uma reflexão sobre a ciência efetiva, a ciência que se fez, e aceitando a historicidade dos princípios de que ela parte, dos processos que utiliza e dos resultados a que chega.

O enquadramento da investigação dá razão a FERREIRA & SERRA (2009) quando afirmam que o investigador analisa dados através de métodos quantitativos e qualitativos. E, num estudo de caso, dificilmente conseguirá não incluir uma forte componente de interpretação pessoal. Existe também uma componente de interpretação na ligação entre a questão de investigação, a revisão de literatura e

## 3.2. Procedimentos Metodológicos

o caso de estudo da discussão final. A opção sobre o método utilizado incidiu sobre a análise quantitativa. Contudo, no desenvolvimento do questionário para auscultar o corpo cidadão, as perguntas eram abertas, criando assim espaço de participação no processo aos inquiridos sendo estes o próprio motor de trabalho. No final o método utilizado revelou-se estar mais próximo de uma análise qualitativa do que quantitativa.

Segundo Ferreira a partir de SANTOS SILVA & MADUREIRA PINTO, é metodologicamente e epistemologicamente razoável afirmar que o uso sociológico do inquérito deverá ser feito em articulação com outras técnicas, e que só na multiplicidade de fontes empíricas, na validade que as caracterizam poderá devolver-se a multidimensionalidade das relações sociais. Destaca-se: o facto de estar implicado e ter uma vasta revisão de literatura é o que conferirá ao investigador um forte cunho pessoal e descritivo.

“As pessoas e a cultura são incrivelmente complexas. Etnografia oferece uma maneira de dar sentido a essa complexidade. Ajuda-nos a ver além dos nossos preconceitos e mergulhar no mundo dos outros. O mais importante, ajuda-nos a ver padrões de comportamento num contexto de mundo real — padrões que podemos entender tanto de forma racional como intuitiva”  
(CHESKIN, 2006, P. 4, TRADUÇÃO LIVRE).

Por outro lado, e de acordo com CHESKIN (2006), a etnografia é reconhecida como um campo de estudo científico e uma técnica de pesquisa, que ajuda a comunicação visual e possibilita a compreensão de contextos culturais e normas sociais, e uma crescente valorização no campo do design. A etnografia é considerada uma pesquisa qualitativa, que fornece descrições detalhadas e raciocínios para a melhor identificação dos atributos das pessoas, das suas experiências e dos seus comportamentos, em oposição à pesquisa quantitativa que, de um modo geral, resulta em dados numéricos. A pesquisa qualitativa é geralmente utilizada para gerar novas teorias enquanto que a pesquisa quantitativa é utilizada para testar teorias previamente concebidas.

A etnografia, para além de ser um processo de criação e representação do conhecimento (sobre sociedade, cultura e pessoas) que se baseia na experimentação, não tem a pretensão de produzir um relato objetivo ou verdadeiro da realidade, mas sim procurar oferecer versões de experiências da realidade que serão o mais fiéis possíveis ao contexto abordado, entendidas como negociações e intersubjetividades através das quais o conhecimento pode ser produzido (PINK, 2009).

O presente estudo desenvolveu-se através de metodologias qualitativas próprias das Ciências Sociais, tendo como primordial importância a utilização da etnografia, como anteriormente referido, recorrendo nomeadamente aos contributos próprios da Antropologia Cultural, da Sociologia, e da História e, nesse sentido, as metodologias adotadas passaram pela Observação participada, e pela pesquisa em arquivos.

## 3.3. Questionário

Na continuidade do processo de trabalho o primeiro passo de investigação qualitativa foi a realização de uma análise rigorosa à Rua Brito Capelo. Esta análise visou o levantamento da Rua Brito Capelo sobre aspetos como a ocupação, serviços, comércio e restauração. Neste sentido, usamos instrumentos que nos facultaram o acesso a um conhecimento mais profundo e detalhado do espaço/território que pretendíamos analisar. No ensaio de conhecer a realidade social, e na construção a seu respeito influenciados ainda pelas nossas necessidades, vivências e interesses, dá-se razão a SANTOS SILVA & MADUREIRA (1986), quando vamos construindo instrumentos que nos proporcionam informação sobre a realidade e modos de a tornar inteligível, mas que nunca se confundem com ela.

Para tal, foram elaborados vários registos e levantamentos fotográficos à rua, desde uma abordagem mais informal — de sentir o corpo cidadão e os seus fluxos —, como uma análise rigorosa — o *escalamento* da rua a nível fotográfico, terminologia utilizada pelos pescadores para abrirem o peixe e o poderem limpar, e facilitarem a sua confeção. A estrutura formal da rua sofreu um escalamento natural, com a substituição da passagem do elétrico para a passagem do metro, a importância da construção de uma percepção global para o leitor era essencial para uma melhor apreciação do espaço.

Durante os vários registos e levantamentos fotográficos, algumas inquietações foram enumeradas: Porque estaria a rua Brito Capelo desertificada? O que faria as pessoas regressar à Rua? O que pensariam os habitantes que lá vivem? O que pensariam os transeuntes que lá passam? O que pensariam os comerciantes que lá vão ao seu ganha-pão? Quais as ações que poderiam dar vida à Rua outra vez?

O carácter projetual fez transparecer as suas inquietudes, conduzindo à formulação de algumas questões para auscultar o corpo cidadão, com o intuito de o compreender um pouco mais no sentido de alcançar um novo entendimento sobre a rua.

Em *Portugal, um Retrato Social*, BARRETO (2007) descreve que nas últimas décadas os portugueses viveram tempos inesquecíveis, quase tudo mudou:

“Depois da euforia pós-25 de Abril de 1974 pós adesão à CEE, chegou a incerteza, e ficamos surpreendidos quando nos a percebemos recentemente que estávamos de novo a ficar atrasados na Europa. Fizemos muito em pouco tempo, mas os outros também. Fizemos muito, mas podíamos ter feito muito melhor”  
(BARRETO, 2007, p.9).

E este parece ser um sentimento generalizado que é refletido no nosso caso de estudo: a Rua Brito Capelo. Este foi o mote para refletir sobre o espaço urbano contemporâneo a partir de uma perspectiva sociocultural onde o foco concentra-se sobre a experiência das pessoas na sua relação com o espaço. Para tal, foi necessário realizar um questionário, que desafiava os inquiridos a caracterizar a rua a partir de uma forma sensorial, através do som, da emoção, da cor, do cheiro, do paladar, e significados, todos estes cruciais para a atribuição de um significado para o ambiente da própria rua, no intuito de que ela seja mais apetecível, e mais usufruída.

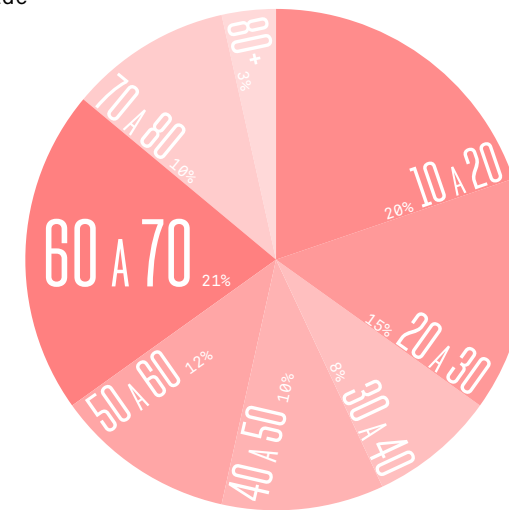
O questionário foi composto por 10 perguntas e realizado durante o período de 12 a 23 de Novembro de 2012 entre as 10h00 e as 17h00:

- Nome
- Idade
- Quantas vezes se desloca à Rua por semana?
- Em que período do dia se desloca à Rua?
- Como se desloca à Rua?
- Se tivesse que associar um som à Rua, qual seria?
- Se tivesse que associar uma emoção à Rua, qual seria?
- Se tivesse que associar uma cor à Rua, qual seria?
- Se tivesse que associar um cheiro à Rua, qual seria?
- Se tivesse que associar um paladar à Rua, qual seria?

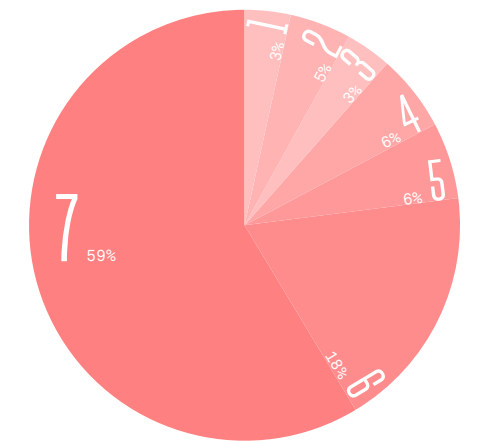
Como uma breve descrição da nossa amostra, optamos por abordar 87 sujeitos, na tentativa de criar uma relação numérica com a própria dimensão formal da rua – 870 metros. 51% dos inquiridos são mulheres, com idades compreendidas entre os 12 e os 82 anos, os restantes 49% são homens, com idades compreendidas entre os 16 e os 83 anos. As questões foram acolhidas pelos inquiridos com disponibilidade mostrando atenção a cada uma das perguntas. O tempo médio de resposta às perguntas variou entre 30 segundos a 1 minuto, contudo um grande número de pessoas devido à sua forte ligação emocional com a rua não se

limitava à simples resposta das perguntas e contava algumas histórias relacionadas com a própria rua, e ainda manifestava a sua insatisfação relativamente aos problemas que esta atravessa.  
Em anexo podemos encontrar todas as respostas ao questionário.

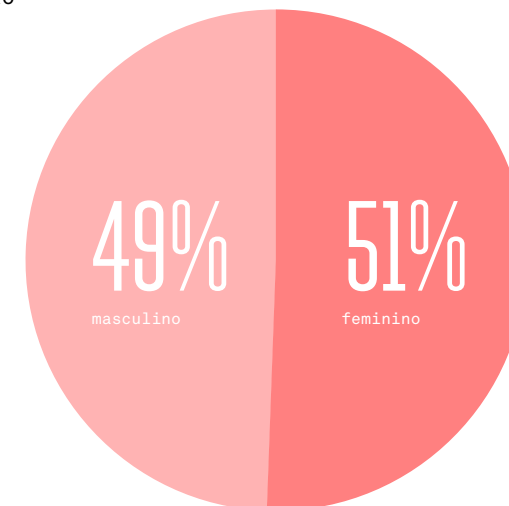
idade



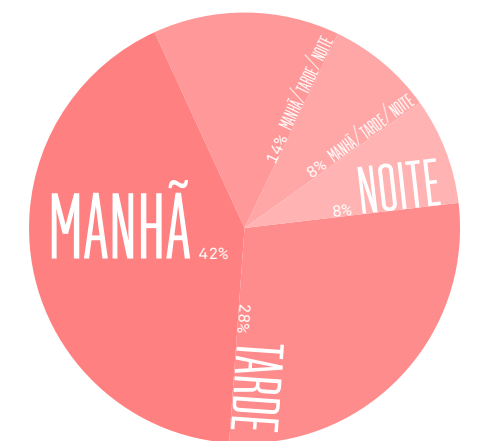
quantas vezes se desloca à rua por semana?



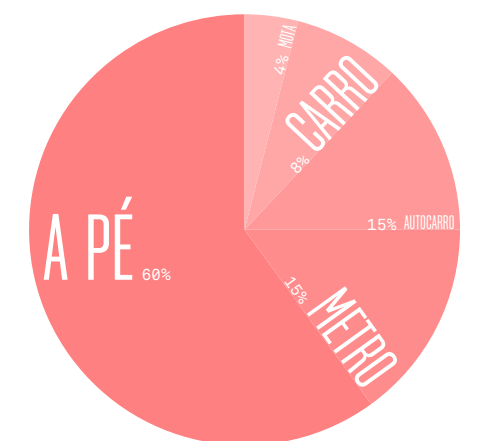
sexo



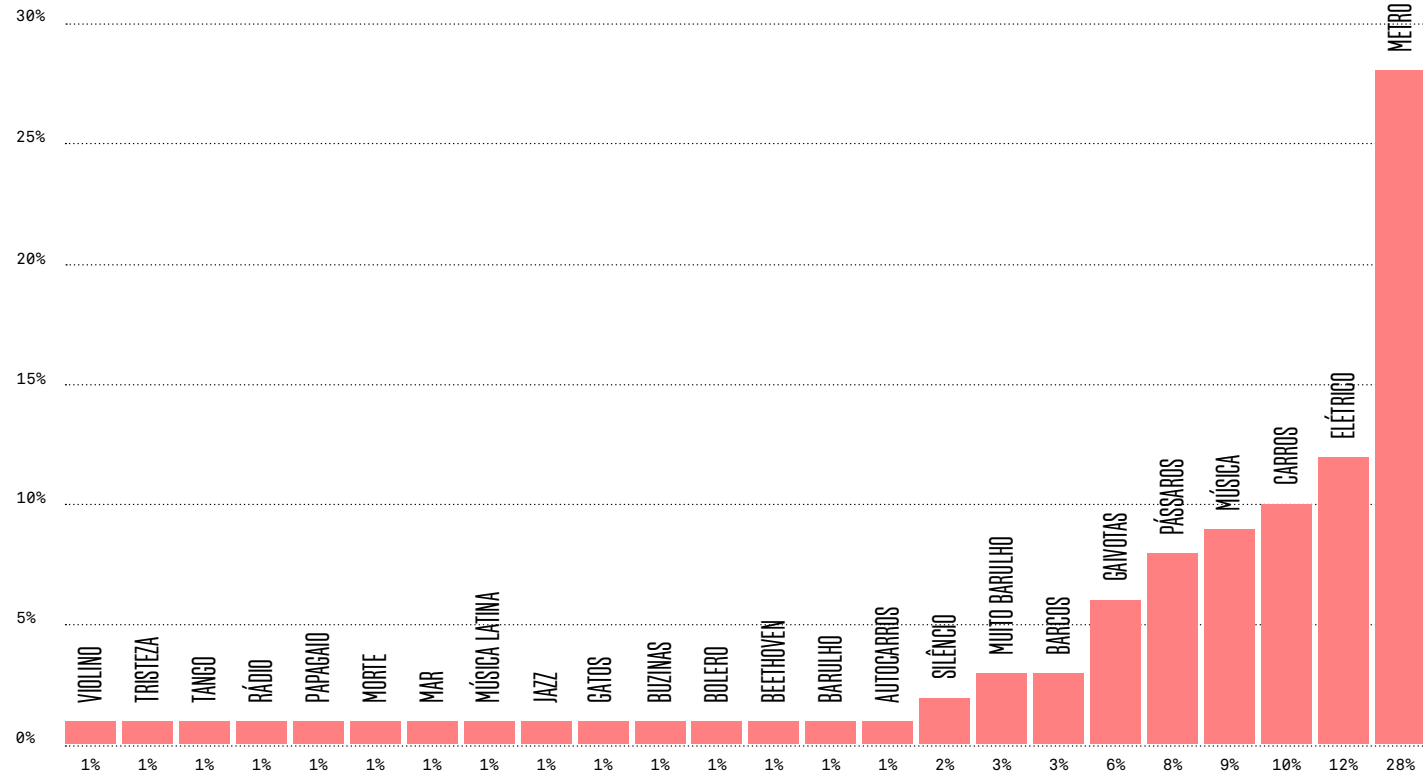
em que período se desloca?



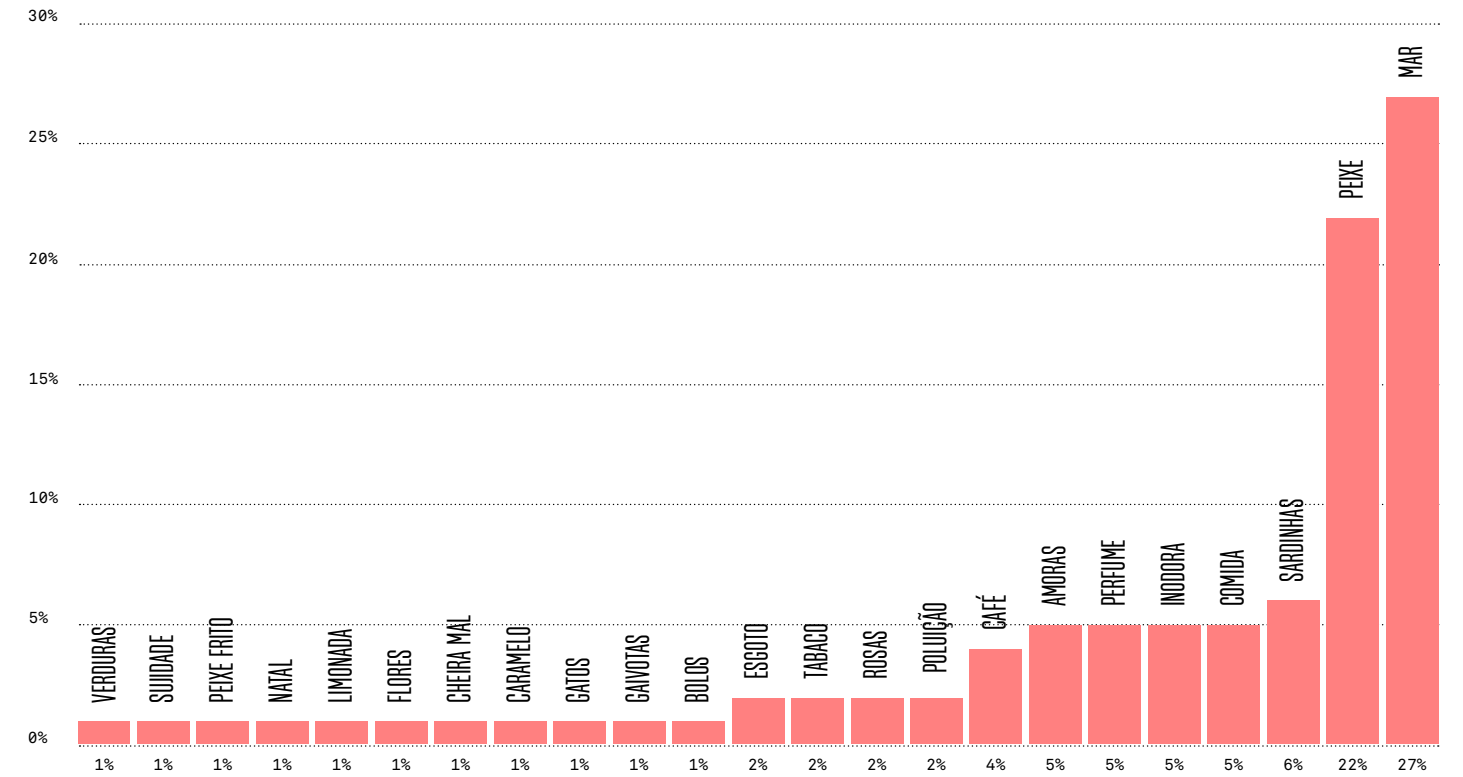
como se desloca?



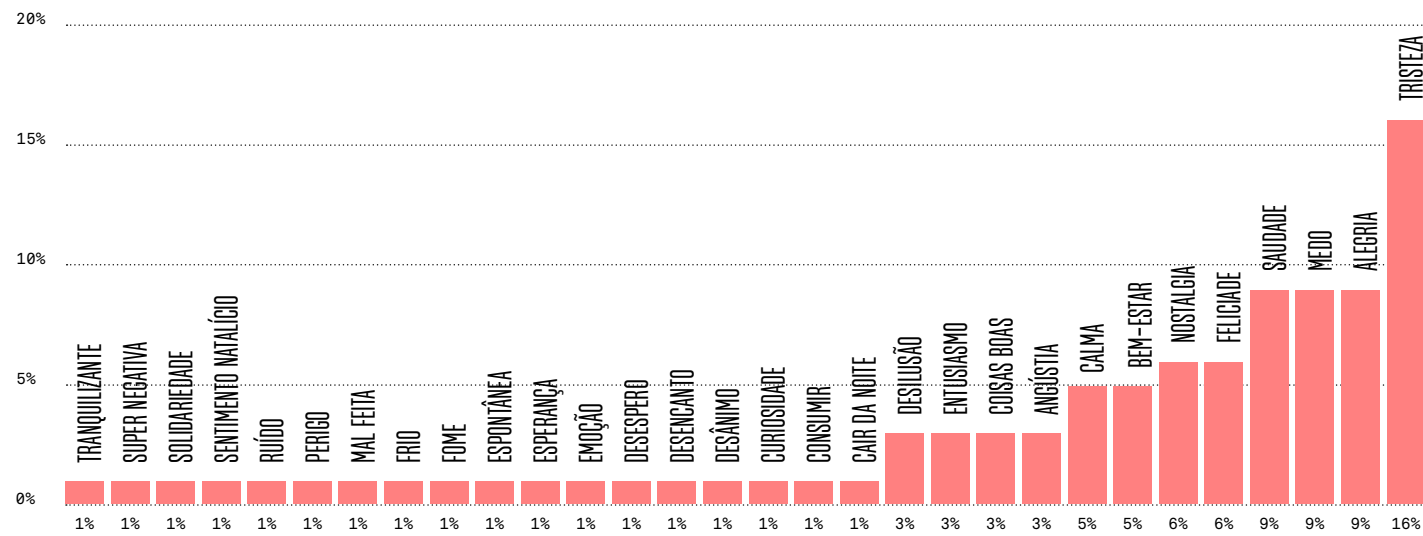
Se tivesse que associar um som à Rua, qual seria?



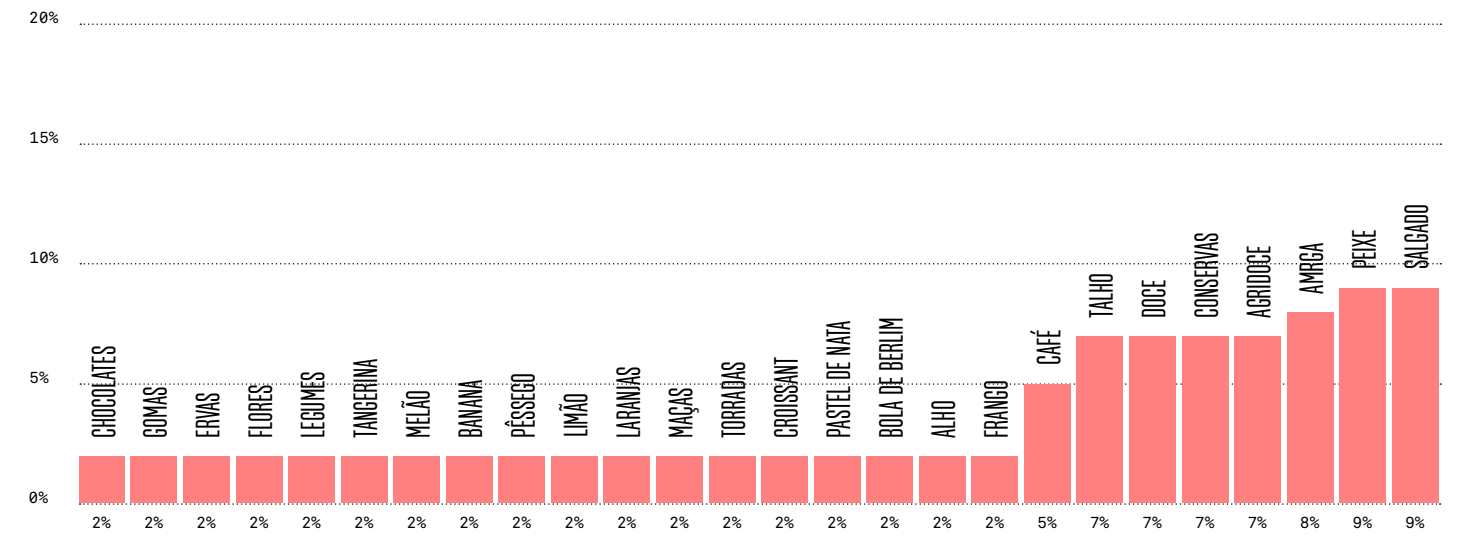
Se tivesse que associar um cheiro à Rua, qual seria?



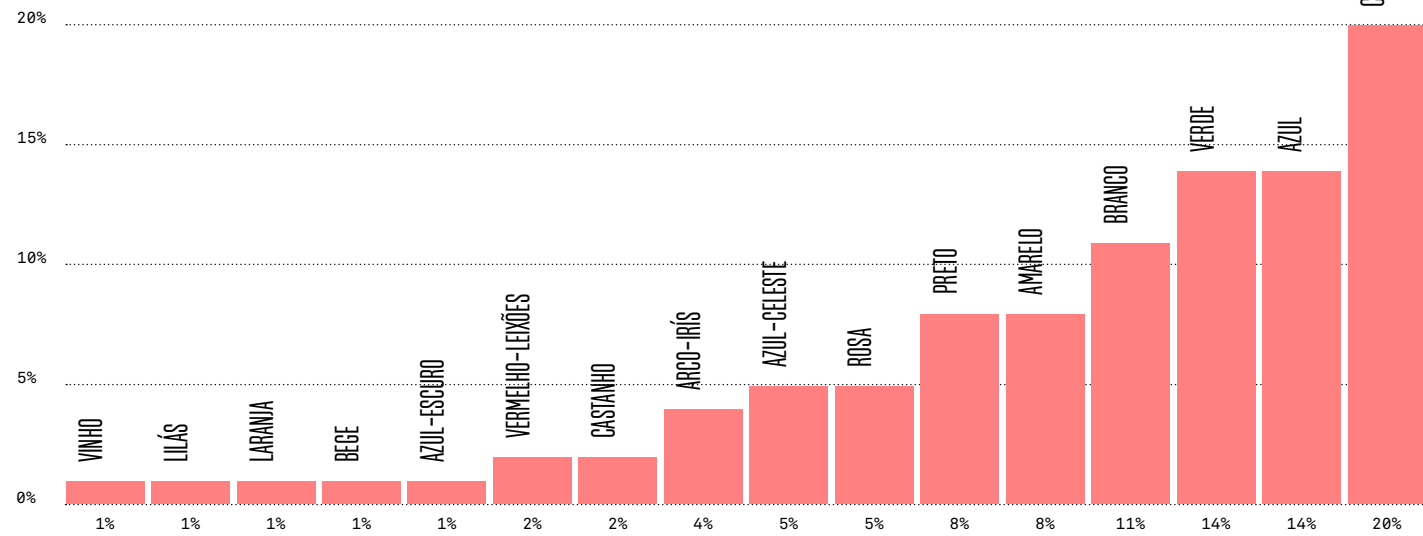
Se tivesse que associar uma emoção à Rua, qual seria?



Se tivesse que associar um paladar à Rua, qual seria?



Se tivesse que associar uma cor à Rua, qual seria?



## 4. Observando a Rua

“As mãos querem ver, os  
olhos querem acariciar”

(JOHAN WOLFGANG VON GOETHE IN  
PALLASMAA, 2010, P.14)

## 4.1. Escalamento fotográfico

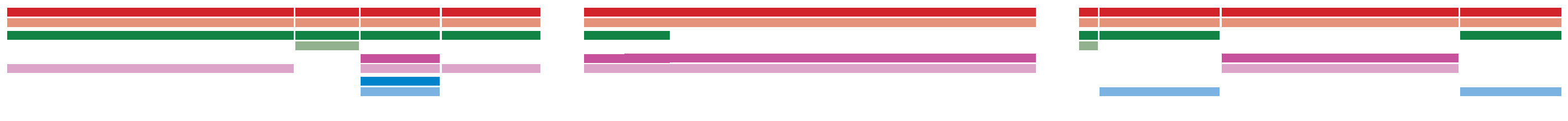
“Visualizações funcionais são mais do que meras análises estatísticas inovadoras de algoritmos computacionais. Elas devem fazer sentido para o usuário devem utilizar um sistema de linguagem visual que utilize a cor, a forma, a linha, a hierarquia e uma composição que comunique com clareza e de forma adequada, bem como idiomas baseados em caracteres usados em todo o mundo entre seres humanos” (WOOLMAN, 2002, P.11, TRADUÇÃO LIVRE).

Resultante da determinação projetual da análise da Rua Brito Capelo, foi realizado um rigoroso levantamento fotográfico do dia 5 a 16 de Março de 2012 entre as 10h00 e as 16h00. Esta análise visava o levantamento da Rua Brito Capelo sobre aspetos como a ocupação, os serviços, o comércio e a restauração. Foi necessário criar uma relação entre a imagem da rua e a informação recolhida. Neste sentido, usamos instrumentos que nos facultaram o acesso a um conhecimento mais profundo e detalhado do espaço/território que pretendíamos analisar.

Para análise o instrumento utilizado foi uma máquina fotográfica *Canon EOS 40D* com as seguintes características: uma *semi-professional digital single-lens reflex* câmara e um *iPhone 4s* para uma documentação mais rápida e instantânea. O registo fotográfico teve como objetivo escalar a rua. Este escalamento é de enorme importância na construção de uma percepção, e dimensão visual global da rua para o espectador. Apresentamos o registo de forma rigorosa, como um instrumento de orientação, e podendo atuar como um mapa. Pretendemos que o espectador conheça a rua sem sequer a ter percorrido, ou até frequentado o território. Através da visualização e representação gráfica da informação, o objetivo é fornecer ao espectador ou leitor uma compreensão qualitativa do conteúdo da informação.

Tal como anteriormente referido, este desenho de investigação é de elevada importância para o entendimento e compreensão da rua através da dimensão visual. A infografia que se apresenta ao longo das próximas páginas pretende simplificar a leitura, orientando o leitor para uma percepção sensorial o mais próxima possível de um passeio a pé.

OCUPAÇÃO  
 HABITAÇÃO  
 SERVIÇOS  
 COMÉRCIO  
 ALOJAMENTO/  
 RESTAURAÇÃO

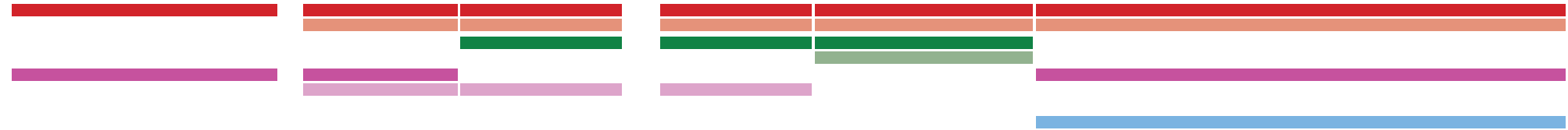


Nº 838 Banco Santander  
 Nº 824  
 Nº 822 Contabilidade Advogados Trading Agent  
 Casa de Compra e Venda de Ouro  
 Nº 812 Solicitadora/Procuradoria Fiscal  
 Nº 810/808 Mod. Gab. Tráf. Nav. Adv. Far  
 Colégio Anjos do Saber  
 Nº 782  
 Nº 772/770 Papelaria Rios desde 1967  
 Nº 760/754 Banco Millennium BCP  
 Nº 744/742 Antiga Cambraia Moda e Tecidos



Nº 869 ABANDONADO  
 Nº 861  
 Nº 845  
 Nº 843 Hotel Del Rei \*\*  
 Nº 827  
 Nº 825 Auditene Projectos Auditórias Energéticas  
 Nº 809  
 Nº 807 Centro Empresarial Brito Capelo  
 Nº 795  
 Nº 789 Móveis Decoração  
 Nº 779 Molaflex  
 Nº 773  
 Nº 767  
 Nº 765 Liberty Seguros





Nº 730  
Empresa XPTO - Filmes

Nº ?  
Externato  
S. João Bosco

Nº 718/712  
Loja Velho Baú  
Antiquário

Nº?  
Nº 708/706  
Clinicas  
Sanus

Nº 702

Nº 688/686  
Escola Profissional  
Ruiz Costa.edu.pt  
URSMART /  
Loja Chinesa



Nº 759  
Café Baco  
and Eggs

Nº 757  
Nº 753

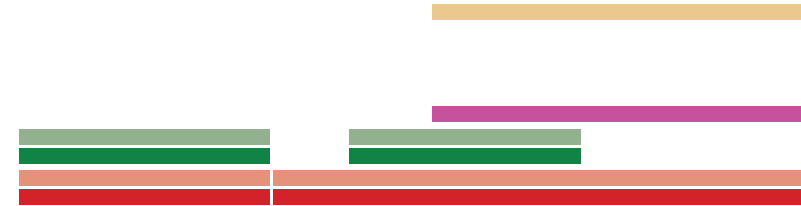
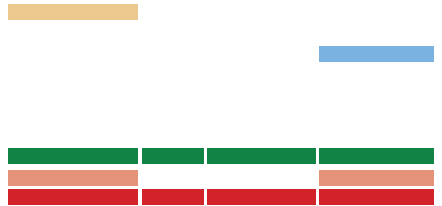
Nº 749  
Loja de  
Desportos

Nº 737  
TERRENO ABANDONADO

Nº 731  
EDIFÍCIO ABANDONADO

Nº 729

Nº 713  
Pasta Fresca  
Sérgio Crivelli





Nº 670  
Café Vitaminas

Nº 668  
Nº 646  
Caixa Geral  
Depósitos



Nº 683  
Fidelidade Mundial  
Império Bonança

Nº 681  
ABANDONADO

Nº 675  
ABANDONADO

Nº 665Nº 663  
VENDE-SE Centro Urologia  
Loja Fabeleireiro  
(Roupa Aurea  
Compramos Ouro  
Loja Chinesa

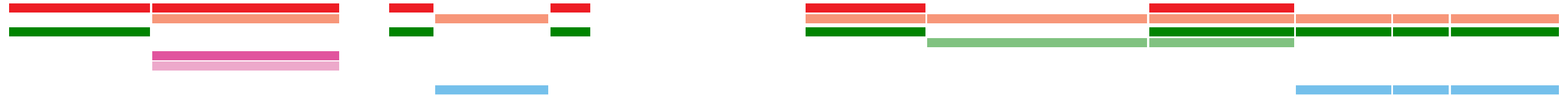
Nº 653  
Banco Santander

Nº 649

Nº 645/643/641  
Oficial Gestão e  
Administração de Imóveis

Nº 869  
Restaurante  
Aliança





Nº 602

Nº 598/596

5º ALUGA-SE ESCRITÓRIO / Nogueira da Hora  
4º Maria do Rosário e Nogueira da Hora Psicologia  
3º Lauriuple / Pereira Pinto\_Advogados Paulo Fadário, Lda.  
2º Enfermeira Carona  
1º Consultórios Médicos / Gabinete de Solicitadores Representações Internacionais Texteis R/C Banco Montepio

Nº 580

Nº 574  
Relojoaria Albano

Nº 570

Nº 566/568  
ABANDONADO  
Galo

Nº 552

Nº 548/540

Nº 530

Nº 526/522  
VENDE-SE  
Casa Pinto - Confeções e Têxteis Lar Fundada 1951

Nº 520  
VENDE-SE  
Ourivesaria Ferreira

Nº 518/516/514  
VENDE-SE  
Loja Vodafone



Nº 613  
Casa Albano Jogos

Nº 603/607  
Casa Albano Fotografias

Nº 599  
Hostel / Pensão Central

Nº 593/589  
Hi Sense Body Market

Nº 585  
Imagem Decoração

Nº 583/577  
ABANDONADO  
Antigas Galerias Peixoto  
ABANDONADO

Nº 569  
PRÉDIO EM CONSTRUÇÃO  
EMBARGADO

Nº 567/565  
Advogados Clara Nascimento Coutinhos & Carlos Marinheiro Chiola (Loja de Roupa)

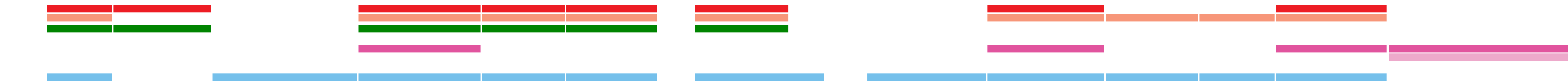
Nº 559/557/553  
Atelier do Bêbé Sr. Pinto

Nº 547/543  
Sapataria Via Capelo

Nº 541/537  
Loja de Roupa Chinesa

Nº 533/529  
Sapataria Looks 1

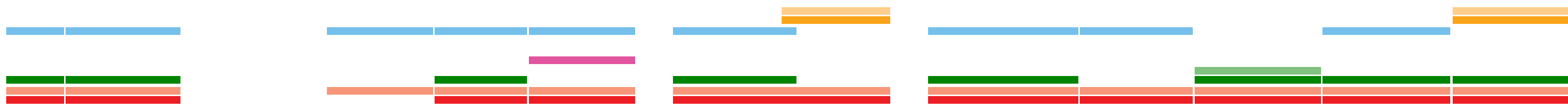


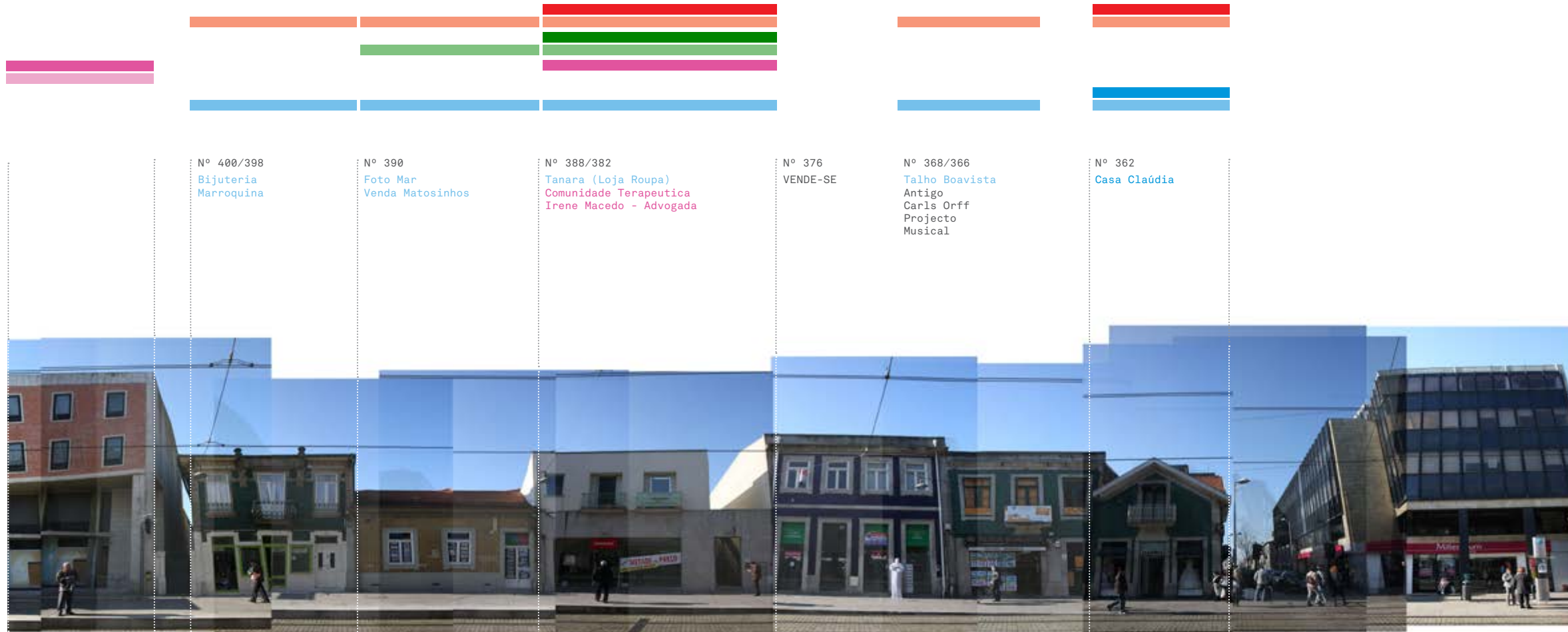


Nº 512 VENDE-SE	Nº 508/510 Loja Chinesa	Nº 506/504/502	Nº 500 Antiga Control Moda Actual Loja Chinesa Fechada	Nº 490/486 Casa das Utilidades de Guimarães	Nº 480/476 Loja Chinesa	Nº 474/472 Perfumaria Lis Gabinete Estética	Nº 468/466 Dropper	Nº 464/460 VENDE-SE Antiga Niterói (Fechada)	Nº 460/458 ABANDONADO	Nº 448/444 Escola de Condução Calçado Guimarães	Nº 442 Grupo Optimisção	Nº 434 Florista Maria Manuela Alves Cruz	Nº 430/426 Clínica Dentária Rui Correia Filho Farmácia Rocha Pereira	Nº 420 VAZIO Antigo Edifício da Caixa Geral Depósitos Estação de Metro - Brito Capelo
--------------------	----------------------------	----------------	---	---	----------------------------	---	-----------------------	---	--------------------------	---	----------------------------	--	--	--



Nº 533/529 Sapataria Looks 1	Nº 525/523 Sapataria Looks 2	Nº 515 EDIÍFICIO À VENDA	Nº 513/511 ABANDONADO Loja Chinesa	Nº 507/499 Schlecker	Nº 497/493 Sapataria Jónia Luís Procuradorial Fiscal	Nº 491/489 Marroquinaria Jónia	Nº 477/475 Charcutaria Porquinho	Nº 469/467 Sapataria Joana	Nº 459 Loja Roupa Gemini	Nº 457	Nº 451/445 Sapataria Elencu's	Nº 439/435 Confeitaria Oriental
------------------------------------	------------------------------------	--------------------------------	--	-------------------------	---	--------------------------------------	--	----------------------------------	--------------------------------	--------	-------------------------------------	---------------------------------------





Nº 400/398  
Bijuteria  
Marroquina

Nº 390  
Foto Mar  
Venda Matosinhos

Nº 388/382  
Tanara (Loja Roupa)  
Comunidade Terapeutica  
Irene Macedo - Advogada

Nº 376  
VENDE-SE

Nº 368/366  
Talho Boavista  
Antigo  
Carls Orff  
Projecto  
Musical

Nº 362  
Casa Cláudia



Nº 431/423  
Cabeleireiro  
Albertina Monteiro

Nº 421  
Confeitaria  
Ferreira

Nº 419  
Loja Andante  
Metro

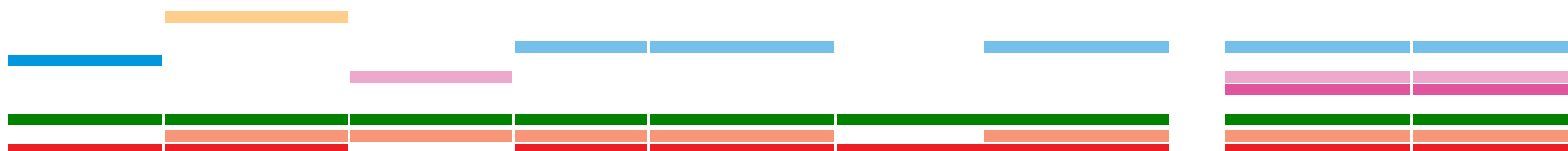
Nº 399  
Loja de Roupa

Nº 395/393/391  
ANTIGA LOJA DOS PRADOS  
ANTIGA ÓPTICA  
Loja Tatoo

Nº 385/381 Nº 377/375  
ANTIGA CASA DE  
SEGUROS IMPÉRIO da  
BONANÇA

Nº 367  
Centro Comercial  
Brito Capelo

Nº 365  
Sapataria  
Chinesa



Nº 330

Banco Millennium  
BCP

Nº 332/328

Pingo Doce

Nº 326/318

Churrasqueira Inglesa

Nº 316/314/310/308

Casa Matos  
Arco-Iris

Nº 304/302/300

C.S.Joias  
Ourivesaria

Nº 296/288/286

ALUGA-SE  
Kitanda Moda  
Compra-se Ouro

Nº 284

JMC Clean  
Lavandaria

Nº 278/276

FECHADO  
ABANDONADO  
(Sem Abrigo à porta)

Nº 270

Sugar Baby  
Loja Chinesa

Nº 258/252

Outlet



Nº 293

Cahlé Decoração

Nº 337

Eco Box  
Pachworks Design  
Studio

Nº 327

Nº 323

VENDE-SE  
ANTIGA  
OURIVESARIA  
CARVALHO  
Cabeleireiro  
Masculino Carlos  
Ferreira

Nº 315/319

ABANDONADO  
Acessórios de  
Moda  
(Chineses)

Nº 307/311

Noémia Correira  
Advogada  
Banco Banif

Nº 297/299

ABANDONADO  
Café Império

Nº 289

À VENDA  
Loja Chinesa

Nº 279/283

Loja Chinesa

Nº 277 Nº 273

ABANDONADO  
Res-  
tau-  
rante  
Deli-  
cias  
da  
Mesa

Nº 259

Bloco Esquerda  
Kulto Fashion  
Loja de Roupa

Nº 257

Angel Casa e  
Bébé

Nº 245/251

ALUGA-SE  
GCC Fashion Roupa +  
Acessórios Chineses



Nº 246/242  
Pautonia Roupa  
ABANDONADO

Nº 238/236/230  
Jorge Carvalho,  
Pronto a Vestir  
Leixões Bilharista  
Alda Jóias

Nº 208  
Posto de Correios  
de Matosinhos

Nº 204  
Soraia Moda

NNº 204/198  
Geosfar  
Padaria  
Trigueirinha

Nº 184/182  
À VENDA

Nº 178  
Cabeleleiro  
Salão  
David

Nº 166/168  
Escola Epromat/  
Escola Edmindo  
Ferreira  
Universidade Senior  
Florabela Espanca

Nº 164/160  
Multiópticas

Nº 158  
Os Sapatos  
Mais Baratos  
de Portugal

Nº 150  
ABANDONADO

Nº 146/142/138  
Gaes Centros  
Auditivos  
ABANDONADO  
À VENDA



Nº 243  
ANTIGA CAIXA GERAL  
DEPÓSITOS  
DESOCUPADA

Futuro Espaço Quadra

Nº 231  
VENDE-SE  
Perfumes&Companhia

Nº 229  
Antiga Câmara Municipal  
de Matosinhos

Nº 189/193  
VENDE-SE/ALUGA-SE  
Céu Azul  
Loja Chinesa

Nº 187/186º 181/183  
Frutaria Relojoaria  
Meninha Decora

Nº 175  
Café Bilhar  
Novo Snack Bar  
/ Novo Sport

Nº 161/169  
Hotel Porto Mar  
MiniPreço (Dia)

Nº 141/145/147  
Ostra Coral Vestuário Infantil  
Ourivesaria Lopes  
Hospedaria Novo Sol

Nº 137  
A Carioca  
Pastelaria



Nº 124/122  
Farmácia Lopes  
Teresa Azevedo  
Sandra Sarmento  
Advogadas

Nº 120  
4º Tarot  
Consultas  
espirituais  
/ Torrestir  
Contifiscal  
3º Arraiolos  
2º C.S.Rocha  
Recuperação e  
Restauração  
Móveis  
S/L Gabinete  
Estética

TERRENO BALDIO

Nº 108/112  
Restaurante  
Taberna da Doca  
MMXII

Nº 104  
P/ARRENDAR

Nº 96/94/90

Porto Alternativo - AABANDONADO  
em 2º Mão  
Eduardo Cardoso  
Médico Otorrinolaringologista

Nº 86/80

Nº 76

ANTIGA CASA ANGOLANA  
Aqui nasceu a casa Angola. Neste  
prédio, em 1932, iniciou a sua  
actividade comercial José Moreira,  
nascido em 1907 e falecido em 1979,  
natural da freguesia de Santa Maria  
de Alvarelhos, mas desde muito jovem  
a trabalhar e viver em Matosinhos.  
Ocupou cargos na Junta de Freguesia,  
Câmara Municipal e em várias  
associações.  
Destacou-se pela sua honestidade  
e amor à terra que o acolheu,  
constituindo um exemplo a seguir por  
aqueles que lhe sucederam.  
Um homem enorme num corpo pequeno.  
Homenagem dos seus descendentes

Nº 70  
Parque Estacionamento  
Silo Auto

Nº 52/50  
ABANDONADA



Nº 119  
Escola Epromat  
Talho Vencedor

Nº 105/113  
Loja de Animais Eureka  
ANTIGA LOJA SUPERDECOR

Nº 97  
?

Nº 91/95  
Casa Morais  
VENDE-SE

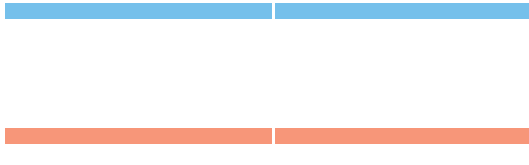
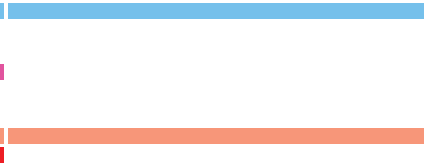
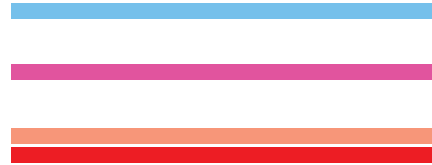
Nº 79/85  
Mota e Faria Casa e Afins  
Foto Bácia

Nº 71  
ABANDONADO

Nº 67  
Loja de Roupa  
Lateral

Nº 61  
Retrosaria  
Moderna

Nº 57  
Edifício Resende



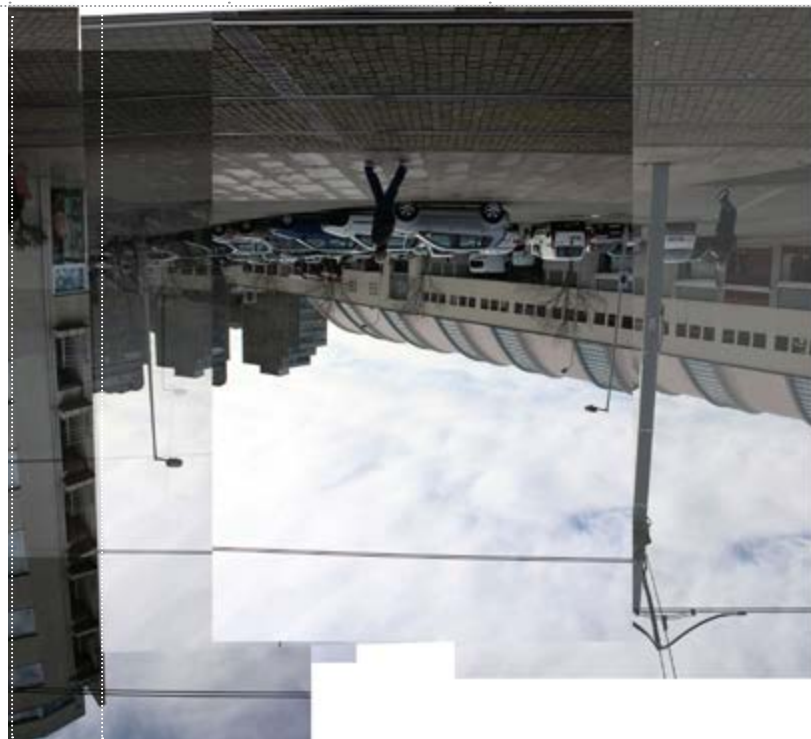


Nº 48/46

Café Eléctrico

Nº42

Night Club Macau



Nº 37

Loja 1C



## 4.2. As Áreas de Reabilitação Urbana – ARU's

Levantamento do espaço urbano edificado e caracterização de intervenção para criação de aru's

Matosinhos, como todas as cidades, está num processo de identificação e reestruturação urbana, tentando contrariar a desertificação do centro da cidade, tanto ao nível habitacional como comercial. Em 2011, uma equipa da Matosinhos Habit — empresa que integra os serviços municipais da Câmara Municipal de Matosinhos — levou a cabo um estudo de enquadramento e levantamento estratégico sobre a criação de áreas de reabilitação urbana na Rua Brito Capelo como uma área específica carenciada de intervenções urgentes. O estudo demandava contribuir para uma requalificação urbana, articulada com políticas estratégicas, para diferentes sectores: habitação, comércio, serviços, restauração, equipamentos, transportes e infraestruturas, espaço público e ambiente. A dimensão social e simbólica do território não foi descurada mas sim enaltecida, como um reforço da sua vitalidade e identidade, tendo como objetivo uma melhor qualidade de vida da população.

Projetos desta natureza são caracterizados por duas grandes fases. A primeira fase é definida pela construção de um diagnóstico de sondagem, baseado na informação disponibilizada pela equipa técnica no local e escolhida em levantamentos específicos realizados para o efeito, entre a qual se contam os vários planos, projetos e estudos existentes e em progresso. Nesta etapa, para além de se apreenderem problemas e mais-valias, identifica-se a vocação do território em questão.

Numa segunda fase, sustentada no anterior diagnóstico realizado, procede-se ao desenvolvimento da estratégia de intervenção, onde são colocadas as principais orientações e se definem quais os planos de ação estratégica e o seu carácter prioritário. Este levantamento contempla o apoio não só da reabilitação urbana do município mas também de agentes públicos e privados.

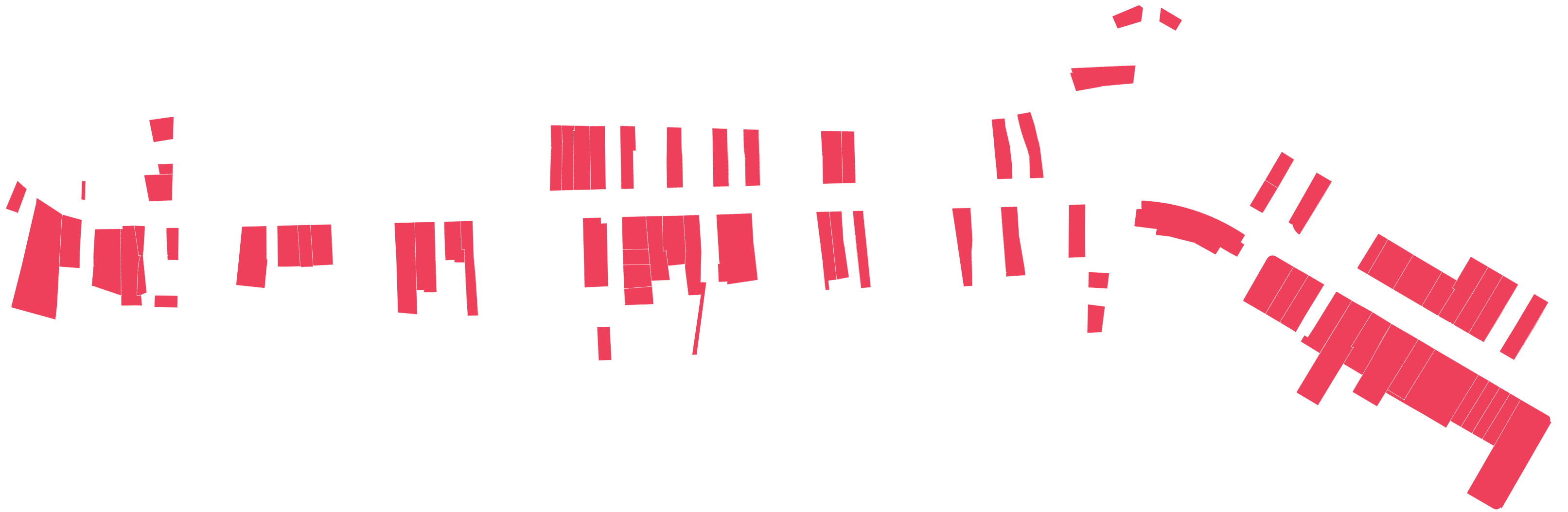
Havendo a possibilidade de existir uma apresentação ao respetivo modelo de financiamento e investimento em vigor, de que é exemplo o de Portugal 2020. Este programa segue as linhas orientadoras do antigo Quadro de Referência Estratégico Nacional (QREN), tendo sido constituído para a aplicação da política comunitária de coesão económica e social em Portugal no período de 2007-2013. Sendo responsável por um grande desígnio estratégico de qualificação e valorização de inúmeras áreas de conhecimento.

Os números ganharam forma através de uma dimensão infográfica, com o intuito de uma leitura mais eficaz e aprazível, em contraponto ao tratamento usual da natureza deste género de dados. Este projeto realizado pela Matosinhos Habit poderá ser consultado no anexo II.



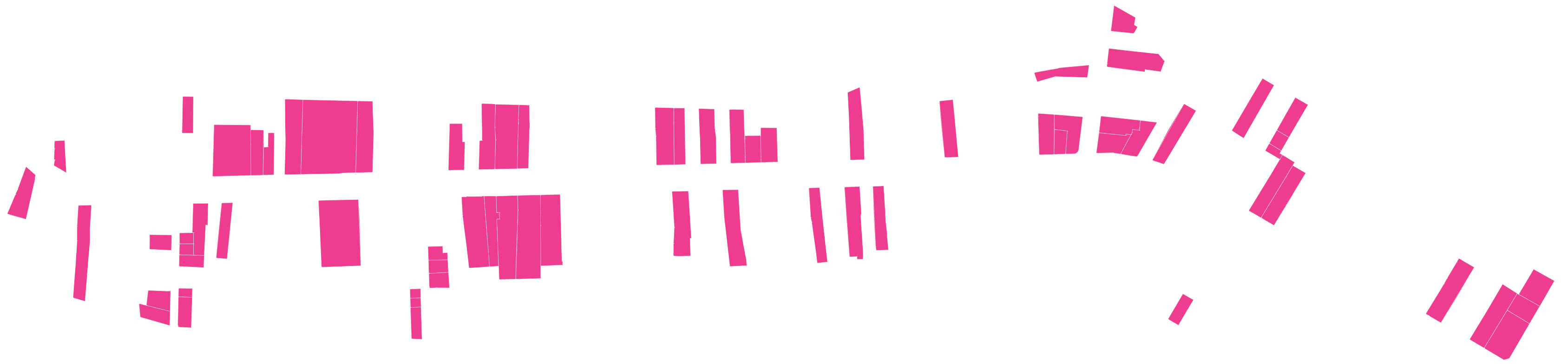
04%

não necessita intervenção



37%

correções pontuais



**34%**

ligeira



11%

médias



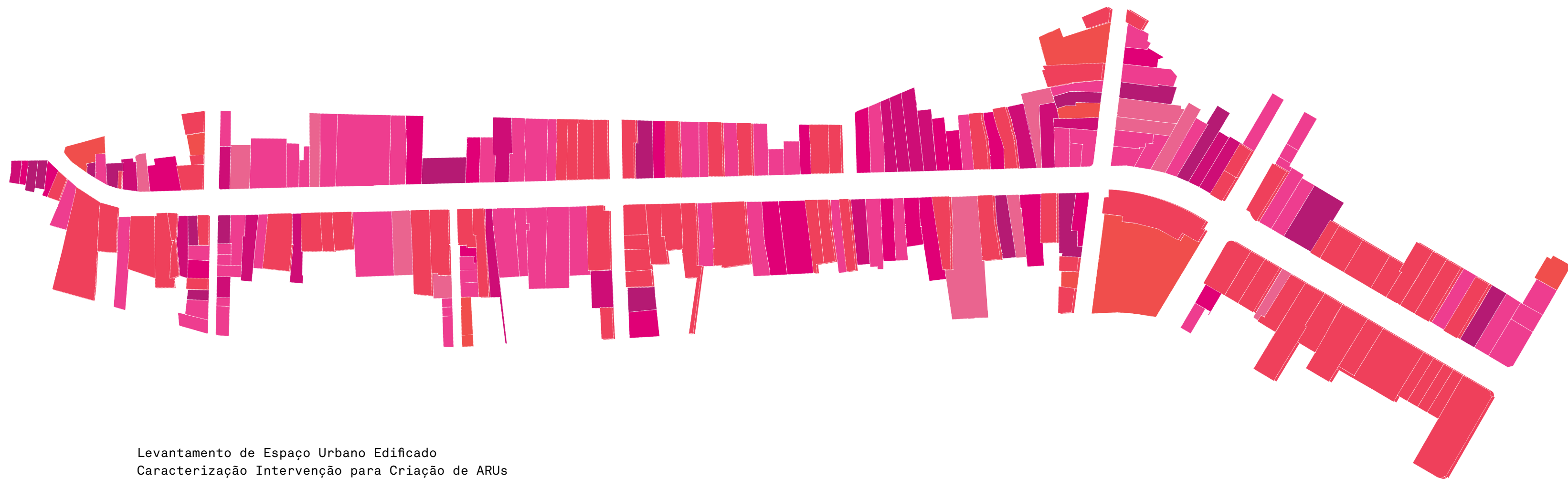
05%

média-profunda

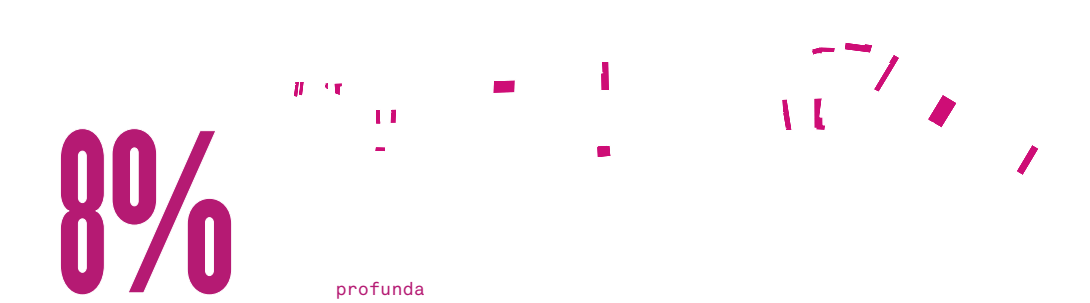
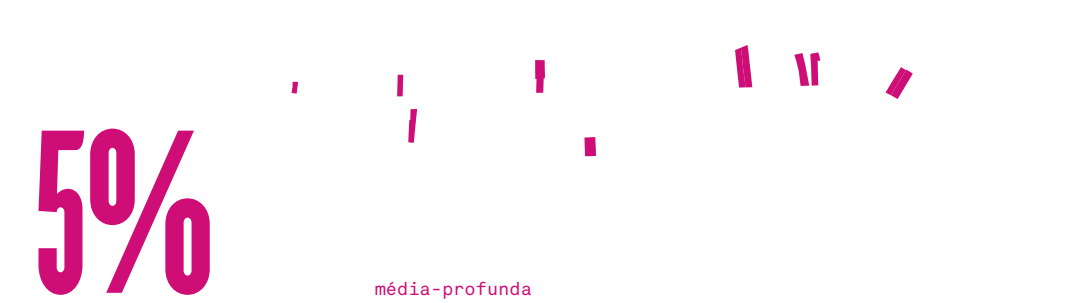
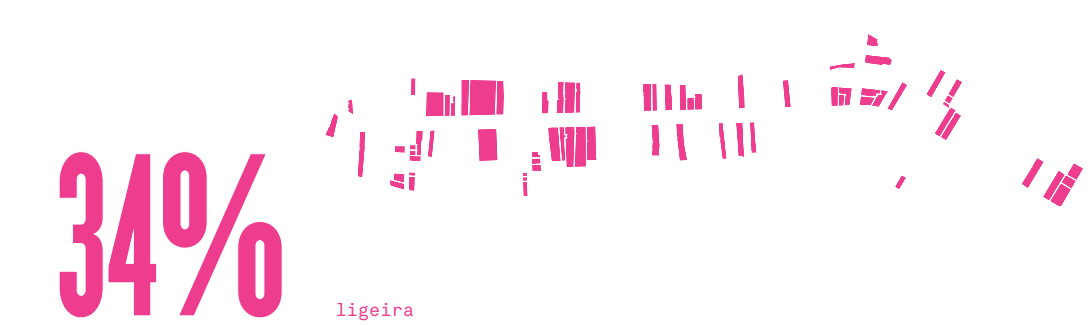
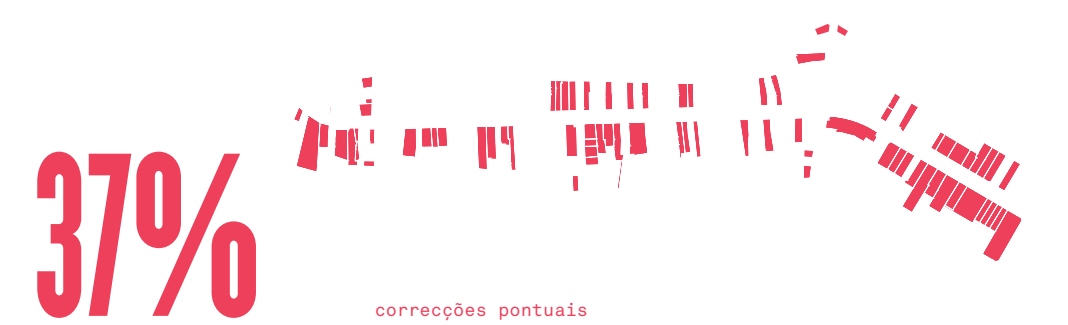


08%

profunda



Levantamento de Espaço Urbano Edificado  
Caracterização Intervenção para Criação de ARUs



## 4.3. Os Transeuntes

“A cidade é a realização de um sonho antigo da humanidade, o labirinto.  
O flâneur consagra-se a nesta realidade sem o saber”  
(BENJAMIN, 1989, P. 448, TRADUÇÃO LIVRE).

O substantivo francês *flâneur* tomou uma nova dimensão através de WALTER BENJAMIN e de CHARLES BAUDELAIRE, que o elevou a personagem a uma categoria social. O *flâneur* como um ser errante, um vagabundo, alguém que deambula pela cidade sem propósito aparente, mas que está secretamente em harmonia com a sua história e numa busca velada de aventura (WHITE, 2004). RAMÍREZ KURI ET AL (2006) acrescentam que poderia parecer bastante cómodo usar este termo para qualificar os transeuntes dos espaços urbanos e neste caso específico da Rua Brito Capelo, uma rua comercial pedonal. Mas essa hipótese é errónea, porque o transeunte atual está muito distante de ser identificado com o *flâneur* benjaminiano, que continha um forte conteúdo histórico relacionado com o tempo do surgimento do capitalismo industrial e das suas consequências sobre o consumo e os espaços do mesmo (RAMÍREZ KURI ET AL, 2006).

Desde sempre a ideia de cidade é inúmeras vezes descrita como um palco de representação, onde desempenhamos um determinado número de papéis. Uma cenografia que funciona a partir da premissa de um espaço que é construído, adaptado, transformado e preenchido.

A reflexão sobre o espaço urbano contemporâneo a partir de uma perspetiva sociocultural não é nova. RAMÍREZ KURI ET AL (2006) em “*Pensar y habitar la ciudad: afectividad memoria y significado en el espacio urbano contemporáneo*”, referem a importância de dar especial atenção à experiência das pessoas na relação que têm com o espaço, a partir dos temas emergentes como as emoções, a memória, os significados, todos eles cruciais para a atribuição de um significado ao ambiente no qual a vida do quotidiano acontece. De elevada importância também é a reflexão sobre o consumo nas sociedades modernas, particularmente sobre a relação do tipo de atividades realizadas pelos transeuntes e no seu deambular pelos espaços especializados de comércio.

Nas próximas páginas apresentamos a observação dos transeuntes inquiridos na Rua Brito Capelo, e da relação de nome e idade. Perante esta realidade bastante distante do clássico *flâneur*, procurávamos, sim, as interpretações simbólicas, rotineiras de quem se apropria da rua a cada passo, em que os quotidianos individuais se difundem com a cartografia coletiva, as marchas apressadas contra um bulício passado.



Pizzeria ALBANO





**ALIANÇA**



**ALMOÇO**





## 4.4. O Movimento

RIOS FERNANDES (2003) afirma que abordagem à evolução da cidade é claramente marcada pela existência de dois períodos: um relativamente prolongado, durante o qual a população vive de uma certa forma, e um temporalmente curto, em que ocorrem intensas transformações, facilitando assim a leitura das marcas que a cidade transporta.

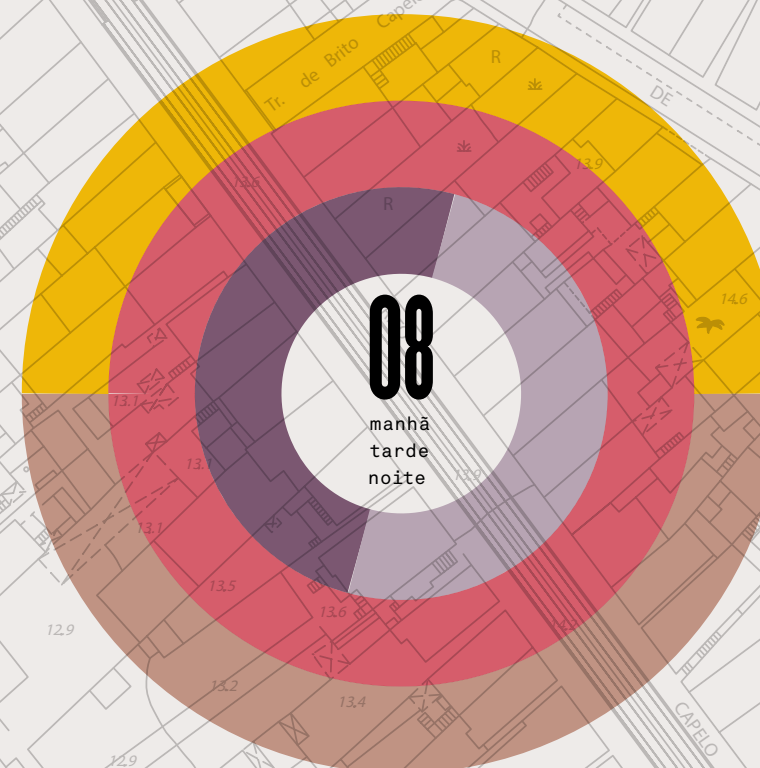
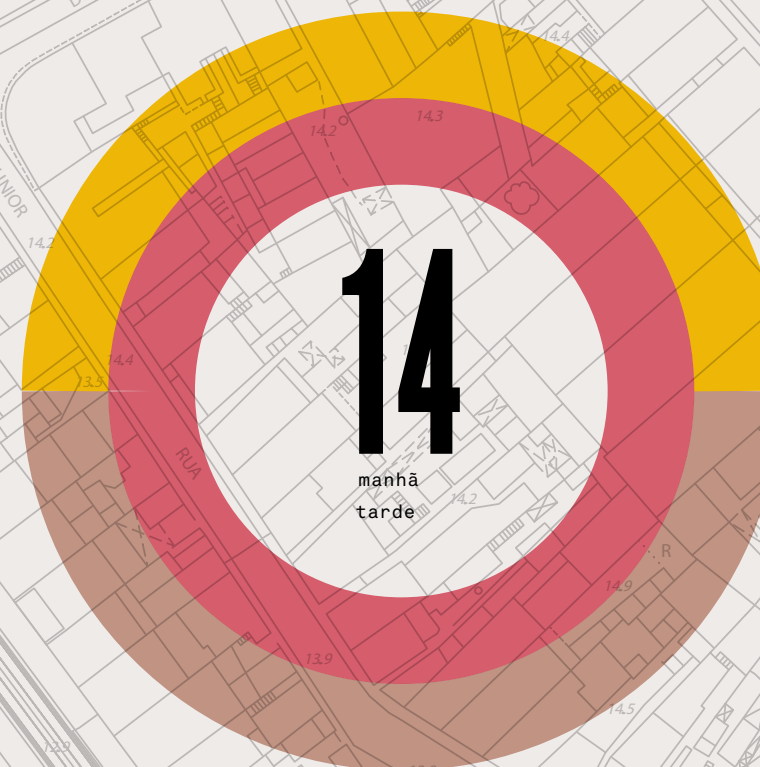
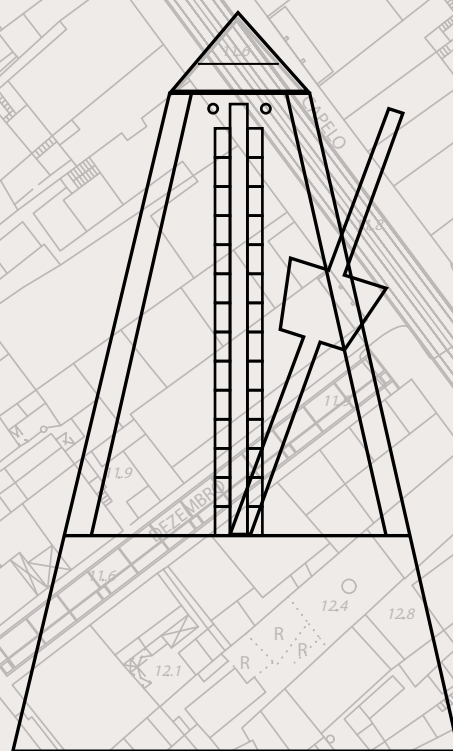
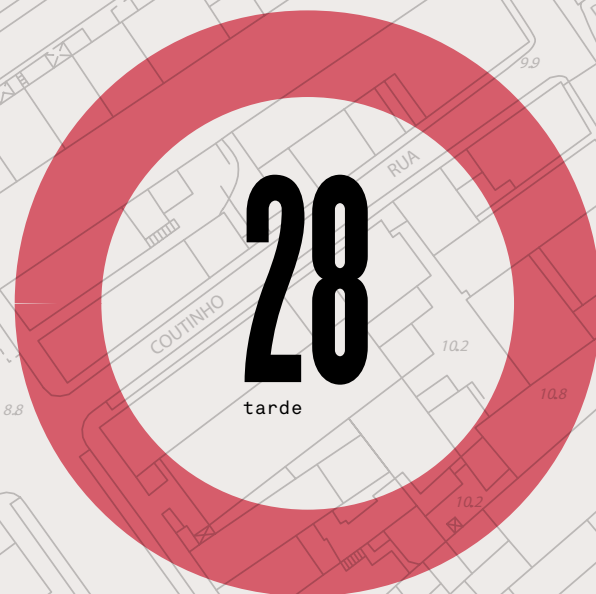
Uma das intensas transformações vividas pelas cidades foi o aumento da mobilidade, fruto do processo de suburbanização das grandes cidades, que aumentou o número de deslocamentos individuais diários, assim como o desenho mais fragmentado e descontínuo do território urbano, favorecendo assim uma rotina com o comércio tradicional.

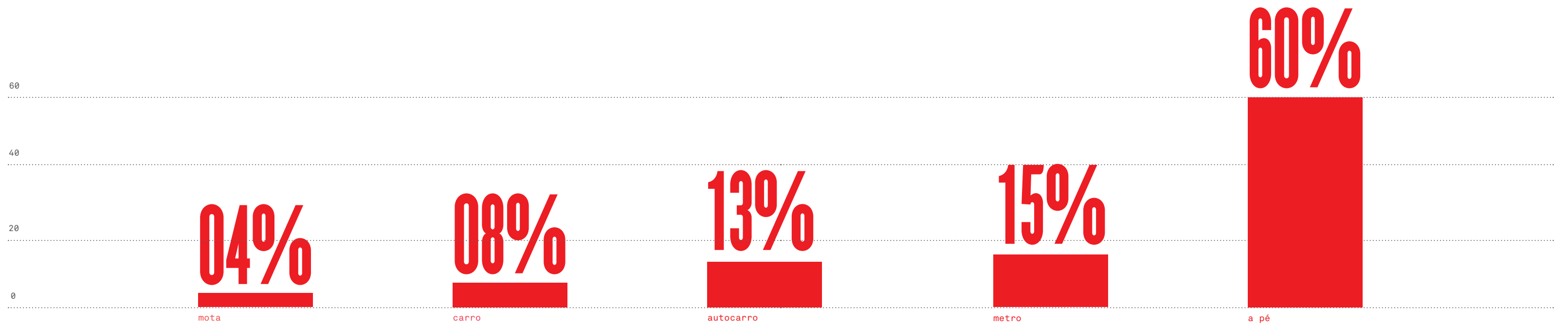
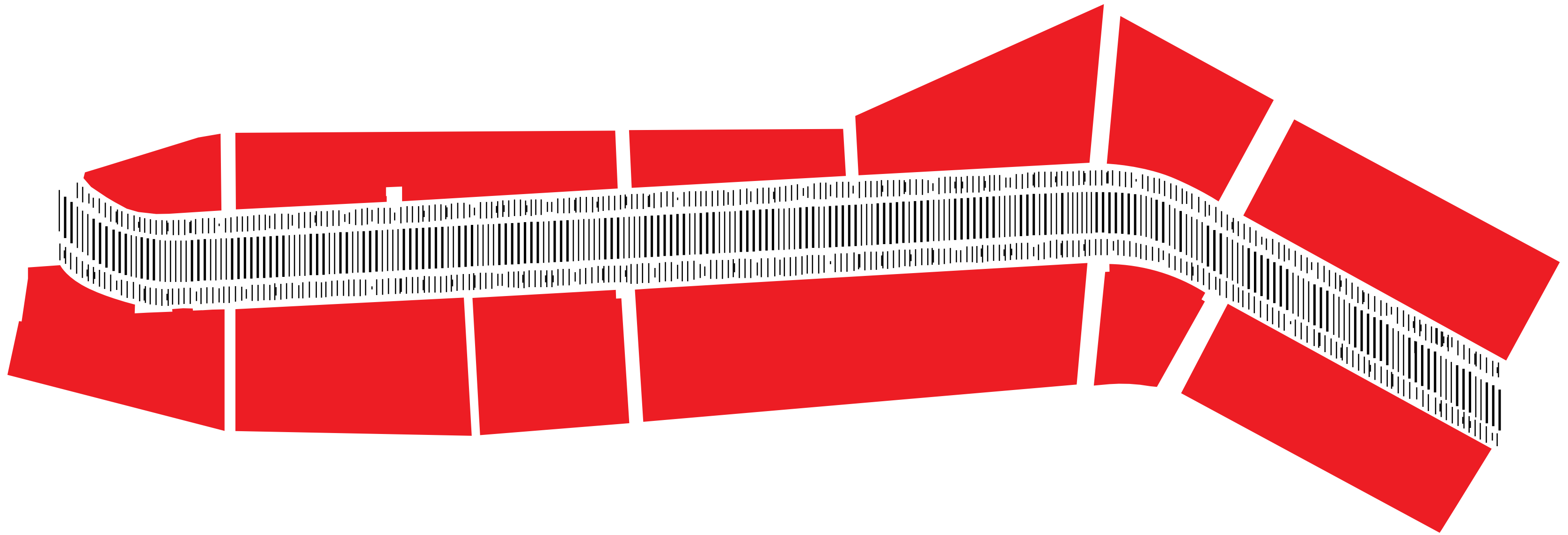
O cidadão atual dos países ocidentais é visto como alguém imprevisível que oscila entre a aquisição apressada de bens de primeira necessidade, e com a aquisição mais vagarosa no que toca ao lazer, contudo faz um *zapping* sistemático entre todas as ofertas de que dispõe, construindo o seu próprio território, ao desenvolver a rede de que ele é o centro (CLUZET, 2002).

Se pensarmos na cidade atual comparando-a com a música, em que combina o ritmo, a harmonia, a melodia de uma forma agradável, e uma representação da vida. Num sentido mais amplo representa a sua organização temporal de sons e silêncios (pausas). No sentido mais restrito, é uma arte de coordenar e transmitir efeitos sonoros, harmoniosos e esteticamente válidos, podendo ser transmitida através da voz ou de instrumentos musicais. Encontraríamos o movimento da rua como uma equação entre o tempo e os andamentos, em que o metrônomo serviria de relógio para os transeuntes.

E se conseguíssemos ter um metrônomo para indicar e medir o movimento da rua?

%





## 4.5. O Som

A *paisagem sonora* é um termo criado por SCHAFER, compositor canadiano reconhecido pelo seu projeto *World Soundscape Project* (1960) que tinha como objetivo encontrar soluções para uma paisagem sonora ecologicamente equilibrada, em que a relação entre a comunidade e o seu ambiente sonoro estivessem em harmonia. As manifestações práticas dessa meta incluíram a educação sobre a poluição sonora e o ruído, além da gravação e catalogação de paisagens sonoras. O projeto foi aplicado no Canadá e na Europa.

Para SCHAFER (1997), a paisagem sonora é a caracterização do ambiente em que vivemos e a sua complexidade. Afirma que estamos constantemente rodeados de uma série de ruídos, e que a sua elencação pode ser feita da seguinte forma: os sons primordiais da natureza, os sons das cidades, dos aeroportos, dos portos, das fábricas, entre muitos outros. Enfatiza, ainda, a importância de os discernirmos pela forma como nos enriquecem e nos alimentam, e usá-los para criar ambientes mais saudáveis.

Partindo dos sons das cidades, a experiência urbana inclui inúmeras referências cruzadas, segundo SENNETT (2001), fenômenos desconcertantes que criam histórias, narrativas, interpretações, identificações e laços de apego à própria cidade. Identificado por SENNETT enquanto uma dessas referências, o som é de enorme importância enquanto memória do que somos e registo de um património que é difícil de ser alcançado pela sua imaterialidade.

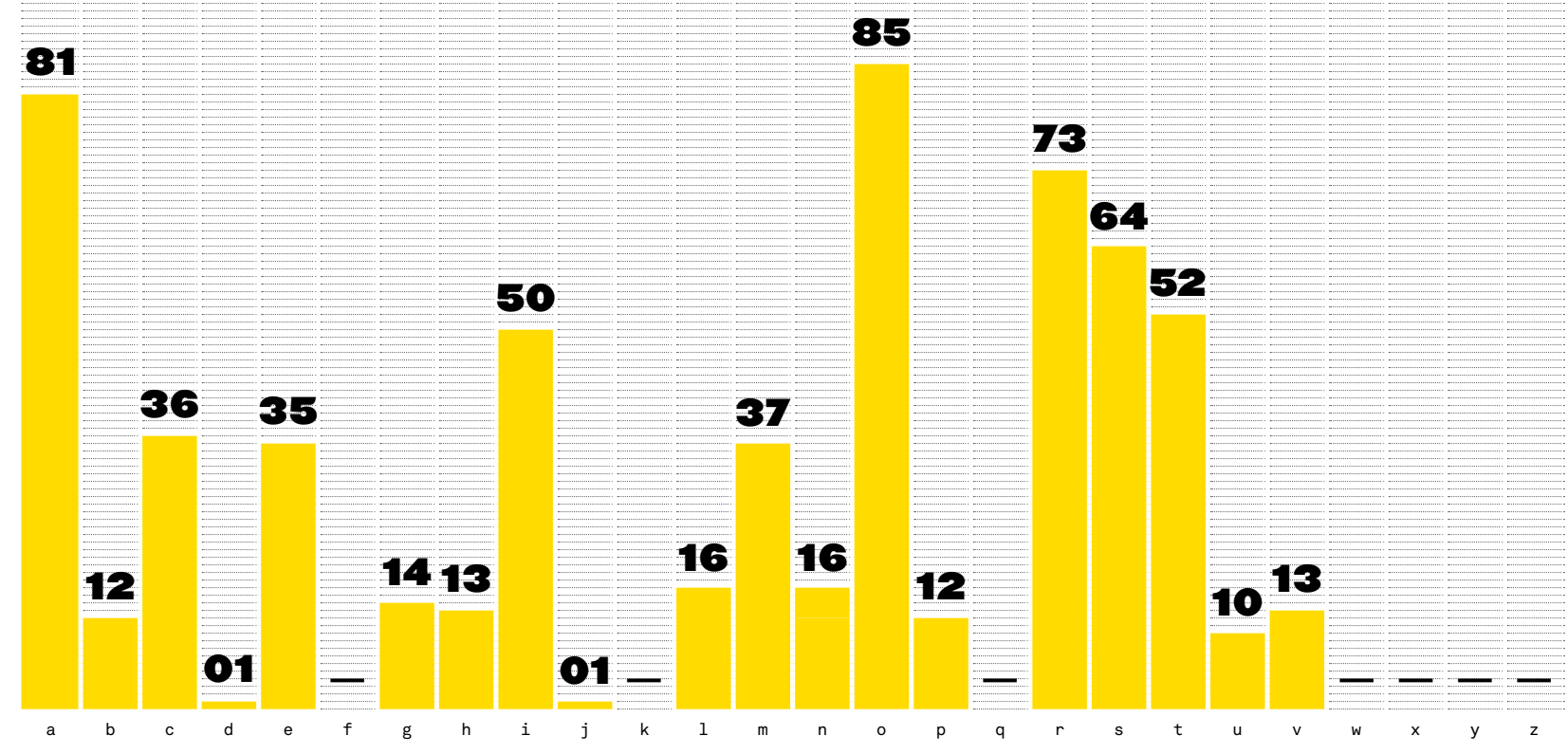
Há sons que fazem parte da vida real dos locais e há sons que as pessoas conservam na memória como fazendo parte da vida imaginária desses mesmos locais. Não raras vezes, o som produz diversas sensações, sentimentos e emoções (mais ou menos agradáveis) sendo ele intrinsecamente relacional. A sua propagação comunica, vibra, agita, une, harmoniza e traumatiza, transmite movimentos ao corpo, e transporta a mente ao sonho (LABELLE, 2006).

De acordo com PALLASMAA (2010), o eco dos passos de uma rua pavimentada tem uma carga emocional, porque o som reverbera nas paredes circundantes e coloca-nos em relação direta com o espaço, o som mede o espaço e torna a escala compreensível. Estimamos os limites do espaço com ajuda da audição. Cada cidade tem o seu eco, e este depende do seu desenho, da escala das ruas e dos estilos e materiais arquitetónicos predominantes. A Rua Brito Capelo é ainda conhecida pela rua do elétrico, que muito a animou durante 50 anos, era o meio de transporte para muitos comerciantes e de lazer para tantos outros. Mas o elétrico deu a vez ao metro e diz quem viveu naquela geração que a rua já não é a mesma.

Talvez o eco da Rua Brito Capelo seja ainda o de um passado recente.



medidor de frequência das  
letras pronunciadas dos  
sons descritos



música pop

elétrico

tango

mar

passarinhos

papagaio

música brasileira

buzinas

metrô

bolero

beethoven

gaiivotas

música latina

música natalícia

jazz

carros

gatos

música

tristeza

autocarros

muito barulho

morte

violino

barcos

rádio

silêncio

## 4.6. A Emoção

HERNÁNDEZ & GONZALEZ (2003) afirmam que os etnolinguístas sabem que a comunicação passa muito mais pelos signos da emoção do que pela informação estritamente semântica da palavra. De acordo com Damásio, a linguagem permite fazer uma representação de si mesma, é um marcador somático que molda a parte do cérebro e proporciona uma sensibilidade a certo tipo de informações mais do que outro (DAMÁSIO, 1995 A PARTIR DE HERNÁNDEZ & GONZALEZ, 2003).

Nesse sentido, reagimos emocionalmente a determinadas coisas e não a outras. A emoção pertence à família do sentimento e do afeto. Para que exista emoção, é necessário que exista materialidade na comunicação e isso é incorporado no lado sensorial. Para que exista afeto, é necessário que exista copresença, postura, palavras, memória. Assim, o transporte eficaz de emoções dispara nos canais sensoriais só com um olhar, ou um movimento brusco ou uma postura mais insinuante (HERNÁNDEZ & GONZALEZ, 2003).

Independentemente das afirmações de INNERARITY (2006), os espaços emocionais nascem de uma suscetibilidade social particular. Apropriando-se da expressão de SCHULZE (1995) e da afirmação de que esta é uma “sociedade das sensações”, admite-se que tudo pode ser convertido numa experiência sensorial, através dos sentimentos coletivos que flutuam de uma forma desarticulada e dissociada de mecanismos de regulação de vida social. Onde existe uma espécie de energia subjetiva sem ancoragem e sem sentido de responsabilidade, o papel da política na sociedade como mediador, que tenta civilizar um pouco o emocional e evita a manipulação das grandes emoções, transforma o sentir em atuar e atribui responsabilidades onde unicamente existiam imputações genéricas.

Durante o questionário da Rua Brito Capelo, a nossa amostra demonstrou inúmeras emoções em relação à rua, desde carinho, apego emocional, sentimento de posse, capacidade de sobrevivência, resistência, entre outras. As suas expectativas são grandes, e esperam que em breve do sentir se passe à ação.

Na impossibilidade da representação da imaterialidade das emoções, radiografamos a linguagem.

liberdade lazer coisas boas

:: = - " : " :

== = = = = e iiii i iiiiii iiiiii iiiiii

sentimento natalício mal feita

:: :

super negativa perigosa

desilusão desespero frio

tome mau estar viuva

tristia

WORLD

WORLD

WORLD

WORLD

WORLD

WORLD

WORLD

ALBERTA

1  
how often  
dem-estar

saal

maaa

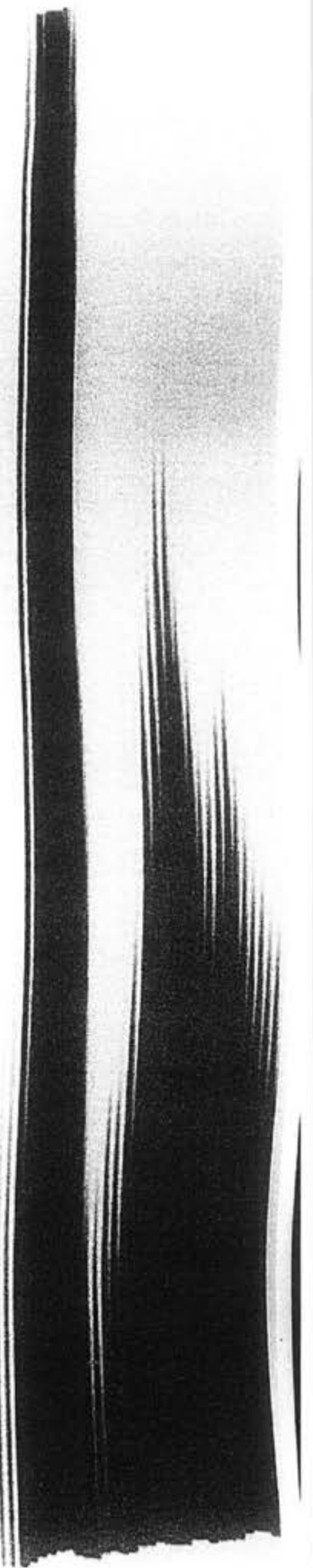
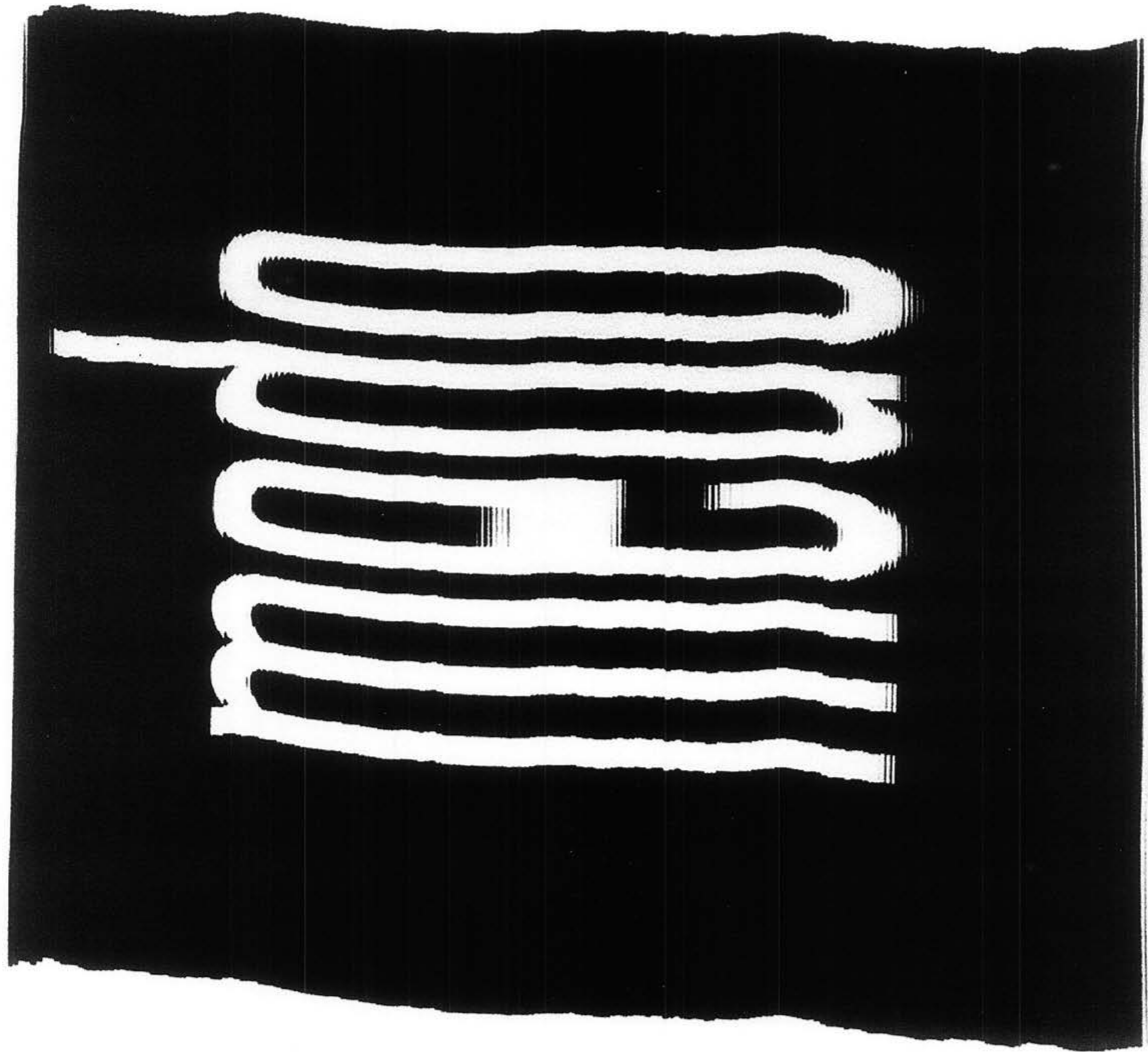
THE UNIVERSITY OF  
MICHIGAN LIBRARIES  
ANN ARBOR, MICHIGAN

angustia

entusiasmo

nostalgia

nostalgia



esperança solidariedade

consumir perigo desânimo

cair da noite desencanto

solidariedade espontaneidade

emoção tranquilizante

}

}

## 4.7. A Cor

A relação do cidadão com a cidade é descrita por LYNCH (2009) como uma relação impregnada de imagens, memórias e significados, tendo na maioria das vezes uma percepção da cidade parcial e fragmentária, em que quase todos os sentidos estão envolvidos e a imagem é o resultante de todos eles.

A percepção visual é desencadeada quando a luz refletida de um objeto atinge a retina, sendo projetado sobre ela uma imagem desse objeto, onde se identifica a cor e luminosidade (SIMÕES & TIEDEMANN, 1985). Afirmando que a cor não existe num estado puro COSTA (2011) defende que é uma propriedade das coisas do mundo, um fenómeno luminoso, uma sensação ótica. Essa descrição abrange a física da cor — o sistema fisiológico olho-cérebro — e a produção de significados, de maneira relativa, a psicologia da cor.

O percurso da Rua Brito Capelo pode ser vivido de várias formas: por quem habita, quem compra, quem passeia, sendo que todos estes cidadãos têm rotinas que nem sempre são leves, e a associação de uma cor à Rua aparece como uma forma de as quebrar, e alimentar o sonho de uma rua imaginada. A Rua Brito Capelo, como qualquer outra rua, está condicionada pelo ciclo do dia e da noite, sendo que o ciclo do dia traz a luz às casas da rua e provoca várias matizes, formando uma bela paleta de cores, e o ciclo da noite unifica a vibrante paleta do dia dada a ausência de luz.

HELLER (2007) defende que as cores são muito mais que fenómenos óticos ou meios técnicos pois produzem efeitos e têm uma relação direta com os sentimentos e com as emoções. Durante o questionário na Rua Brito Capelo, a cor mais associada à rua pela nossa amostra foi o cinzento (a cor do tédio, do antiquado e da crueldade), seguida do azul (a cor da simpatia, da harmonia e da fidelidade, do céu), do branco (a cor feminina da inocência, a cor do bem e dos espíritos, a cor mais importante dos pintores), do verde (a cor da fertilidade, da esperança e da burguesia; verde sagrado e verde venenoso), do amarelo (a cor mais contraditória; otimismo e ciúmes; a cor da diversão, do entendimento e da traição), e do preto (a cor do poder, da violência e da morte; a cor preferida dos designers e da juventude; a cor da negação e da energia) entre outras.

A simbologia da cor pode ser entendida como suporte de pensamento simbólico na criação de conceitos e na associação de elementos é antiga e universal, ainda que diferentes cores possam vir a ter diferentes simbologias consoante as culturas. Partindo do princípio de que não existe uma universalidade da cor segundo Heller, e que esta pode ser entendida como um fenómeno estritamente cultural, segundo épocas, sociedades e civilizações, seria interessante viajar no tempo e voltar a 1900 para saber que paleta cromática seria atribuída à Rua Brito Capelo.



## 4.8. O Cheiro

Em psicologia, a percepção é entendida como a função cerebral que atribui significado a estímulos sensoriais, a partir do histórico de vivências passadas, influenciando a trajetória de crescimento e reorganização do cérebro para que este se adapte melhor ao ambiente. Através da percepção é possível organizar e interpretar as impressões sensoriais obtidas pelos sentidos e atribuir significados ao seu meio. É considerada a parte mais antiga do cérebro, o rinencéfalo — cujo nome é composto por duas palavras cheiro e cérebro —, compreendendo áreas olfativas e líbicas (GERRIG & ZIMBARDO, 2005).

Segundo SIMÕES & TIEDEMANN (1985) depreendemos que a aptidão para experimentar e expressar emoções se terá desenvolvido a partir da capacidade para processar cheiros. Acrescentam ainda que as memórias que incluem lembrança de odores têm tendência para ser mais intensas e emocionalmente mais fortes.

PALLASMAA (2010) afirma que para desencadarmos um impulso olfativo numa terminação nervosa, só necessitamos de oito moléculas de uma substância, e esta substância por sua vez deteta mais de 10.000 odores diferentes. A recordação mais persistente de um espaço é o seu cheiro e, tal como para cada casa está associado um cheiro, o mesmo se verifica com as cidades e, em particular, com as ruas.

A cidade de Matosinhos é uma cidade de pescadores e os seus cheiros são especialmente memoráveis pela fusão de aromas de mar e de terra. Do mar chegamos o intenso cheiro a maresia, a algas que nos faz sentir a sua profundidade e sua imensidão, em contraponto com o cheiro da terra. Onde encontramos uma taxa de ocupação de restaurante de peixe elevadíssima e em que o resultado é expectável, entrar em Matosinhos e sentir o cheiro a peixe fresco na grelha.

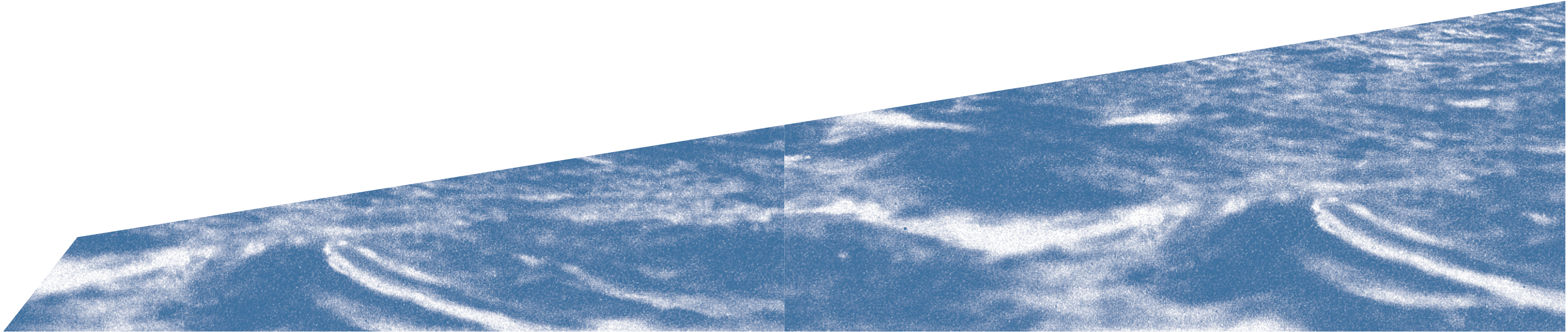
A Rua Brito Capelo está localizada bem perto da doca de peixe, sendo conhecida como uma das principais artérias comerciais de Matosinhos onde coabitam vários negócios, cada um com o seu perfume. Durante inúmeras décadas a cidade de Matosinhos era reconhecida pelas inúmeras conserveiras que se fixavam na cidade e que inundam as ruas e casas com os seus odores intensos. Os cheiros representados nas próximas páginas foram evocados à memória da nossa amostra.

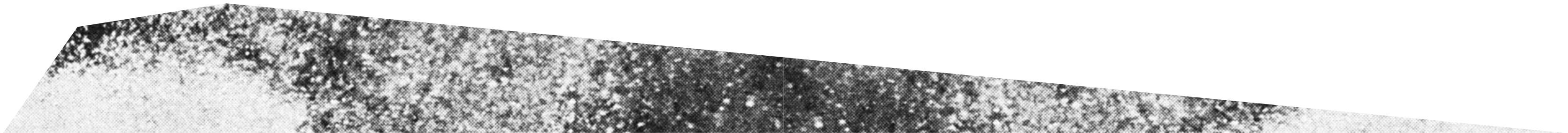




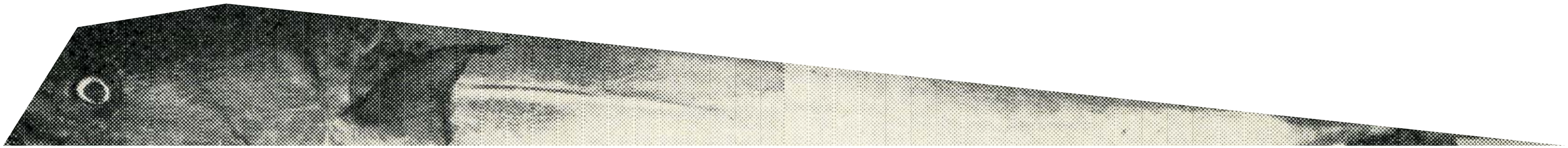








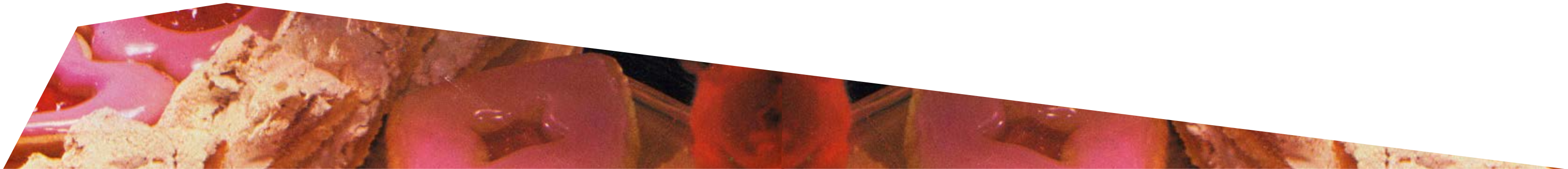
perfume



peixe frito



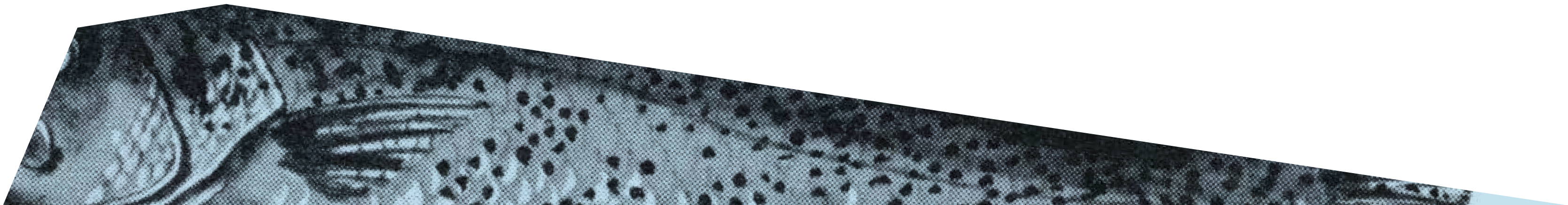
poluição



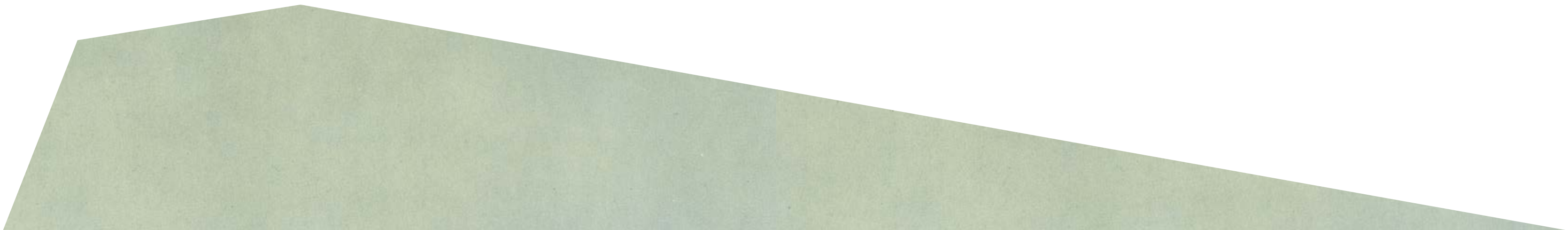


caramelo





sardinha

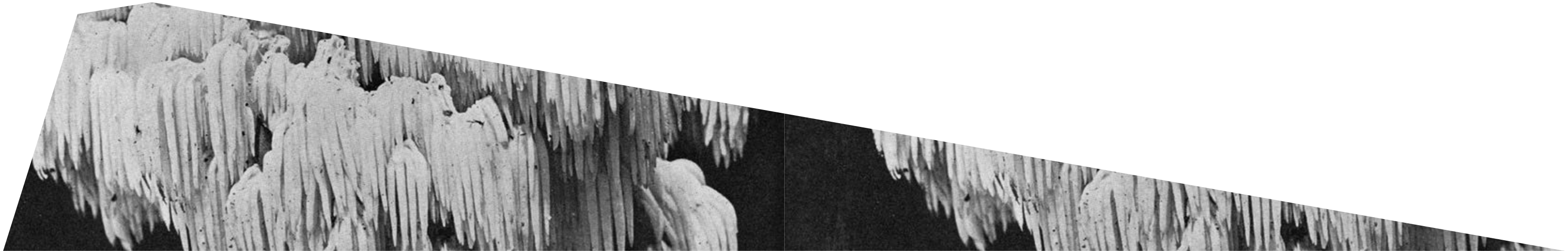




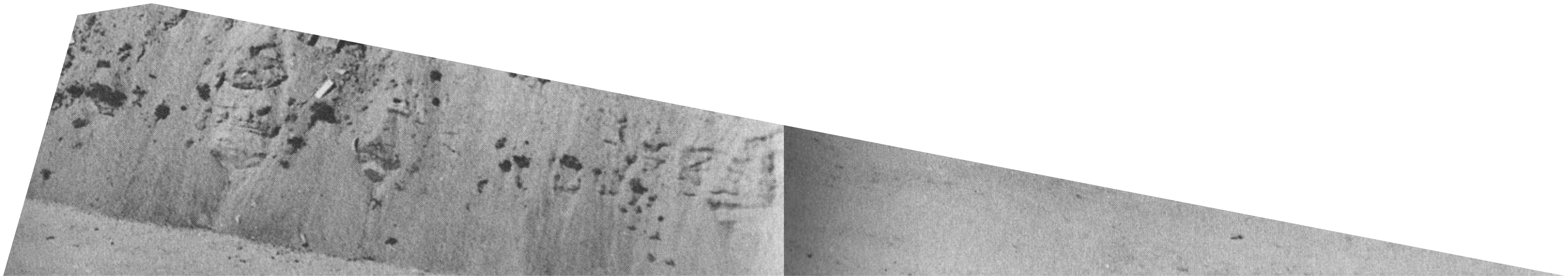


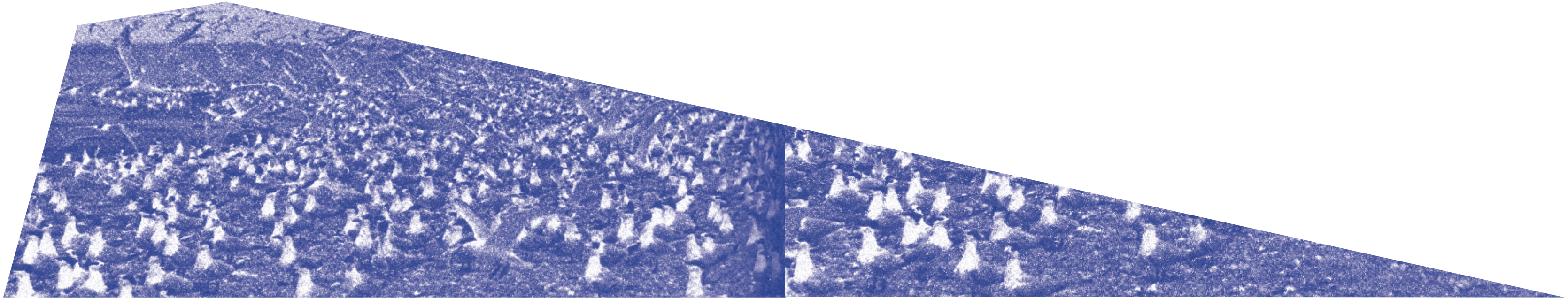


limonada





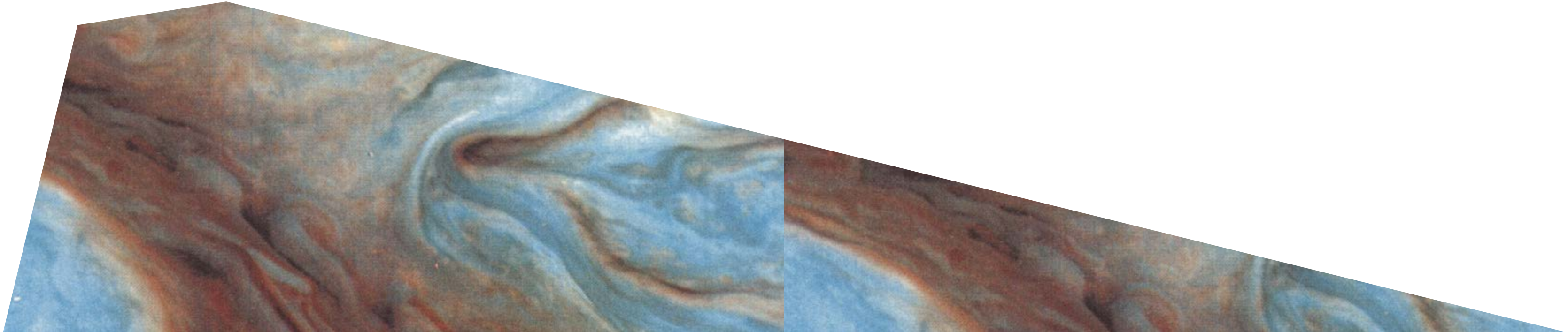




gavotas









## 4.9. O Paladar

Os dois modos de estar no mundo apresentados por ONFRAY (2009): o cosmopolitismo de viajantes nômadas e o nacionalismo dos camponeses sedentários e cada qual, no dia-a-dia, se vai descobrindo quer enquanto nômada (pelo estatismo, imobilidade e raízes) quer enquanto sedentário (amador de fluxo, de transportes, de deslocamentos). Algo comum a estes dois modos de estar é a vivência de experiências, ou seja, enquanto que para o cosmopolita existe uma necessidade e consciência de as colecionar, para um habitual transeunte a coleção de experiências existe sem uma consciência efetiva.

Em “*Sob o Sol de Jaguar*”, CALVINO (1992) afirma que a verdadeira viagem acontece quando existe uma mudança total de alimentação, um *engolir* o país visitado, através da sua fauna e flora e da sua cultura, passando pelos lábios e pelo esófago. Calvino afirma que este é o único modo de viajar nos dias de hoje, quando tudo o que é visível pode ser visto através da televisão, da internet e através de redes sociais.

O processo pelo qual sentimos o que nos rodeia possui três facetas: a recepção de um sinal externo que provoca um órgão correspondente dos sentidos, seguindo-se a transformação dessa informação num sinal nervoso e, por último, o transporte desse sinal e a sua modificação até chegar ao cérebro e dar-nos a sensação de sentir algo, segundo BRAUN (1991 A PARTIR DE SANTAELLA, 2005).

Olfato e paladar são, na verdade, um único sentido composto cujo laboratório é a boca e sua chaminé, o nariz ... (BRILLAT-SAVARIN, 2001, P.32)

O olfato e o paladar são conhecidos como sentidos químicos que provam o ambiente e estão intimamente ligados de acordo com LINDSTROM (2005). É frequente a afirmação “comemos com o nosso nariz” colocando como hipótese que o alimento que é aprovado pelo olfato muito provavelmente será aprovado pelo paladar. Ainda que seja possível destacar o cheiro sem incluir o sabor, o sabor sem cheiro é praticamente impossível. Sontag descreve a natureza fugidia deste sentido afirmando que “O sabor não tem registo nem provas” (SONTAG, A PARTIR DE LINDSTROM, 2005). O paladar é o único sentido que é carnívoro, que transforma o que come em si próprio, e destrói o objeto de desejo.

ACKERMAN (1992) compara as papilas gustativas aos grandes vulcões de mar-te, quando observadas através de um microscópio, embora em boa verdade as papilas gustativas sejam extremamente pequenas. Nos adultos poder-se-á encontrar cerca de dez mil células gustativas que se agrupam por salgado, azedo, doce e amargo, em diferentes locais da boca.

Durante o questionário na Rua Brito Capelo, a nossa amostra não se limitou

a associar só a estas quatro grandes áreas, por vezes especificando um pouco mais, como por exemplo: o salgado, a Empada de Vitela da Confeitaria Ferreira, ou o doce, o Pastel de Nata da Confeitaria Oriental.

A dimensão formal da Rua Brito Capelo poderá ser comparada com uma língua do território, em que agrupa as várias células gustativas, que envolvem a informação e a transmitem a quem lá passa. Como um reino dividido em principados ao qual corresponde uma aptidão sensorial.

Um sabor viajado por este reino que é reconhecido de diversas formas e que deixa um trave a agridoce a quem se passeia.

































SPICED SMALL MACKERELS IN OLIVE OIL  
PETITES MAQUEREAUX PIQUANTS À L'HUILE D'OLIVE



Distribuído por:

**PROPEIXE**

cooperativa de produtores de peixe do norte, c.r.l.

Sede:  
Av. Sérgio Pinto, 508 - 1.<sup>o</sup>  
4450-277 Matosinhos PORTUGAL  
Telef. 229 383 668 Fax 229 384 412

Delegação em Aveiro:  
Porto de Pesca / Docapesca  
Escritório Sala nº 12 -Tel./Sede  
3830/Gafanha da Nazaré

C 230 1P  
CE

SPICED SMALL MACKERELS IN OLIVE OIL  
PETITES MAQUEREAUX PIQUANTS À L'HUILE D'OLIVE



Distribuído por:

**PROPEIXE**

cooperativa de produtores de peixe do norte, c.r.l.

**PRODUTO ARTESANAL**

DIRECTAMENTE DO MAR  
AO CONSUMIDOR



**PROPEIXE**

**CAVALINHAS**



*Picantes em Azeite*



125 g

SPICED SMALL MACKERELS IN OLIVE OIL  
PETITES MAQUEREAUX PIQUANTS À L'HUILE D'OLIVE



Distribuído por:

**PROPEIXE**

cooperativa de produtores de peixe do norte, c.r.l.

Sede:  
Av. Sérgio Pinto, 508 - 1.<sup>o</sup>  
4450-277 Matosinhos PORTUGAL  
Telef. 229 383 668 Fax 229 384 412

Delegação em Aveiro:  
Porto de Pesca / Docapesca  
Escritório Sala nº 12 -Tel./Sede  
3830/Gafanha da Nazaré

C 230 1P  
CE



**PROPEIXE**

**PRODUTO ARTESANAL**

DIRECTAMENTE DO MAR  
AO CONSUMIDOR

**CAVALINHAS**



*Picantes em Azeite*



125 g

SPICED SMALL MACKERELS IN OLIVE OIL  
PETITES MAQUEREAUX PIQUANTS À L'HUILE D'OLIVE



Distribuído por:

**PROPEIXE**

cooperativa de produtores de peixe do norte, c.r.l.

Sede:  
Av. Sérgio Pinto, 508 - 1.<sup>o</sup>  
4450-277 Matosinhos PORTUGAL  
Telef. 229 383 668 Fax 229 384 412

Delegação em Aveiro:  
Porto de Pesca / Docapesca  
Escritório Sala nº 12 -Tel./Sede  
3830/Gafanha da Nazaré

C 230 1P  
CE



Nutrition Facts

Valor Nutritivo

Porção: 125g  
Porção por embalagem: 125g  
Calorias: 125

Ingredientes

Carapaus, Azeite, Vinagre, Cebola, Pimentão, Pimenta, Loureiro e Sal

Ingredientes

Stickleback, Olive Oil, Vinegar, Onion, Red Pepper, White Pepper, Laurel and Salt



Carapauzinhos em molho de escabeche



Stickleback in pickled sauce  
Épinoches en sauce marinade

Looking for the best...



Ingredientes: Carapaus, Azeite, Vinagre, Cebola, Pimentão, Pimenta, Loureiro e Sal  
Ingredientes: Stickleback, Olive Oil, Vinegar, Onion, Red Pepper, White Pepper, Laurel and Salt  
Ingredients: Épinoches, Huile d'olive, Vinaigre, Oignon, Piment Fort rouge, Piment Fort Blanc, Laurier et Sel

Fabricado por / Produced by / Fabricado por:  
Fábrica do Consoante Lda - Consoante, Lda  
Rua D. Afonso de Cruz, Lote 18/20  
4450-482 Barcelos - Matosinhos - Portugal  
Telef. 22 988 47 12 - Fax: 22 988 47 18  
email: delli@consoante.com.pt

PT  
C 230 1P  
CE

Porção: 125g  
Porção por embalagem: 125g  
Calorias: 125

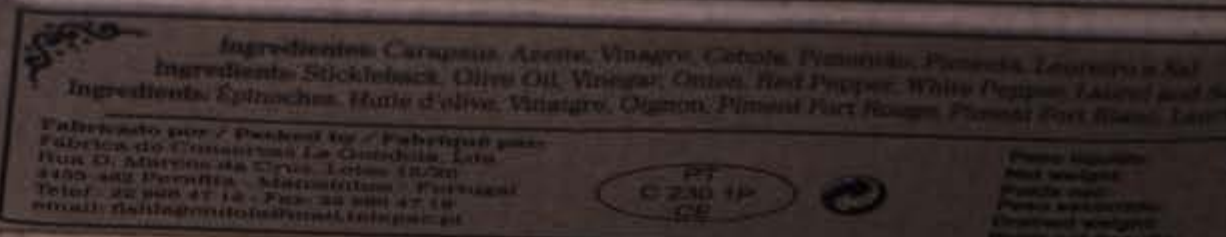


Carapauzinhos em molho de escabeche



Stickleback in pickled sauce  
Épinoches en sauce marinade

Looking for the best...



Ingredientes: Carapaus, Azeite, Vinagre, Cebola, Pimentão, Pimenta, Loureiro e Sal  
Ingredientes: Stickleback, Olive Oil, Vinegar, Onion, Red Pepper, White Pepper, Laurel and Salt  
Ingredients: Épinoches, Huile d'olive, Vinaigre, Oignon, Piment Fort rouge, Piment Fort Blanc, Laurier et Sel

Fabricado por / Produced by / Fabricado por:  
Fábrica do Consoante Lda - Consoante, Lda  
Rua D. Afonso de Cruz, Lote 18/20  
4450-482 Barcelos - Matosinhos - Portugal  
Telef. 22 988 47 12 - Fax: 22 988 47 18  
email: delli@consoante.com.pt

PT  
C 230 1P  
CE

Porção: 125g  
Porção por embalagem: 125g  
Calorias: 125



SARDINHAS  
em tomate  
**RAMIREZ**  
**160 ANOS**  
Desde 1853  
Alimentação Saudável  
Product of Portugal

SARDINHAS  
em tomate picante  
**RAMIREZ**  
**160 ANOS**  
Desde 1853  
Alimentação Saudável  
Product of Portugal

SARDINHAS  
em óleo vegetal  
**RAMIREZ**  
**160 ANOS**  
Desde 1853  
Alimentação Saudável  
Product of Portugal

SARDINHAS  
em tomate  
**RAMIREZ**  
**160 ANOS**  
Desde 1853

SARDINHAS  
em tomate  
**RAMIREZ**  
**160 ANOS**  
Desde 1853  
Alimentação Saudável  
Product of Portugal

+ tempo para si  
SARDINHAS  
em tomate picante  
**RAMIREZ**  
**160 ANOS**  
Desde 1853  
Alimentação Saudável  
Product of Portugal  
RICO EM OMEGA 3

SARDINHAS  
em óleo vegetal  
**RAMIREZ**  
**160 ANOS**  
Desde 1853

+ tempo para si  
SARDINHAS  
em óleo vegetal  
**RAMIREZ**  
**160 ANOS**  
Desde 1853  
Alimentação Saudável  
Product of Portugal  
RICO EM OMEGA 3

01.2018 PT C2342PCE L016T  
SARDINHAS  
em tomate picante  
**RAMIREZ**  
**160 ANOS**  
Desde 1853  
Alimentação Saudável  
Product of Portugal  
RICO EM OMEGA 3

SARDINHAS  
em tomate  
**RAMIREZ**  
**160 ANOS**  
Desde 1853  
Alimentação Saudável  
Product of Portugal

Alimentação Saudável  
Product of Portugal  
SARDINHAS  
em tomate picante  
**RAMIREZ**  
**160 ANOS**  
Desde 1853  
Alimentação Saudável  
Product of Portugal  
RICO EM OMEGA 3  
+ tempo para si

Alimentação Saudável  
Product of Portugal  
SARDINHAS  
em óleo vegetal  
**RAMIREZ**  
**160 ANOS**  
Desde 1853  
Alimentação Saudável  
Product of Portugal  
RICO EM OMEGA 3

SARDINHAS  
em tomate  
**RAMIREZ**  
**160 ANOS**  
Desde 1853

Alimentação Saudável  
Product of Portugal  
SARDINHAS  
em tomate picante  
**RAMIREZ**  
**160 ANOS**  
Desde 1853  
Alimentação Saudável  
Product of Portugal  
RICO EM OMEGA 3

+ tempo para si  
SARDINHAS  
em óleo vegetal  
**RAMIREZ**  
**160 ANOS**  
Desde 1853













































## 4.10. O Desabafo

No observatório do projeto “*Lisboa Capital do Nada*”, SILVANO (2001) expõe a ideia recentemente defendida também por RICHARD SENNETT (1979) sobre o porquê da escolha de vivermos em cidades, respondendo que elas fazem de nós seres humanos mais complexos. Contudo, as pessoas referiram que nas cidades somos mais livres, ainda que não necessariamente mais felizes, acrescenta SIMMEL (1997). Num meio social culturalmente diverso, a oferta que nos é apresentada como indiscutível é cada vez menor, a escolha é cada mais extensa e o confronto com a diversidade, por sua vez, impõe-nos um esforço superior e isso torna-nos seres mais complexos, na visão de SENNETT (1979). A relação com o espaço público da cidade está profundamente marcada por clivagens de classe, de género e de etnia, como assinala MILES (2001). Estas demarcações não só induzem a sistemas complexos de inclusão e de exclusão, como fazem com que o espaço da cidade seja uma realidade extremamente complexa, resultante de práticas de pessoas detentoras de competências espaciais muito diferentes (LEFEBVRE, 1986).

BRANDÃO (2011) defende que a identidade urbana é inúmeras vezes invocada em projetos urbanos, com a intenção de facilitar a adesão da população à mudança e ao conteúdo inovador que tais projetos possam apresentar. Contudo, não é fácil definir como é que a identidade dos lugares é criada podendo, por vezes, ser a nostalgia do que esses locais foram no passado ou o sinal de amor ao bairro onde se vive. Mas tudo nos remete para uma memória coletiva.

A memória coletiva é normalmente atribuída à própria identidade do espaço, sendo que BRANDÃO (2011) a descreve como uma construção por camadas: cada indivíduo tem a sua memória individual e a sua memória coletiva, uma amálgama que incluiu as suas recordações e as dos outros. A memória coletiva é contínua, definida pela soma de referências e ligações entre as várias memórias.

Para os cidadãos enraizados a um lugar durante uma ou mais gerações, o aspeto físico da cidade tem um interesse e uma importância especial. E aquando de uma mudança no espaço físico da cidade, como o desaparecimento de uma rua ou um edifício ou ainda, no nosso caso de estudo em particular, da substituição do elétrico pelo metro e o encerramento da rua à circulação de automóveis, os cidadãos ressentem-se desmesuradamente.

Durante a realização do questionário, várias histórias se iam contando, assim como desabafos, na esperança que a geração vindoura logre o que a presente faz olvidar. A verdade é que da mesma forma que a Rua é amada é, também, odiada. A nostalgia das histórias de namoro que a rua testemunhou, fazem

transparecer o amor pela rua, mas a incompreensão para o que se vive no dia-a-dia da Rua e a resistência à mudança carregam o ódio, que transparece nas conversas e desabafo de quem lá passa.

Se nas características do desabafo encontramos a espontaneidade depositada nas palavras — a carga emocional que há muito estava reprimida — será, no folhear das próximas páginas, exposta a cru, sem edição ou justificação.

**A PUTA  
DA RUA  
É UMA  
MERDA**



**É UM  
DESESPERO**

**A POLÍCIA TEM  
MEDO DELES**

**É UMA  
BROCHADA**

Bonitas eram  
as Recoveiras  
dos Tecidos  
nos Eléctricos

conheci o  
meu Amor na  
Brito Capelo

**TEMOS QUE DAR AS  
TRIPAS POR ESTA RUA**

É a rainha das  
ruas de  
Matosinhos

**JÁ NÃO SOU UMA  
COMERCIANTE,  
SOU UMA SOBREVIVENTE**

Matosinhos é  
da Rua Brito Capelo  
p'ra baixo,  
assim diziam os  
Matosinheses  
de gema


Era a  
*Coqueluche* de  
Matosinhos

**ABENÇOADOS CHINESES,  
SEM ELES A RUA  
JÁ TERIA MORRIDO**

Matosinhos é  
da Brito Capelo  
para baixo

**É UMA RUA SEM  
REI NEM ROQUE**

Nós  
namorávamos  
na  
Brito Capelo

Nos anos 80  
só ouvíamos   
*“vamos à  
Brito Capelo”*

## 4.11. O Quotidiano

“A vida quotidiana é a vida de todo homem. Todos a vivem, sem nenhuma exceção, qualquer que seja o seu posto na divisão do trabalho intelectual e físico.”  
(HELLER, 2000, P.17)

No entanto, a vida quotidiana não deve ser reduzida à soma ou ao conjunto de ações individuais como correr, comer, beber, vestir, entre outras (que usualmente são chamadas atividades práticas), mas também a desejos, capacidades e possibilidades do ser humano como referência a todos estes âmbitos, às suas relações com os bens e com os outros, os seus ritmos, o seu tempo, o seu espaço e os seus conflitos (LEFEBVRE, 1981 A PARTIR DE VILLÓRIA, 2004). Em última instância, a vida quotidiana é, para LEFEBVRE (1981), a vida do ser humano implementado numa pluralidade de sentidos e simbolismos, em espaços que o modelam e que, por sua vez, dão forma dentro do fluxo incessante da vivência do tempo.

Assim, a proposta teórica de LEFEBVRE (1972) para o estudo da vida quotidiana opõe-se à simples recompilação interminável de factos. Não há factos sociais ou humanos que não tenham um laço de união. Em seguida, todos os dias podem ser tomados como o laço que os une, ou como o “fio condutor para a sociedade” (LEFEBVRE 1972, P. 255). De ressaltar que, mais importante que os factos, são os fios que os conectam.

De manhã, antes de tomarmos café, passamos pela Papelaria Rios para comprar o jornal diário, onde fomos atendidos pela Sónia Galego, a Verónica Mateus e a Laura Mateus, sempre amabilíssimas. Na direção do café lembramo-nos de levantar o relógio que ficou para arranjar na Ourivesaria Albano, em que a sabedoria e astúcia do Joaquim Alberto Marques reina e onde a Maria Manuela faz a casa. No percurso saudámos o emblemático papagaio da Casa Pinto Bébé e a Almerinda Sarmento acena-nos. Um pouco mais à frente encontramos a Casa Pinto Confeções, que possui puras relíquias desde os tecidos, a acessórios e peças de retrosaria, com o cuidado da Isabel Simões há 39 anos. Caminhamos em direção ao sul e, como gostamos de presentear aqueles de quem mais gostamos, entramos na casa Guimarães para comprar uma nova forma de bolo. Claro que houve uma grande ajuda da Sónia Leal, do Nelson Sá e da Susana Sousa nestes preparativos. De passagem na Casa Porquinho, compramos uns enchidos e um saboroso queijo, aconselhado pelo Alberto Henriques. Cruzando a via, fomos à Farmácia Rocha Pereira, dando uso ao provérbio “é melhor prevenir do que remediar”, com o qual Duarte Rocha Pereira concordou plenamente. E a nossa tão desejada pausa acontece na Confeitaria Ferreira, onde pedimos um café e uma coxinha e tivemos a felicidade de nos cruzarmos com o atarefado José Ferreira, que há 21 anos se dedica a esta arte. Depois da recuperadora pausa, visitamos

um casal muito especial, Celeste e António Abuim, que são o rosto da FotoMar, sempre com um sorriso e muitas histórias para partilhar. No cruzamento da Brito Capelo com a 1ª de Dezembro encontramos a Mabília, sempre com ofertas novas e o seu sentido de humor muito apurado. Claro que trouxemos mais um par de meias, antes que ela tivesse que fugir à Polícia. Não resistimos a espreitar a montra da W52, e comprar uma camisa no Jorge Carvalho.

De passo, fomos totalmente atraídos pela elegância e delicadeza do Barbeiro Agostinho Almeida da Barbearia Clássica, e pela sua forma de trabalhar, que é intemporal. Para o almoço paramos na Frutaria da Meninha, que parece que vive em festa, onde a Elsa Barbosa, o Nuno Miranda, a Carla Machado e a Carla Ferreira têm uma alegria contagiante, e comprarmos quilos de vida saudável para contrapor ao momento de gula que se fez sentir no Talho Boavista, sempre servidos pelo Paulo Nogueira e pela Fátima Mateus.

Finalizamos o nosso passeio na Casa Morais, à conversa com o João Lino, que nos aconselhou a comprar mais um presente de aniversário.

Este pode ser um dia qualquer do quotidiano de qualquer um que se aventure a passear pela rua e a elegê-la para os seus afazeres.

Nas próximas páginas os comerciantes, que são retratados nas fotografias, contam-nos as suas histórias de vida dedicadas à Rua Brito Capelo, alguns com um comércio muito tradicional, outros a tentar acompanhar as necessidades dos nossos dias.



Sonia Galego, 42 anos. Há 1 ano na Papelaria Rios.  
Verónica Mateús, 23 anos. Há 3 anos na Papelaria Rios.  
Laura Mateús, 47 anos. Há 3 anos na Papelaria Rios.



*Maria Manuela Nóvoa, 44 anos. Há 7 anos na Ourivesaria Albano.  
Joaquim Alberto Marques, 61 anos. Há 45 anos na Ourivesaria Albano.*



*Almerinda Sarmiento, 45 anos. Há 21 anos na Casa Pinto BéBé.*



*Isabel Simões, 52 anos. Há 39 anos na Casa Pinto Confeções.*

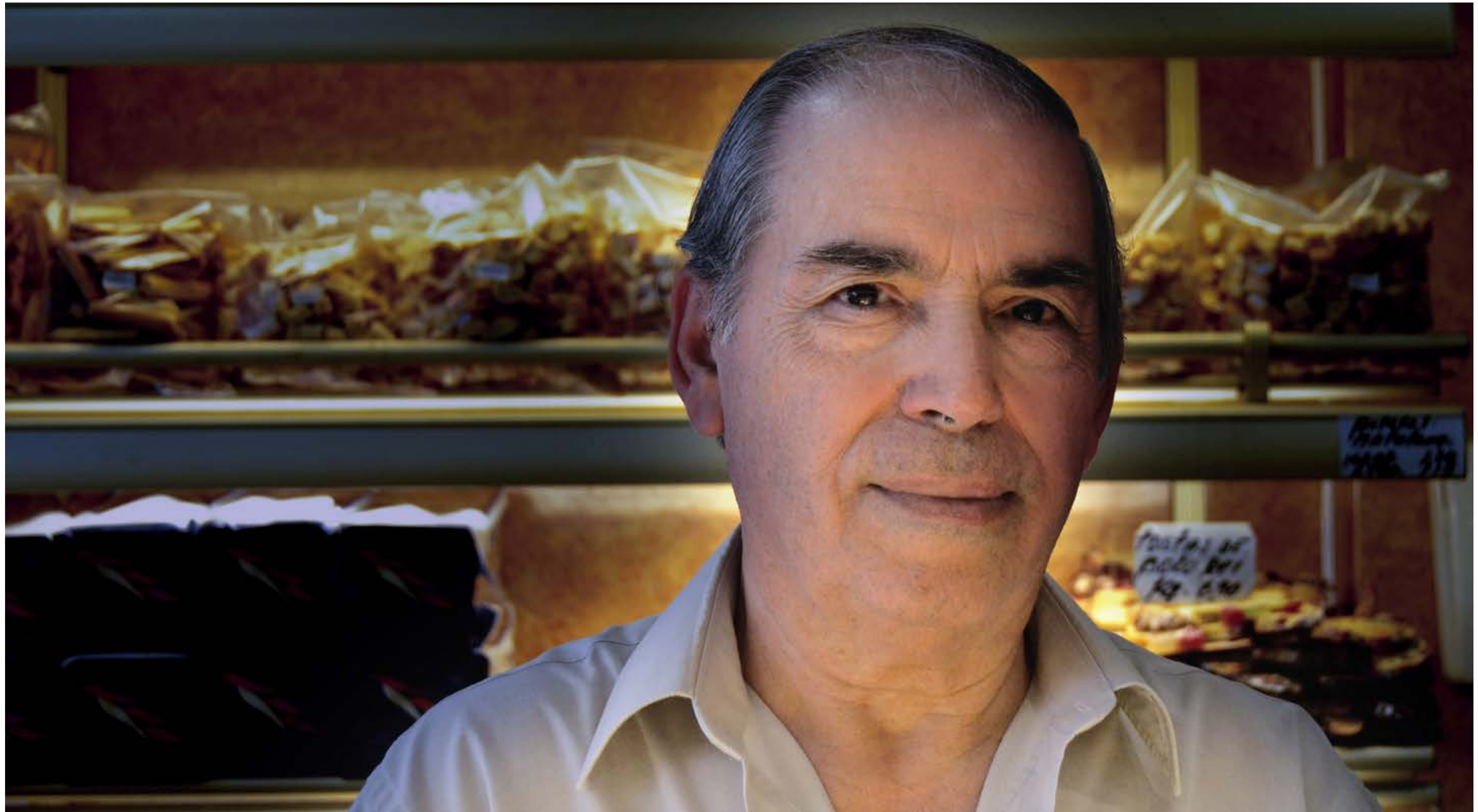


Sónia Leal, 34 anos. Há 8 anos na Casa Guimarães.  
Nelson Sá, 25 anos. Há 4 anos na Casa Guimarães.  
Susana Sousa, 36 anos. Há 1 anos na Casa Guimarães.



Alberto Henriques, 62 anos. Há 19 anos na Casa Porquinho.





*José Ferreira, 68 anos. Há 21 anos na Confeitaria Ferreira.*



António Rui, 74 anos & Celeste Abuim, 74 anos.  
Há 47 anos na FotoMar.



Olga Mabília, 63 anos. Há 23 anos a vender na Rua Brito Capelo.



Liliana Lourenço, 25 anos. Há 2 semanas na W52.  
Inês Silva, 25 anos. Há 2 anos na W52.



*Jorge Carvalho, 56 anos. Há 24 anos na Loja Jorge Carvalho.*



*Agostinho de Almeida, 82 anos. Há 40 anos na Barbearia Clássica.*



Elsa Barbosa, 31 anos. Há 4 meses na Frutaria da Meninha.  
Nuno Miranda, 20 anos. Há 1 ano na Frutaria da Meninha.  
Carla Machado, 41 anos. Há 8 anos na Frutaria da Meninha.  
Carla Ferreira, 30 anos. Há 1 dia na Frutaria da Meninha.



*Paulo Nogueira, 48 anos. Há 23 anos no Talho Boavista.*



Fátima Mateús, 41 anos. Há 18 anos no Talho Boavista.



João Lino, 48 anos. Há 8 anos na Casa Morais.

# Considerações finais

O presente trabalho propôs-se, desde o seu início, a conter em si um compromisso de expansão do conhecimento do tema proposto a explorar. O estudo da cidade, em particular da nossa cidade (Matosinhos) e da sua mais emblemática rua: a Brito Capelo. No projeto encontramos a consciência de uma necessidade de reformulação do espaço público do desenvolver, no âmbito projetual, novos processos e metodologias de abordar a condição contemporânea dos diferentes contornos espaciais. Reconhecendo que foram realizados muitos estudos sobre a rua, de enorme importância e valor, e que tiveram em conta inúmeros parâmetros e números, acreditamos, no entanto, ver a Rua de uma forma mais empírica e emocional.

Num primeiro momento debruçamo-nos sobre o tema das cidades e a urgência de saber mais sobre a sua dinâmica, em que nos deparamos com um organismo vivo — A Cidade — que vai muito para além da sua representação física do espaço, é um espaço habitado, percorrido e experienciado. No segundo ponto, a memória da cidade de Matosinhos e a sua evolução, a importância da Rua Brito Capelo, o seu crescimento, a sua designação e o seu processo de transformação. Após os dois pontos anteriores terem sido trabalhados, entendemos que a elaboração de um questionário, ainda que empírico, para auscultar o corpo cidadão nos iria ajudar no nosso projeto. E, na realidade, revelou-se de enorme importância e surpreendeu-nos da melhor forma a disponibilidade das pessoas para nos ajudar e a vontade de participar e contar as suas histórias, cada uma carregada de significado e de partilhas sentidas. Fomos inúmeras vezes arrebatados pelo sentimento de privilégio da partilha, quase como se fizessemos parte da família.

A vontade de trazer vida à Rua Brito Capelo é imensurável. Acreditamos que isto poderá ser através do Design, que este servirá de alavanca para a Rua, e que este estudo servirá de alavanca para o Design. Com este estudo pretendemos ir mais longe, acreditamos que esta análise da Rua poderá potenciar o design em Matosinhos e, em especial, na Rua Brito Capelo, e esperamos que este projeto sirva de meio de promoção à mudança de paradigma. Este estudo faz a diferença na criação de uma mediação entre as pessoas que habitam e dão vida à Rua, que reconhecemos como o carisma do local, com os projetos futuros para este local. Como é o exemplo do projeto urbano “Quadra Marítima” — que se entende pela área delimitada entre a Rua Álvaro Castelões e o Porto de Leixões — existe a intenção através da Câmara Municipal de Matosinhos em parceria com a ESAD, de criar um plano funcional do centro urbano dedicado ao design, o “*Quadra Design District*”, com a vontade de num futuro próximo candidatar a cidade de Matosinhos a Cidade Capital do Design da Unesco. Matosinhos reúne todas as condições para *ter e ser* um “*Quadra Design District*” e em 2015 candi-

datar-se ao galardão da Unesco para o reconhecimento como uma “Cidade de Design” (cidades que promovem o desenvolvimento das indústrias criativas).

Poderemos até, em título de conclusão, perceber que o projeto final de Mestrado respondeu a uma tentativa possível de identificar, mapear e interpretar as respostas ao questionário realizado na Rua, na tentativa de contribuir para a caracterização e compreensão de um possível ADN da cidade de Matosinhos a partir da Rua Brito Capelo, através do Design de Comunicação, fazendo apologia da premissa *Etnografia Sensorial*.

Deixando a resistência à mudança de lado, esperamos que nos próximos cinco anos a curva de desertificação da rua se inverta, que a Rua seja renovada pela paixão que a move e que muitas mais histórias carregue para contar. Afinal, *a Rua Brito Capelo é a Rainha das ruas de Matosinhos*.

## Referências Bibliográficas

ACKERMAN, Diane (1992) *Una História de Los Sentidos*. Barcelona: Editorial Anagrama, S.A.

AICHER, Otl (1994) *The World as Design*, Translated by Michael Robinson. Berlin: Ernst & Sohn Verlag.

AJUNTAMENT DE BARCELONA (2003) *communicates B comunica*. Barcelona: Ajuntament de Barcelona & ACTAR.

ANTUNES, Inês (2010). *Cidade Sentida*. JOELHO #01 “Mulheres na Arquitectura”. Coimbra: Editora Edarq.

AYUNTAMIENTO DE MÁDRID (2008) Retirado a 16 de Março de 2014  
[http://www.aprendersinruidomadrid.es/para\\_conocer/el-sonido-en-la-ciudad.htm](http://www.aprendersinruidomadrid.es/para_conocer/el-sonido-en-la-ciudad.htm)

BARRETO, António (2007) *Portugal, Um retrato social - Um país como os outros* vol.7. Lisboa: Público – Comunicação Social, S.A.

BENJAMIN, Walter (1979) *Charles Baudelaire*, Paris: Petite Bibliothèque Payot.– (1989), Paris, capitale du XIXe siècle, le livre des pasajes. Paris: Editions du Cerf

BORJA, Jordi (2002) *La ciudad del deseo*. Quaderns d’ arquitectura i urbanisme, nº235

BRANDÃO, Pedro (2011) *La Imagen de la Ciudad: Estrategias de Identidad y Comunicación*. Barcelona: Publicacions i Edicions de la Universitat de Barcelona

BRILLAT - SAVARIN, J.A. (2001) *Fisiología del Gusto*. Barcelona: Editorial Óptima, S.L.

CACCIARI, Massimo (2010) *A Cidade*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SL.

CAEIRO, Mário (2001) *Lisboa Capital do Nada - Marvila, 2001- criar, debater, intervir no espaço público*. Marvila: Extra]muros[.

CALVINO, Italo (1992) *Sob o Sol Jaguar*. Lisboa: Editorial Teorema, LDA

CALVINO, Italo (2010) *As Cidades Invisíveis*. Lisboa: Teorema.

CARMO, H. & Ferreira, M. (2008) *Metodologia da Investigação – guia para auto-aprendizagem*. Universidade Aberta

CASTRO FREITAS, Américo (2009) Retirado a 26 de Janeiro de 2014 de <http://matosinhosantigo.blogspot.pt/2009/09/rua-brito-capelo-2.html>

CHUECA GOITA, Fernando (2010). *Breve História do Urbanismo*. Barcelona: Editorial Presença.

CLETO, Joel (1994). *Matosinhos nas Descobertas*. Matosinhos – Revista Municipal, nº7. Matosinhos: Câmara Municipal.

CLETO, Joel (2007). *Senhor de Matosinhos. Lenda, História, Património*. 2ªed. revista e ampliada, com síntese em inglês e suporte multimédia. Matosinhos: Câmara Municipal

COSTA, Joan (2011) *Design para os olhos: Marca, Cor, Identidade, Sinalética*. Lisboa: Dinalivro

GALANTE DE MATOSINHOS, Domingos (2008) Retirado a 14 de Janeiro de 2014 de [http://www.imprensaregional.com.pt/jornal\\_de\\_matosinhos/index.php?info=YT0zOntzOjU6Im9wY2FvIjtzOjExOjJub3RpY2lhX2xlcil7czoxMDoiaWRfbm9oaWNpYSI7czozOiI5NjkiO3M6OToiaWRfc2VjY2FvIjttOO3o=](http://www.imprensaregional.com.pt/jornal_de_matosinhos/index.php?info=YT0zOntzOjU6Im9wY2FvIjtzOjExOjJub3RpY2lhX2xlcil7czoxMDoiaWRfbm9oaWNpYSI7czozOiI5NjkiO3M6OToiaWRfc2VjY2FvIjttOO3o=)

GALANTE DE MATOSINHOS, Domingos (2005) *Matosinhos Ontem, Hoje e Amanhã... Cartas de Lisboa – Memórias de um Matosinhense*. Matosinhos: Câmara Municipal de Matosinhos – Acima.

GERRIG, J. Richard & Zimbardo, G. Philip (2005) *A Psicologia e a Vida*. São Paulo: Artmed Editora, S.A.

GUIMARÃES, Gleny (2002) *Aspectos da teoria do cotidiano: Agnes Heller em perspectiva*. Porto Alegre: Edipucrs

GRAÇA DIAS, Manuel (2006) *Manual das Cidades*. Lisboa: Relógio D' Água

HELLER, Agnes (2000) *O Cotidiano e a História*. São Paulo: Editora Paz e Terra, S.A.

HELLER, Eva (2007) *A Psicologia das Cores: Como actuam as cores sobre os sentimentos e a razão*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SL

INNERARITY, Daniel (2006) *El Nuevo Espacio Público*. Madrid: Espasa Hoy

INFOPÉDIA (2003) Hermenegildo Capelo retirado em Janeiro, 26, 2014 de <http://www.infopedia.pt/hermenegildo-capelo>

J. GOMES, António (2005) *As Actividades Económicas de Matosinhos 1850 a 1910. A Agricultura; A Indústria; O Comércio*. Matosinhos: Câmara Municipal de Matosinhos – Editorial Maresia.

KLANTEN, R., EHMANN, S., TISSOT, T., BOURQUIN, N. (2010) *Data Flow 2 Visualizing Information in Graphic Design*. Alemanha: Gestalten.

KLANTEN, R., EHMANN, S., SCHULZE, F. (2011) *Visual Storytelling Inspiring a New Visual Language*. Alemanha: Gestalten.

LEFEBVRE, Henri (1972) *La Vida Cotidiana en el Mundo Moderno*. Madrid: Alianza Editorial, p.255

LEFEBVRE, Henri (1981) *Critique de la vie quotidienne. Vol. III: De la modernité au modernisme (Pour une métaphilosophie du quotidien)*. Paris: L' Arche Editeur

LEFEBVRE, Henri (1986) *La production de l' espace*. Paris: Anthropos (1st ed. 1974)

LENNARD, S. and LENNARD, H. (1995) *Livable Cities Observed*. Southampton: Gondolier Press.

LIMA, Manuel (2011) *Visual Complexity: Mapping Patterns of Information*. Nova Iorque: Princeton Architectural Press.

LINDSTROM, Martin (2005) *Brandsense: a marca multissensorial*. São Paulo: Artmed Editora, S.A.

LYNCH, Kevin (2009) *A Imagem da Cidade*. Lisboa: Edições 70,Lda

MIKOLELT, Anne & PURCKHAUER, Mortiz (2011) *Urban Code - 100 Lessons for Understanding the City*. Zurich: gta Verlag.

MILES, M (2000) *Para além do espaço público / Beyond the public realm*. Lisboa: Extra]muros[e CPD

ONFRAY, Michel (2009) *Teoria da Viagem - Uma Poética da Geografia*. Lisboa: Quetzal.

ORTEGA Y GASSET, José. (1916) 2004. *Obras Completas Tomo II*. Madrid: Editorial Taurus.

PALLASMAA, Juhani (2010) *Los Ojos de la Piel. La arquitectura y los sentidos*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SL

PARK, Robert E. (1967) *On Social Control and Collective Behavior*. Chicago University Press.

PASTOUREAU, Michel (1997) *Dicionário das Cores do Nosso Tempo, Simbólica e Sociedade*. Lisboa: Editorial Estampa

PINK, Sarah (2007). *Doing Visual Ethnography*. California: SAGE Publication.

PINK, Sarah (2009). *Doing Sensory Ethnography*. California: SAGE Publication.

PUIG, Toni (2013) *¿Quién es Toni Puig?*. Retirado a 29 de Novembro de 2013 de <http://www.jaliscocomovamos.org/noticias-cols3/noticias/143-quien-es-toni-puig.html>

RAMÍREZ KURI, Patricia ET AL (2006) *Pensar y habitar la ciudad: Afectividad, memoria y significado en el espacio urbano contemporáneo*. Barcelona: Anthropos Editorial

SANTAELLA, Lucía (2005) *Matrizes da linguagem e pensamento: sonora, visual, verbal: Aplicações na hipermídia*. São Paulo: Editora Iluminatas LTDA

SANTOS SILVA, A. & MADUREIRA PINTO, J. (1986) *Metodologia das ciências sociais*. Porto : Edições Afrontamento

STALKER/Osservatorio Nomade (1995) <http://www.osservatorionomade.net/>

SCHAFER, R. Murray (1997) *The soundscape: our sonic environment and the tuning of the world*. New York: Knopf

SIMÕES, Quirino & TIEDEMANN, Bruno (1985) *Psicologia da percepção*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, Ltda

SENNETT, R. (1979) *Les tyrannies de l'intimité*. Paris: Seuil (1ST ED. 1974)

SIMMEL, G. (1997) *A metrópole e a vida do espírito, (the metropolis and the life of the spirit)* in FORTUNA, C. (org.), *Cidade, Cultura e Globalização (City, Culture and Globalization)* Oeiras: Celta

SOLÀ-MORALES, Manuel (2008) *Diez Lecciones sobre Barcelona*. Barcelona: COAC, Actar.

SOJA, Edward (2005) *Em espaços diferentes*. BRAGANÇA DE MIRANDA, José A. e COELHO (Org.), Eduardo Prado, *Espaços*, Revista de Comunicação e Linguagens, nº34 e 35, Junho de 2005, págs. 301-309.

SPENGLER, Oswald (2007) *La decadencia de Occidente, Vol.III*. Madrid: Editorial Espasa Calpe

TEIXEIRA DA SILVA, REIS ARENGA, SILVA RIBEIRO, SANTOS SERAFIM, ALBURQUERQUE E SILVA E MELO E SOUSA. *A Marinha na Investigação do Mar. 1800-1999*. Instituto Hidrográfico, Lisboa 2001.

UEBELLE, Andreas (2007) *Signage Systems & Information Graphics - A Professional Sourcebook*. Londres: Thames & Hudson.

VILLORÍA, Alicia (2004) *Las Huellas de Lefebvre sobre la Vida Cotidiana*. Revista Veredas – Revista del Pensamiento Sociológico, 5, 8, 40 - 44.

WILLIAM, V. González & HUMBERTO, M. Hernández (2003) *La Filosofía de la Ciudad*. Cali: V. González, William & M. Hernández Humberto

WHITE, Edmund (2004) *Paris, Os Passeios de um Flâneur*. Porto: Edições Asa

WOOLMAN, Matt (2002) *Digital Information Graphics*. New York: Watson-Guptill Publications



I. Documento da *Matosinhos*  
*Habit* – ARU's

An aerial photograph of a city grid, likely Matosinhos, with a blue tint. The image shows a dense network of streets and buildings. Overlaid on the image is white text.

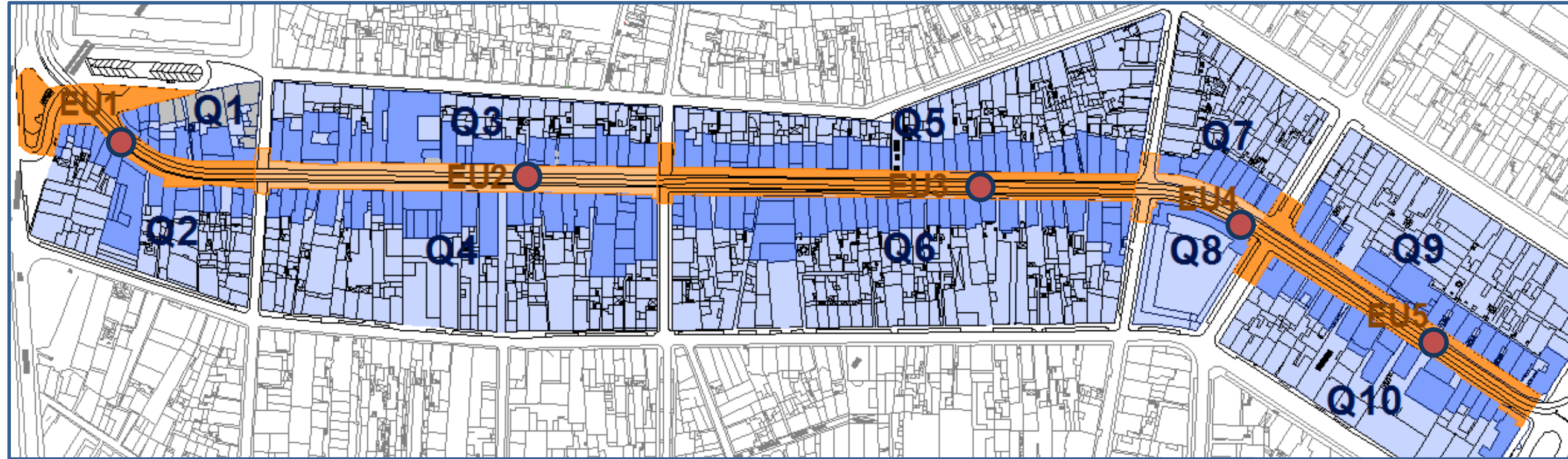
# **CRIAÇÃO DAS ARUs NO CONCELHO DE MATOSINHOS**

**Levantamento Quadra Marítima**

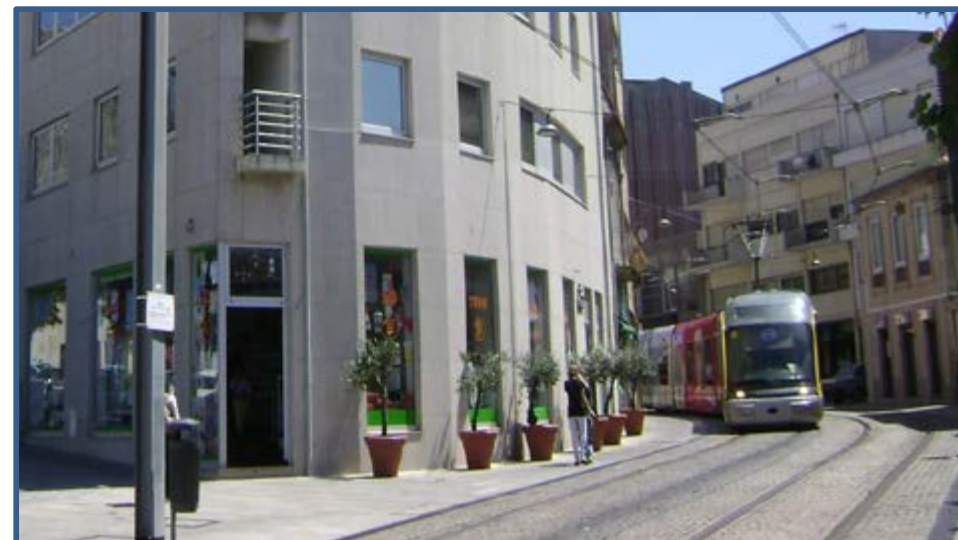
**(ao abrigo do D.L. 307/2009 e de acordo com Deliberação do C.A. de 5 de Abril de 2011)**

**Rua de Brito Capelo, 37 - 838**

## Espaço Urbano e Edificado – Caracterização Geral A Área em Estudo



EU1	Q1	101	102	103	104	105	106	107	108																								
	Q2	201	202	203/R	204/R	205	206	207	208	209	210	211	212	213	T	214	215																
EU2	Q3	301	302	303	304	305	306	307	308	309	310	311	312	313	314	315	316	317	318	319	320	321											
	Q4	401	402	403	404	405	406	407	408	409	410	411	412	413	414	415	416	417	418	419	420	421	422	423									
EU3	Q5	501	502	503	504	505	506	507	508	509	510	511	512	513	514	515	516	517	518	519	520	521	522	523	524	525	526	527/O	528	529	530	531	532
	Q6	601	602	603	604	605	606	ILHA	607	608	609	610	611	612	613	614	615	616	617	618	619	620	621	622	623	624	625	626	627	628	629	630	
EU4	Q7	701	702	703	704	705	706	707	708																								
	Q8	801																															
EU5	Q9	901	902	903	904	T	905	906	907	908	909	910	911	912	913	914	915	916															
	Q10	1001	1002	1003	1004	1005	1006	1007	1008	1009	1010	1011	1012	1013	1014	1015																	



## Quadros Síntese

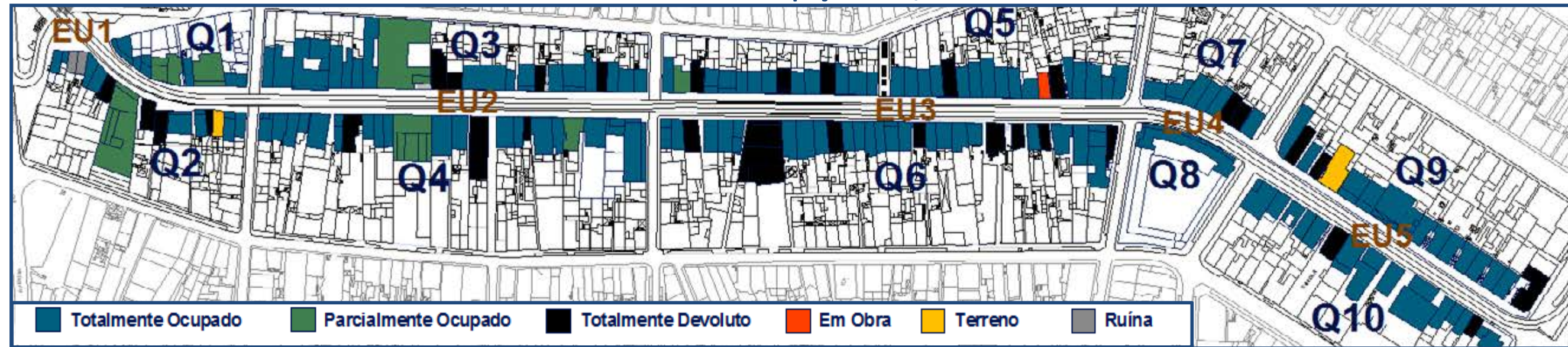
Espaços Urbanos	Área aproximada m2	Quarteirões	Nº Edifícios	Frações R/C					
				Ocupadas					Devolutas
				CM*	AR	SV	HB	CC	
EU1	3.169,25	Q1	8	7	0	1	0	0	2
		Q2	15+1T	4	3	2	0	0	6+1G
EU2	3.385,68	Q3	21	12	5	3	1	1	4
		Q4	23	14	3	7	0	0	4
EU3	4.094,93	Q5	32+10bra	20	4	4	0	1	5
		Q6	30+1 Ilha	17	2	4	0	0	9
EU4	1.317,94	Q7	8	2	1	3	0	0	2
		Q8	1	0	1	1	0	0	0
EU5	3.489,88	Q9	16+1T	3	2	3	5	0	3
		Q10	15	6	0	10	1	0	2
Totais	15.457,68	10	169E + 2T	85	21	38	7	2	37
				153					

CM – Comércio AR – Alojamento, Restauração e Animação Nocturna SV – Serviços HB – Habitação CC – Centro Comercial G – Galeria R – Ruína T – Terreno O - Obra

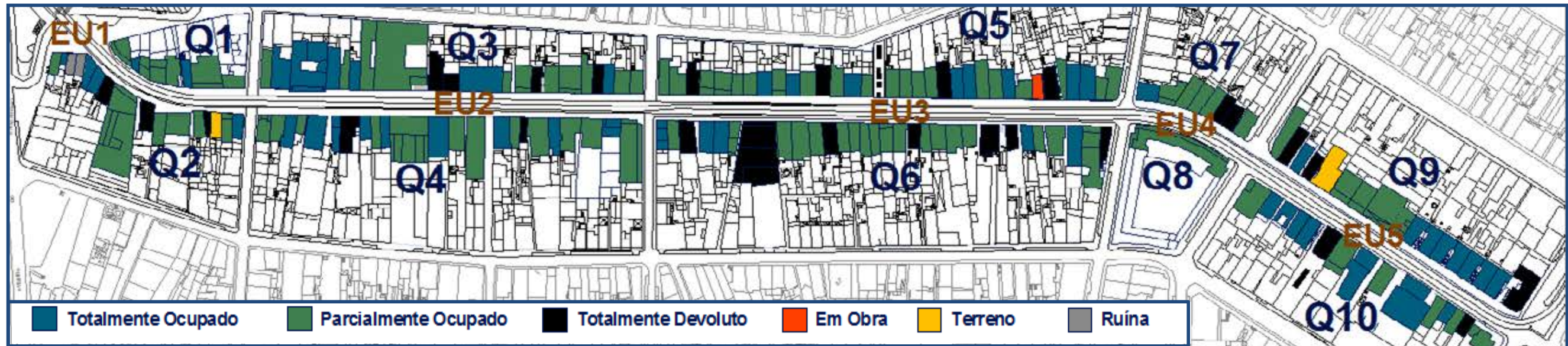
10 Quarteirões, 169 Edifícios (dos quais 2 em ruína) e 2 Terrenos
Estado de Conservação: 49% em estado médio - 72 Edifícios
Existência de Elementos Dissonantes: 51% com pouca - 77 Edifícios
Ocupação do Edificado: 53% parcialmente ocupado - 78 Edifícios
Cércea: 47% com Rés do Chão + 1 - 68 Edifícios

Uso do R/C - Total de 190 frações		
Comércio	Ocupado	71
	Tradicional	14
	Chinês	18
Alojamento/Restauração	Devoluto	21
	Ocupado	2
Serviços	Devoluto	38
	Ocupado	6
Habitação	Devoluto	7
	Ocupado	11
Centro Comercial	Parcialmente Ocupado	2
Galeria	Totalmente Devoluto	1
Terrenos	Sem Informação	2

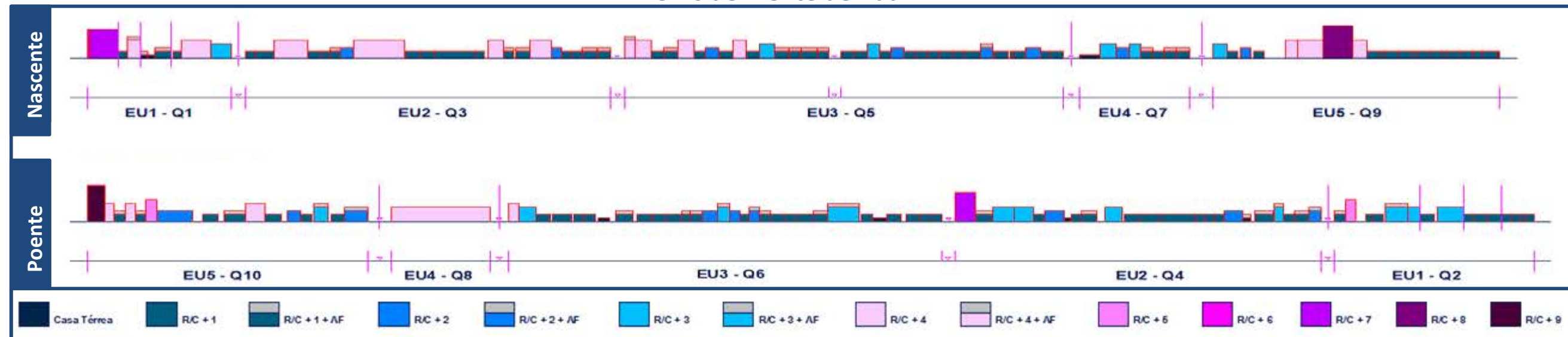
Planta de Ocupação do R/C



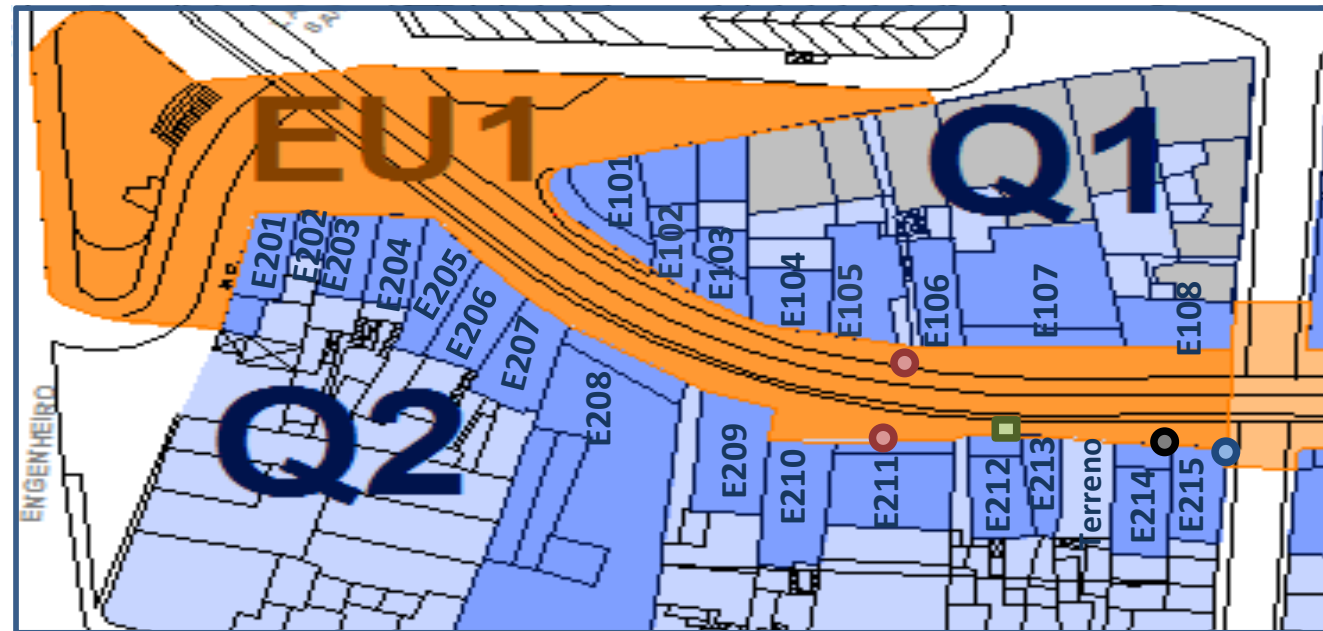
Planta de Ocupação do Edificado



Perfis de Frente de Rua



## EU1 - Condições de Utilização e Ocupação da Via Pública



### Elementos Destacados

- Papelreira
- Caixa de Electricidade
- Placa de Toponímia
- Pavimento Degradado



N<sup>os</sup> 37 a 119 e N<sup>os</sup> 2 a 124  
(Do total, 6 edifícios sem n<sup>o</sup> de polícia)

Condições de Utilização da Via Pública	Dimensão	Circulação pedonal em situações regulares	Circulação pedonal para mobilidade reduzida	Estado de conservação	Limpeza
Arruamentos	Suficiente	---	---	Bom	Boa
Passeios	Suficiente	Fácil	Acessível	Razoável	Boa
Passadeiras	Inexistente				

### Circulação Viária e Pedonal e Estacionamento

Neste troço de via, o **tráfego viário** é permitido nos dois sentidos, mas unicamente para o **Metro**. O único movimento registado é o de cargas e descargas, que circulam na linha do Metro e estacionam nos passeios (já se verificam sinais de degradação dos passeios fruto desta utilização indevida). Quanto à **circulação pedonal**, apesar de não haver diferença de cota entre arruamento e passeios e da dimensão generosa dos mesmos, esta rua praticamente **não tem movimento**. A registar ainda um **parque de estacionamento pago** com 169 lugares, construído pela CMM e concessionado à SABA, **frequentemente subocupado** (apenas regista ocupação média aos sábados de manhã, por utilizadores do Mercado Municipal).

### Ocupação Municipal e Particular da Via Pública

Com excepção das papelerras e placas de toponímia (todos estes elementos em bom estado de conservação, ainda que mal localizados) e da iluminação, suspensa nas fachadas dos edifícios, verifica-se **uma total ausência de mobiliário urbano e de outros elementos de ocupação municipal** que promovam uma apropriação positiva do espaço público e um melhor aproveitamento das condições recentemente criadas nesta via (Ex.: canteiros, floreiras, bancos, suportes publicitários...)

**Esta ausência estende-se à ocupação da via pelos particulares**, tendo-se registado, na totalidade deste troço de via, apenas uma ocupação: elementos decorativos de um espaço comercial (acima visíveis).

### Redes de Abastecimento e Drenagem

Esta via está dotada de **todas as redes disponíveis**: abastecimento de água, electricidade, gás e telecomunicações e drenagem de águas pluviais e residuais, **em bom estado de conservação**.

## EU1 - Espaço Urbano e Edificado



Espaço urbano definido por 2 quarteirões, limitados por: Av. Eng.º Duarte Pacheco, Largo José Santos Lessa, Rua do Conde S. Salvador e Rua Roberto Ivens.

A assinalar, neste troço de via, dois edifícios totalmente em ruína e a inexistência de obras.

Ainda a registar a ausência de espaços exteriores de utilização colectiva. Por determinar se serão causa ou consequência da falta de dinamismo comercial e de movimento pedonal, constatado neste espaço, nas deslocações ao local.

Frente Quarteirão 1

8 Edifícios



E101

E102

E103

E104

E105

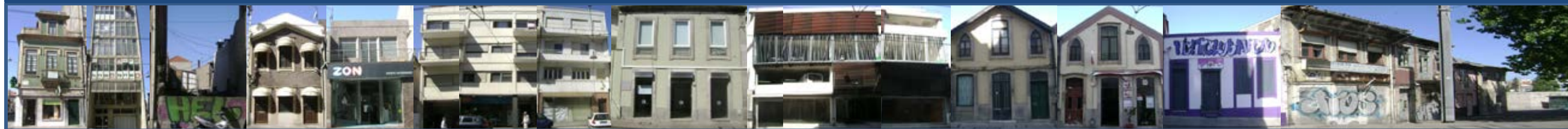
E106

E107

E108

Frente Quarteirão 2  
Terreno

15 Edifícios + 1



E215

E214

Terreno

E213

E212

E211

E210

E209

E208

E207

E206

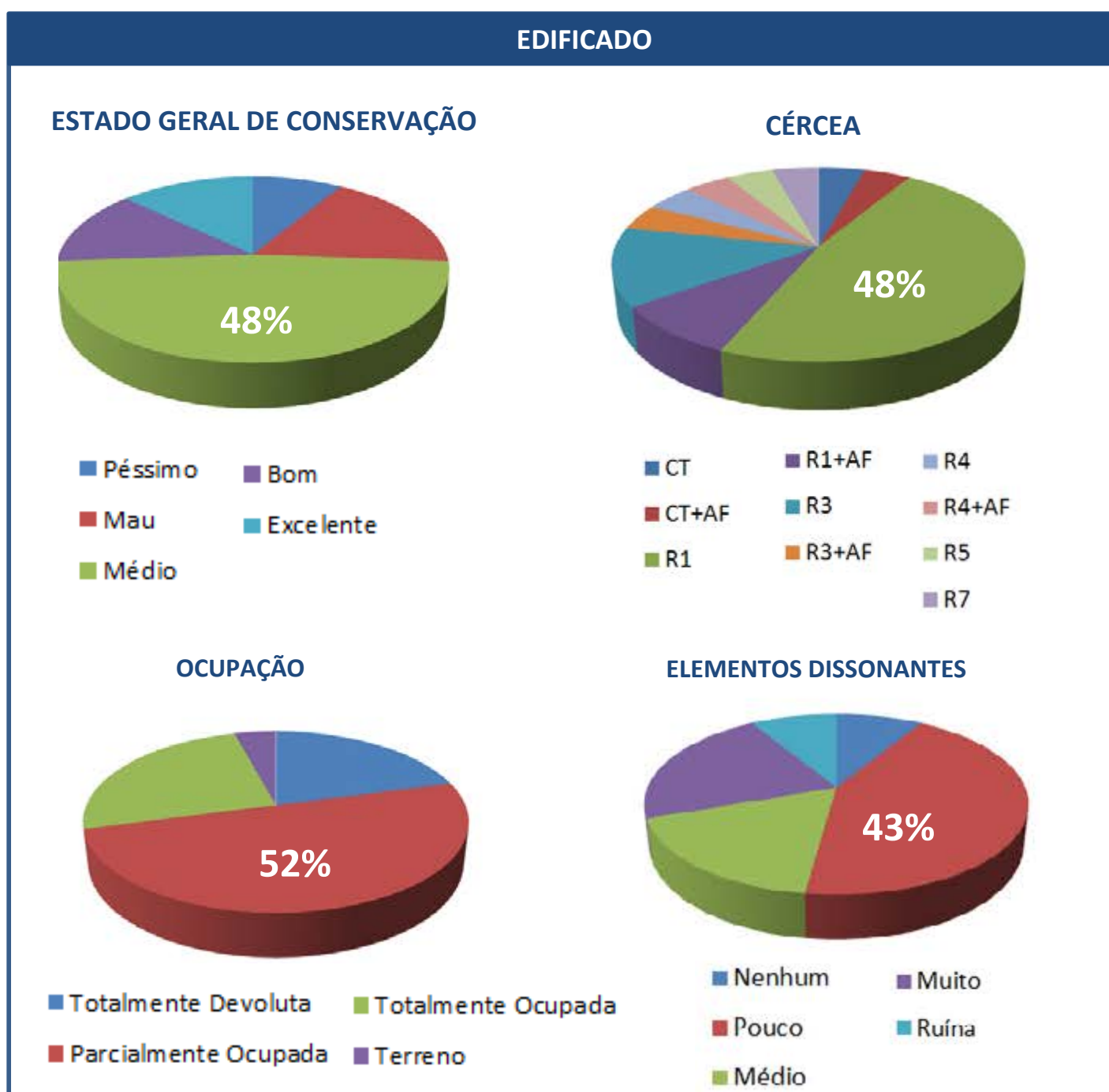
E205

E204

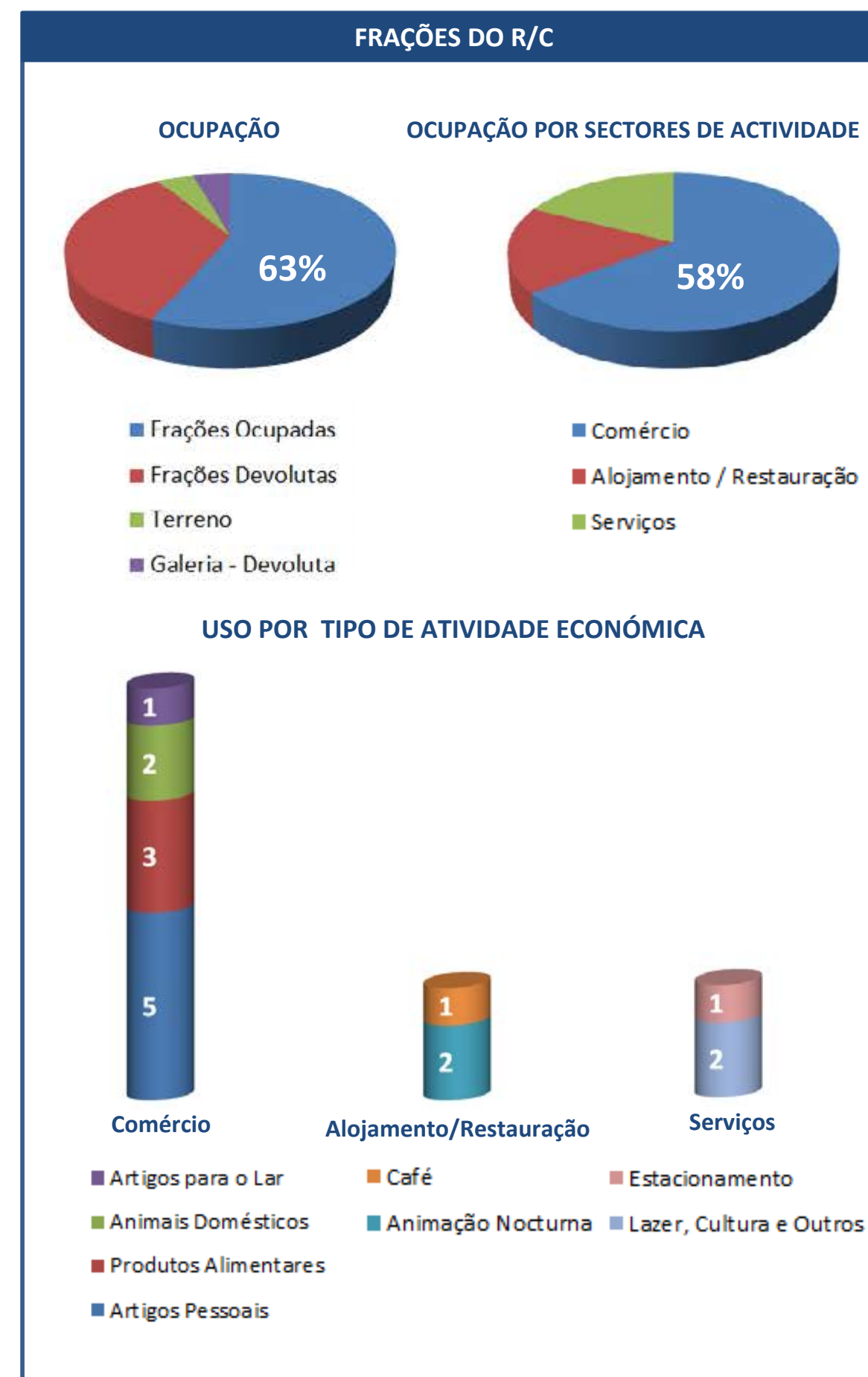
E203, E202 e E201

*(Análise comparativa entre a informação recolhida atualmente e a de consulta, relativa a dados de 2007, a apresentar em breve).*

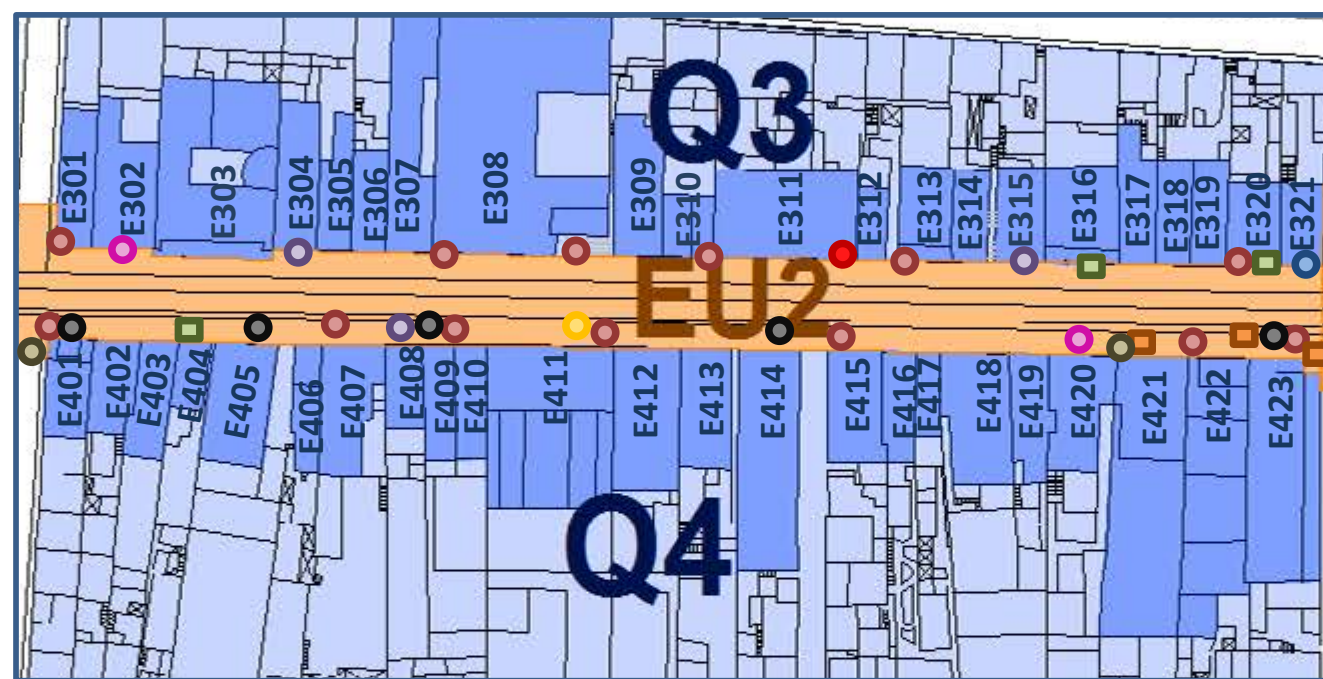
## Edificado EU1 – Sistematização da informação ●



- drogaria, electrodomésticos, mobiliário, decoração e artigos para o lar e jardim, plantas e flores, entre outros.
- hipermercados, supermercados, mercearias, minimercados, fruta, hortaliça, carne, charcutaria, peixe, pão, bebidas, chocolates, aperitivos, gelados, café, chá, comida a peso, congelados, produtos regionais, cereais, entre outros
- vestuário, calçado, bijuteria, acessórios, retrosaria, tecidos, lãs, fazendas, ourivesaria, relojoaria, ópticas, higiene, saúde e cuidados pessoais, artigos de informática e comunicações móveis, entre outros.
- fotografia, casas de jogos da sorte, entre outros.

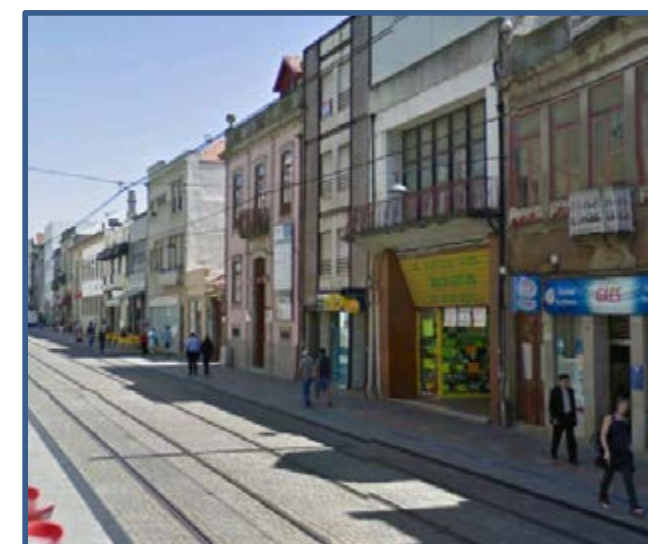


## EU2 - Condições de Utilização e Ocupação da Via Pública



### Elementos Destacados

- Papeleira
- Saco-Cão
- Caixa de Electricidade
- Placa de Toponímia
- Cabine Telefónica
- Boca de Incêndio
- Mobiliário de Restauração
- Mobiliário de Lazer
- Pavimento Degradado
- Ocupações Indevidas



N<sup>os</sup> 141 a 337 e N<sup>os</sup> 138 a 328  
(Do total, 7 edifícios sem n<sup>o</sup> de polícia)

Condições de Utilização da Via Pública	Dimensão	Circulação pedonal em situações regulares	Circulação pedonal para mobilidade reduzida	Estado de conservação	Limpeza
Arruamentos	Suficiente	---	---	Bom	Boa
Passeios	Suficiente	Fácil	Acessível	Razoável	Boa
Passadeiras	Inexistente				

### Circulação Viária, Pedonal e Estacionamento

Mantém-se a inexistência de diferença de cota entre arruamento e passeios, bem como a dimensão generosa dos mesmos, relativamente ao EU1. À semelhança deste EU, **as cargas e descargas** são feitas durante o dia, **servindo-se** também da **linha de Metro para circulação** e dos **passeios para estacionamento** (com sinais visíveis de degradação/sinalizadores de pavimento). **Não** se detectou a **existência** de qualquer tipo de **estacionamento público**, quer seja ou não gratuito.

A existência de determinados tipos de atividades económicas, nomeadamente Supermercados, Hotéis, a Universidade Sénior, a AEM, os Correios e Serviços do Estado (localizados no antigo edifício da CMM), atraem um **movimento pedonal significativo** a este espaço urbano. É usado na sua totalidade, não constituindo a linha de metro uma barreira aos atravessamentos pedonais.

### Ocupação Municipal e Particular da Via Pública

Verifica-se, neste espaço, por comparação com o anterior, um **número significativamente maior e uma maior diversidade de elementos de ocupação municipal** de apoio aos seus utilizadores, conforme indicado na planta.

Neste troço, ao contrário do EU1, já se denota alguma **apropriação do espaço público por parte dos comerciantes** (esplanadas, mobiliário de lazer, bancas de fruta/legumes, placards informativos, entre outros). Contudo, regista-se **falta de uniformidade no desenho e na disposição destes elementos**, o que contribui para uma imagem pouco ordenada do conjunto.

### Redes de Abastecimento e Drenagem

Esta via, à semelhança do EU1, está dotada de **todas as redes disponíveis**: abastecimento de água, electricidade, gás e telecomunicações e drenagem de águas pluviais e residuais, **em bom estado de conservação**.

## EU2 - Espaço Urbano e Edificado



Espaço urbano definido por 2 quarteirões, limitados por: Rua do Conde S. Salvador, Rua de França Júnior, Rua 1º de Dezembro e Rua Roberto Ivens. A assinalar, neste troço de via, a inexistência de Edifícios em Ruína, obras ou terrenos.

Nesta frente de quarteirão, destaca-se, o “Espaço Quadra” e o Centro Comercial (no edifício da antiga CMM), onde funcionam, a par de um pequeno conjunto de lojas, serviços do Estado.

Frente Quarteirão 3  
Edifícios

21



E301   E302   E303   E304   E305   E306   E307   E308



E309   E310   E311   E312   E313   E314   E315   E316   E317   E318   E319   E320   E321

Frente Quarteirão 4  
Edifícios

23



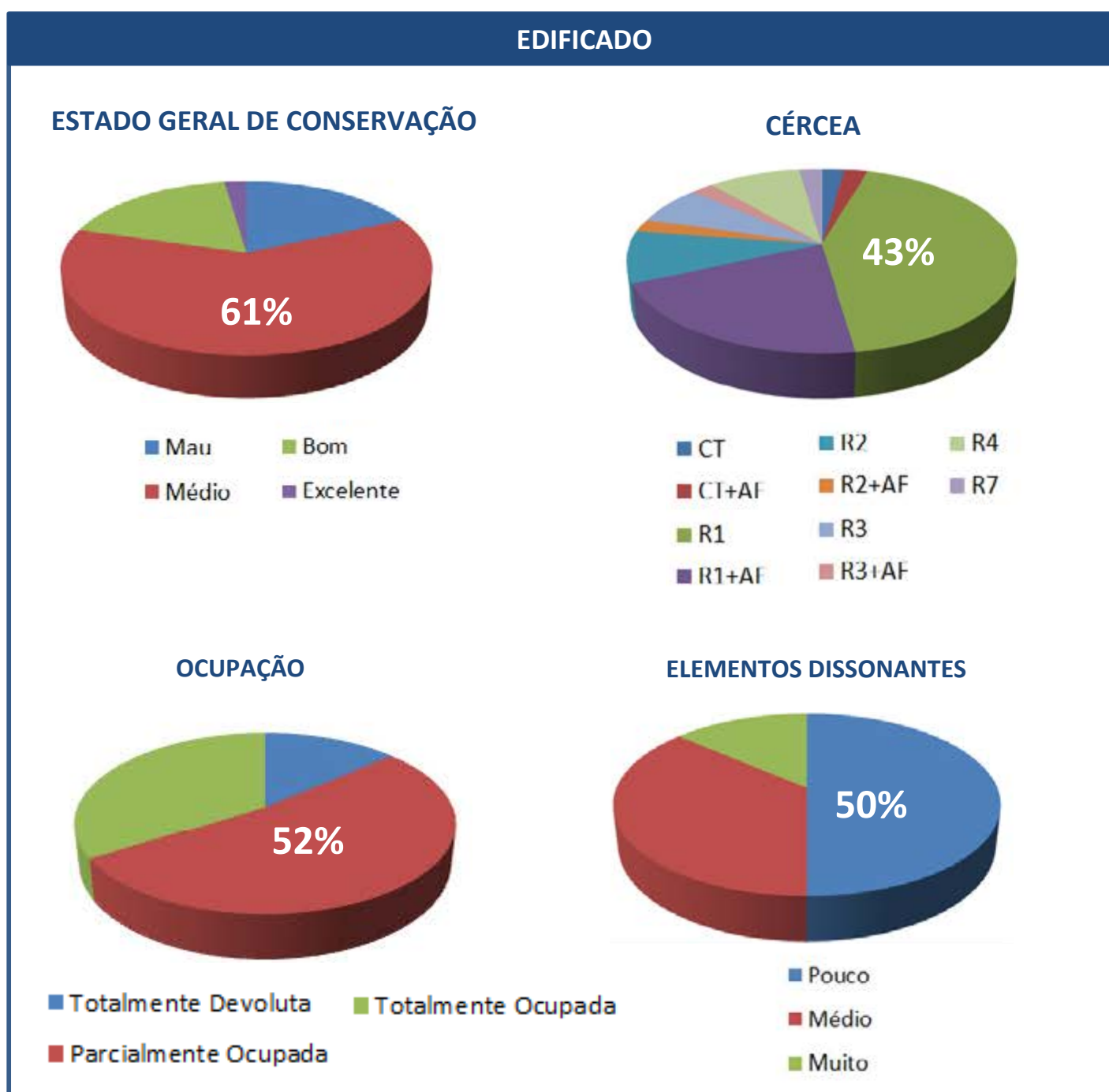
E423   E422   E421   E420   E419   E418   E417   E416

Nesta frente de quarteirão a registar a existência de espaços exteriores de utilização colectiva, como por exemplo esplanadas e mobiliário de lazer, que contribuem para uma maior dinâmica do espaço.

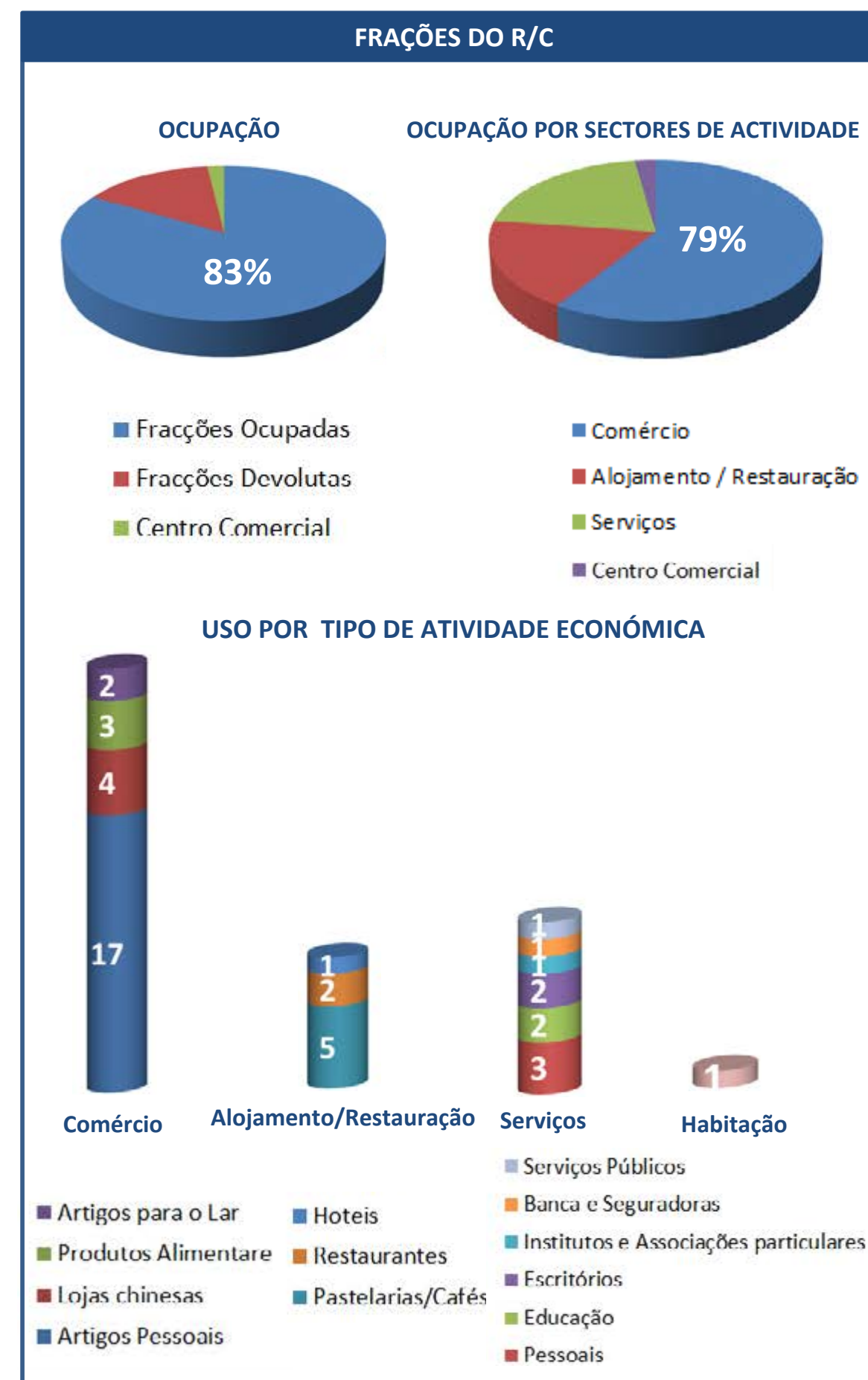


E415   E414   E413   E412   E411   E410   E409   E408   E407   E406   E405   E404   E403   E402   E401

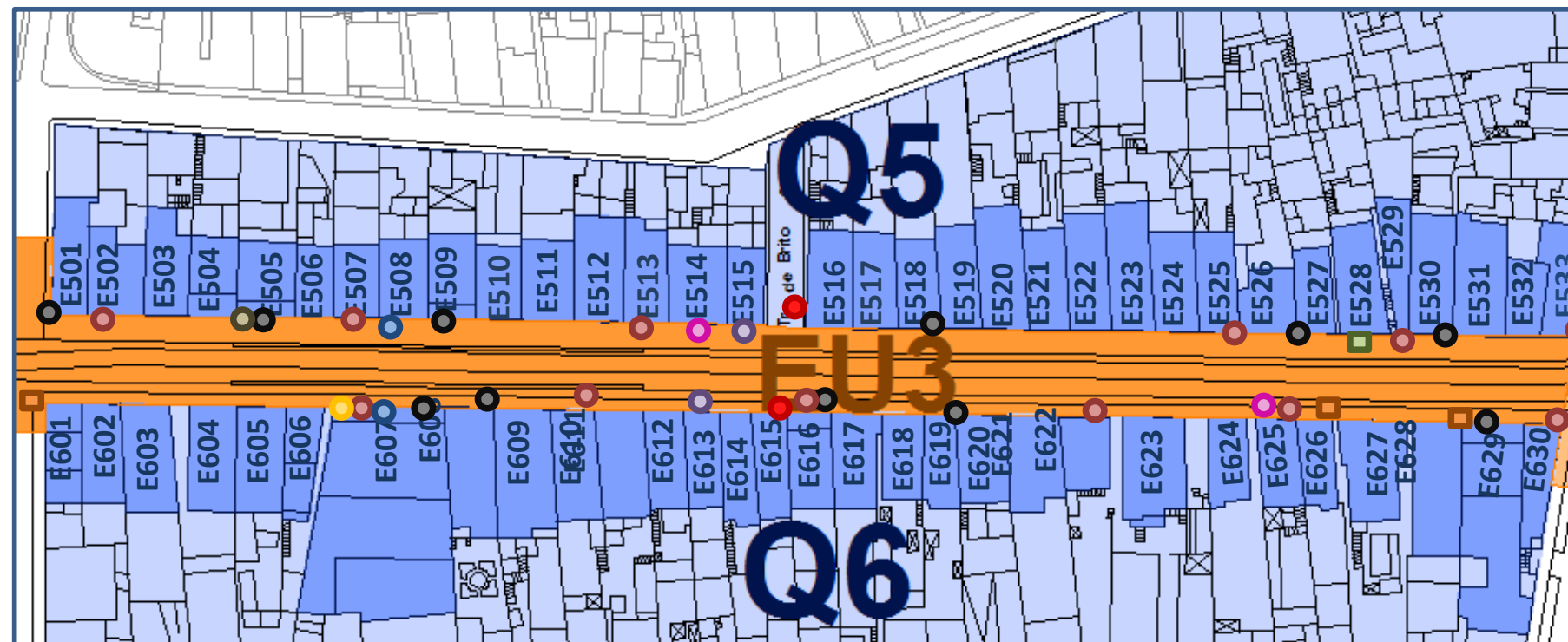
## Edificado EU2 – Sistematização da informação ●



- droguaria, electrodomésticos, mobiliário, decoração e artigos para o lar e jardim, plantas e flores, entre outros.
- hipermercados, supermercados, mercearias, minimercados, fruta, hortaliça, carne, charcutaria, peixe, pão, bebidas, chocolates, aperitivos, gelados, café, chá, comida a peso, congelados, produtos regionais, cereais, entre outros
- vestuário, calçado, bijuteria, acessórios, retrosaria, tecidos, lãs, fazendas, ourivesaria, relojoaria, ópticas, higiene, saúde e cuidados pessoais, artigos de informática e comunicações móveis, entre outros.
- fotografia, casas de jogos da sorte, entre outros.



## EU3 - Condições de Utilização e Ocupação da Via Pública



Elementos Destacados	
	Papeleira
	Saco-Cão
	Mobiliário Restauração
	Mobiliário Lazer
	Caixa de Eletricidade
	Paragem de Metro
	Cabine Telefónica
	Boca de Incêndio
	Ocupações Indevidas
	Pavimento Degradado

**365 a 613 e N<sup>os</sup> 362 a 602**  
(Do total, 3 edifícios sem n<sup>o</sup> de polícia)

Condições de Utilização da Via Pública	Dimensão	Circulação pedonal em situações regulares	Circulação pedonal para mobilidade reduzida	Estado de conservação	Limpeza
Arruamentos	Suficiente	---	---	Bom	Boa
Passeios	Suficiente	Fácil	Acessível	Razoável	Boa
Passadeiras e Rampas	Não existe possibilidade de atravessamento pedonal da via (linha de Metro)				

### Circulação Viária e Pedonal e Estacionamento

Neste troço de via verifica-se uma **diferença de cota acentuada entre a linha de metro e os passeios**, o que impossibilita o atravessamento pedonal da via. Se por um lado, esta limitação tem **um efeito nefasto ao nível do tráfego pedonal**, por outro lado surte um **efeito positivo ao inviabilizar a circulação viária**. Daí não se verificar em quase todo este troço de via, ao contrário dos demais, pavimento degradado.

### Ocupação Municipal e Particular da Via Pública

Num dos troços de via **com mais movimento pedonal**, não existe uma única placa de toponímia. No que respeita a **mobiliário urbano de ocupação municipal**, constata-se a **total ausência deste junto à estação de Metro**, desprovida de bancos e de qualquer tipo de proteção ao sol ou à chuva, verificando-se já um avançado grau de degradação e falta de limpeza.

Para além da Estação de Metro e dos outros elementos de ocupação municipal acima assinalados, **o único mobiliário urbano existente** em todo este espaço, **mobiliário de restauração e de lazer**, é de ocupação **particular**. Contudo, este tipo de ocupação não está integrada no conjunto, dificulta a circulação pedonal e não contribui para uma coesão da imagem do espaço urbano.

### Redes de Abastecimento e Drenagem

Esta via, à semelhança do EU1, está dotada de **todas as redes disponíveis**: abastecimento de água, electricidade, gás e telecomunicações e drenagem de águas pluviais e residuais, **em bom estado de conservação**.

## EU3 - Espaço Urbano e Edificado



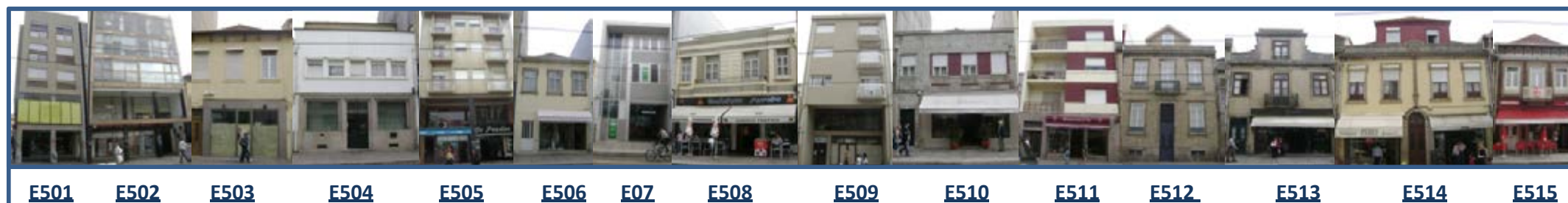
Espaço urbano definido por 2 quarteirões, limitados por: Rua 1º de Dezembro, Rua de França Júnior, Rua do Godinho e Rua Roberto Ivens.

Conta com dois centros comerciais, um parcialmente ocupado com comércio e serviços do estado, o outro, que dá acesso à Rua de França Júnior, está todo ocupado, excepto uma fração que se encontra para venda.

A destacar neste troço de via a existência de uma obra por acabar que não apresenta sinais visíveis de trabalhos em curso, não está devidamente sinalizada nem vedada e causa um impacto visual negativo. Não tem placa de licenciamento.

Salienta-se ainda, no conjunto deste troço de via, 4 espaços exteriores de utilização colectiva.

Frente Quarteirão 5  
33 Edifícios + 1 Obra



E501 E502 E503 E504 E505 E506 E07 E508 E509 E510 E511 E512 E513 E514 E515



E516 E517 E518 E519 E520 E521 E522 E523 E524 E525 E526 E527 E528 E529 E530 E531 E532 E533



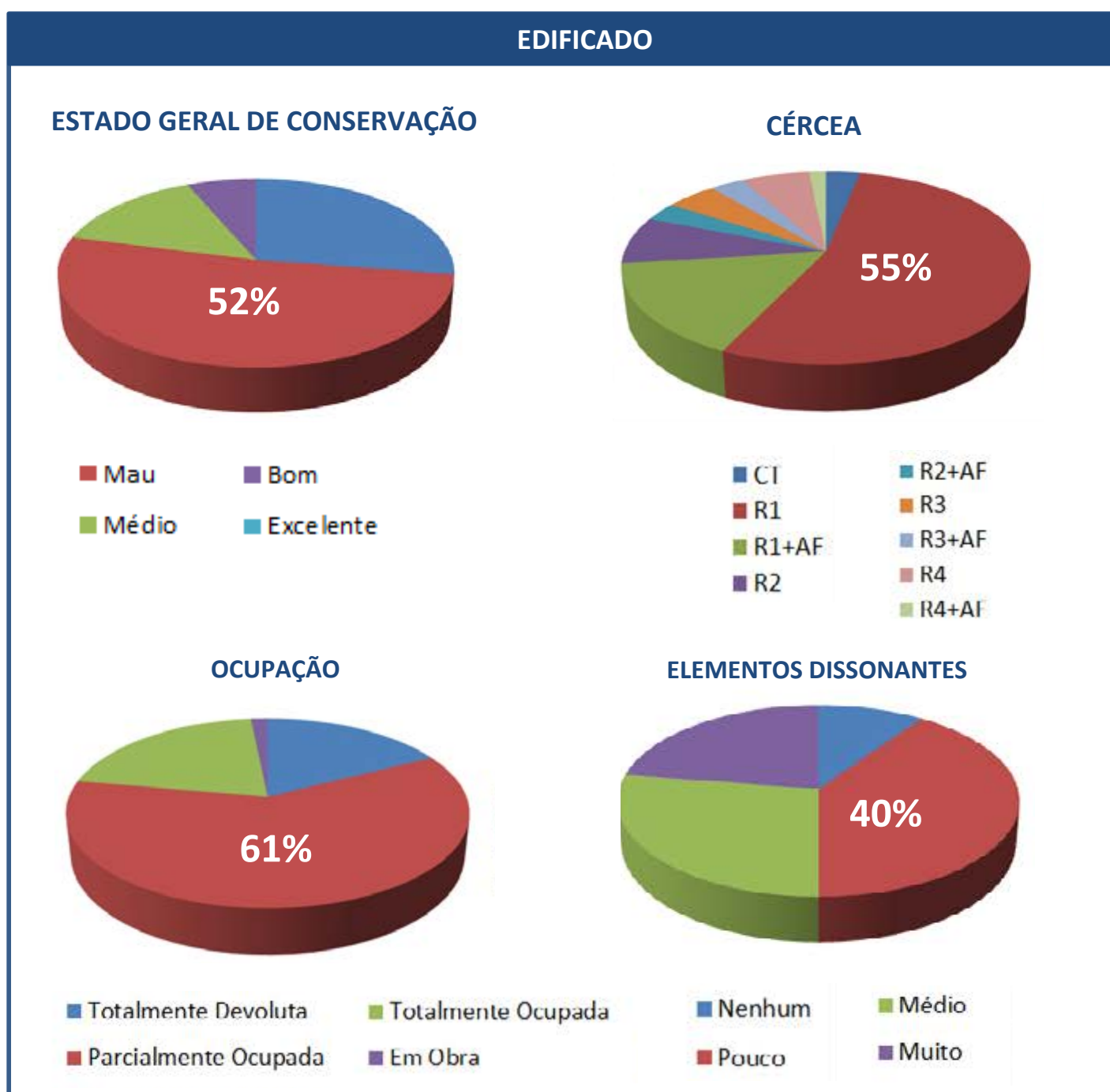
E630 E629 E628 E627 E626 E625 E624 E623 E622 E621 E620 E619 E618 E617 E616 E615 E614

Frente Quarteirão 6  
30 Edifícios + 1 Ilha

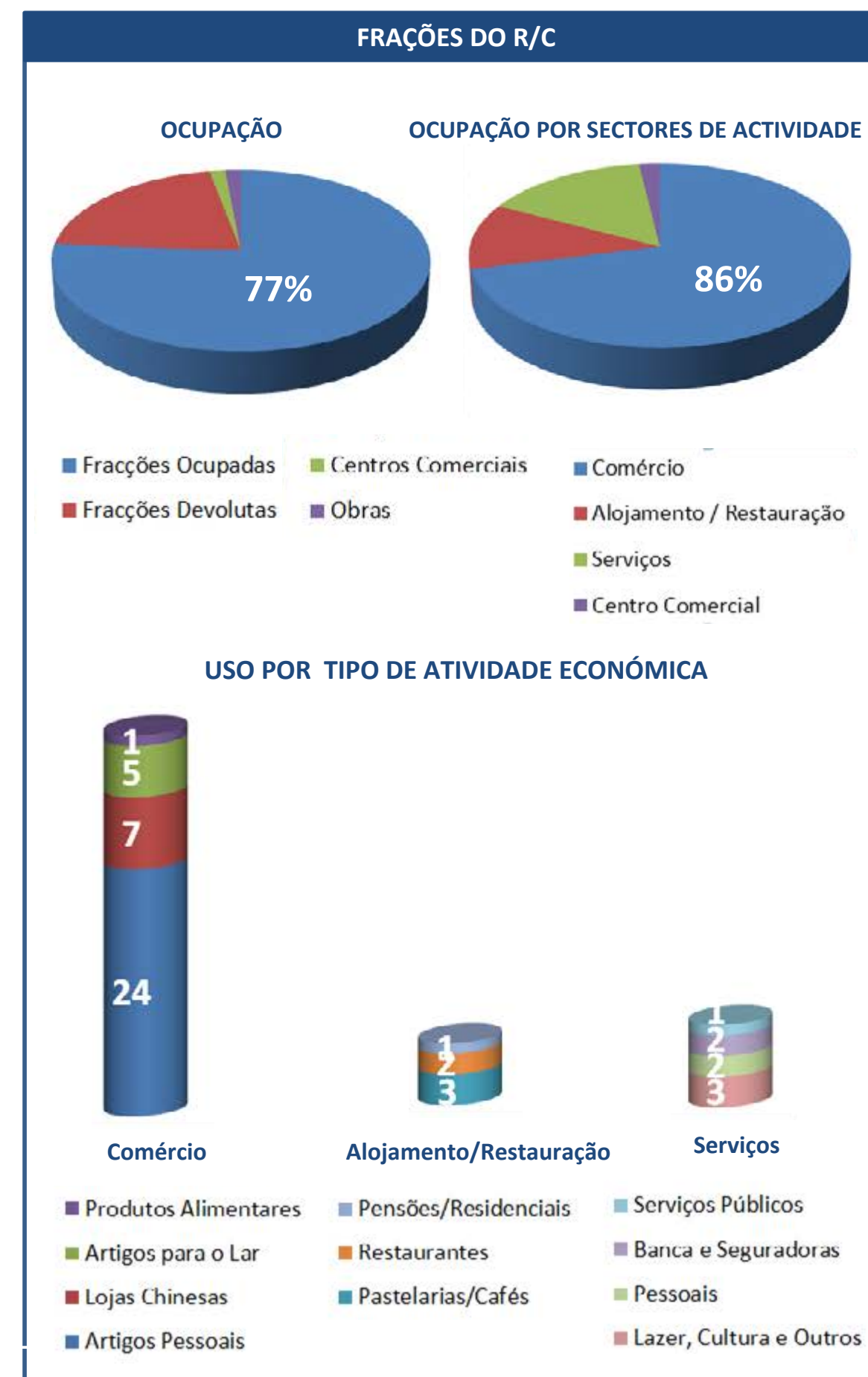


E613 E612 E611 E610 E609 E608 E607 E606 E605 E604 E603 E602 E601

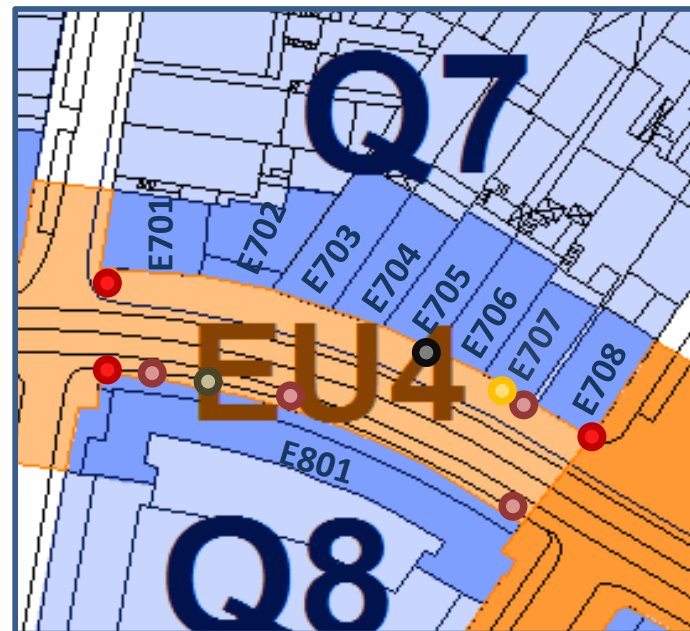
## Edificado EU3 – Sistematização da informação ●



- drogaria, electrodomésticos, mobiliário, decoração e artigos para o lar e jardim, plantas e flores, entre outros.
- hipermercados, supermercados, mercearias, minimercados, fruta, hortaliça, carne, charcutaria, peixe, pão, bebidas, chocolates, aperitivos, gelados, café, chá, comida a peso, congelados, produtos regionais, cereais, entre outros
- vestuário, calçado, bijuteria, acessórios, retrosaria, tecidos, lãs, fazendas, ourivesaria, relojoaria, ópticas, higiene, saúde e cuidados pessoais, artigos de informática e comunicações móveis, entre outros.
- fotografia, casas de jogos da sorte, entre outros.
- cabeleireiros, barbearias, agências de viagens, entre outros.



## EU4 - Condições de Utilização e Ocupação da Via Pública



### Elementos Destacados

- Papeleira
- Saco-Cão
- Caixa de Electricidade
- Cabine Telefónica
- Boca de Incêndio



N<sup>os</sup> 637 a 681 e N<sup>os</sup> 646 a 670  
(Do total, 1 edifício sem nº de polícia)

Condições de Utilização da Via Pública	Dimensão	Circulação pedonal em situações regulares	Circulação pedonal para mobilidade reduzida	Estado de conservação	Limpeza
Arruamentos	Suficiente	---	---	Bom	Boa
Passeios	Suficiente	Fácil	Acessível	Razoável	Boa
Passadeiras	Inexistente				

### Circulação Viária e Pedonal e Estacionamento

O trânsito viário circula e estaciona frequentemente nos passeios, o que dificulta a já escassa circulação pedonal deste troço de via, causa de **degradação do pavimento** (existência de sinalizadores de proteção).

### Ocupação Municipal e Particular da Via Pública

Neste espaço urbano verifica-se uma **escassa ocupação municipal**. Existe apenas uma placa de toponímia junto a um dos cruzamentos. A única cabine telefónica existente, tem uma localização pouco visível.

Neste troço ainda a registar a existência de suportes publicitários de ocupação particular. Não existe qualquer outro tipo de ocupação particular. **O espaço urbano está visivelmente subaproveitado.**

### Redes de Abastecimento e Drenagem

Esta via está dotada de **todas as redes disponíveis**: abastecimento de água, electricidade, gás e telecomunicações e drenagem de águas pluviais e residuais, **em bom estado de conservação.**

## EU4 - Espaço Urbano e Edificado



Espaço urbano definido por 2 quarteirões, limitados por: Rua do Godinho, Rua de Brito e Cunha, Rua de Tomás Ribeiro e Rua Roberto Ivens.

Trata-se de um espaço praticamente sem ocupação, quer seja municipal quer seja particular.

Não há elementos a destacar, para além dos já mencionados.

Apesar das dimensões generosas dos passeios que permitiriam uma utilização pública diversificada do espaço, apenas se regista uma pequena esplanada de apoio a um café.

Frente Quarteirão 7  
8 Edifícios



Espaço urbano de dimensões reduzidas, formado por duas frentes de quarteirão fundamentalmente ocupadas com serviços e comércio. Os pisos superiores do edifício 801, à semelhança dos restantes edifícios de mais de 3 pisos na rua, está parcialmente ocupado.

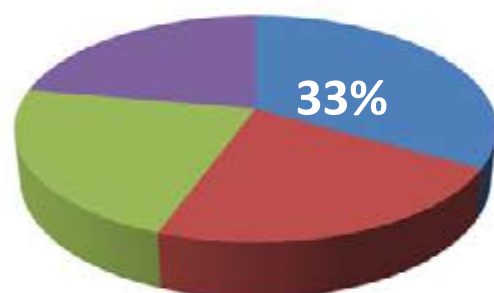
Frente Quarteirão 8  
1 Edifício



## Edificado EU4 – Sistematização da informação

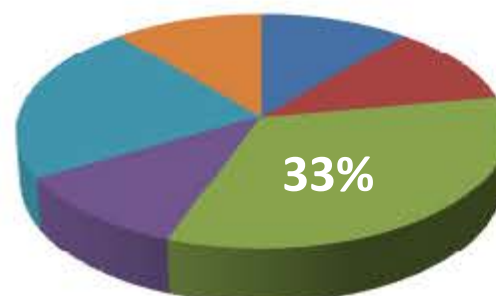
### EDIFICADO

#### ESTADO GERAL DE CONSERVAÇÃO



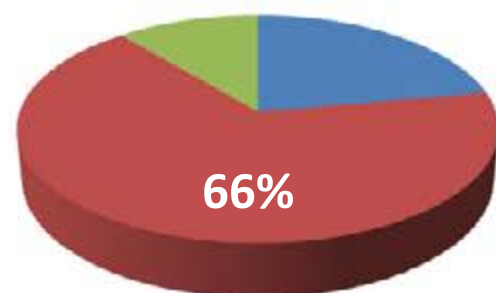
■ Mau ■ Bom  
■ Médio ■ Excelente

#### CÉRCEA



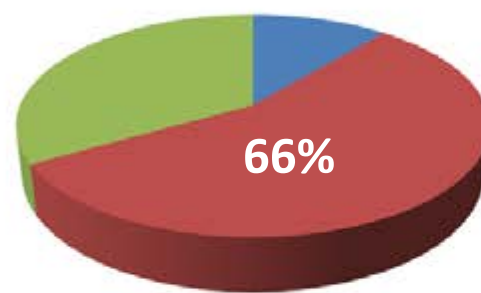
■ CT ■ R2  
■ R1 ■ R3  
■ R1+AF ■ R4

#### OCUPAÇÃO



■ Totalmente Devoluta ■ Totalmente Ocupada  
■ Parcialmente Ocupada

#### ELEMENTOS DISSONANTES

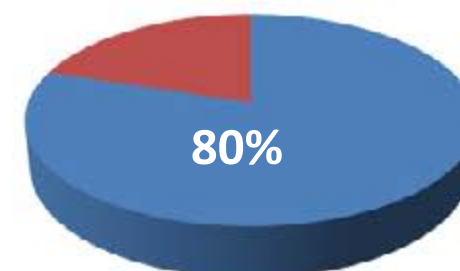


■ Nenhum ■ Médio  
■ Pouco

- vestuário, calçado, bijuteria, acessórios, retrosaria, tecidos, lãs, fazendas, ourivesaria, relojoaria, ópticas, higiene, saúde e cuidados pessoais, artigos de informática e comunicações móveis, entre outros.

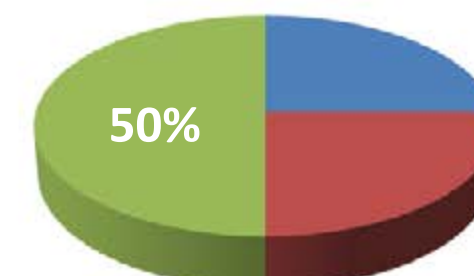
### FRAÇÕES DO R/C

#### OCUPAÇÃO



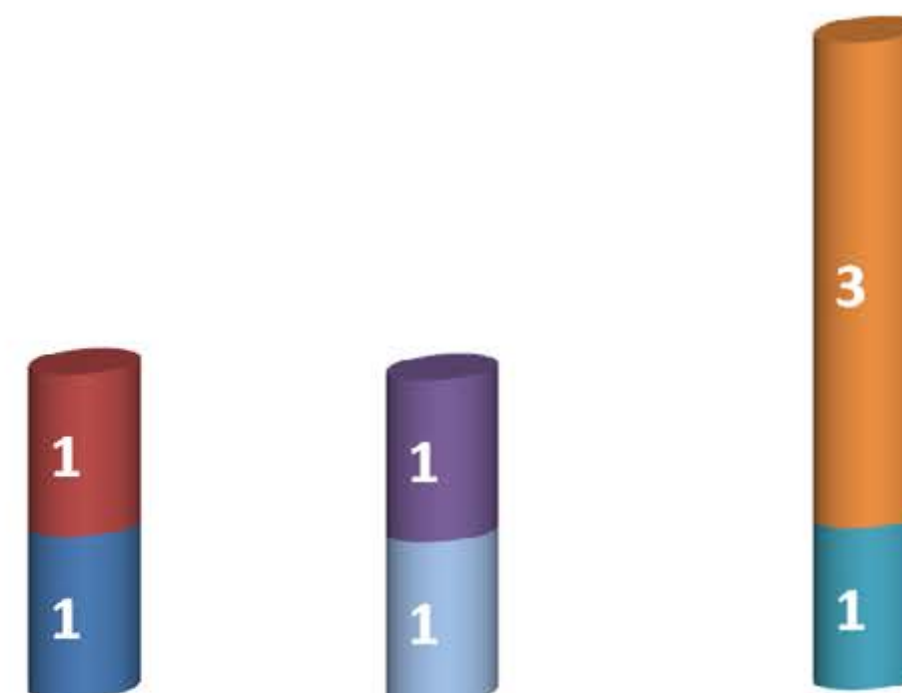
■ Fracções Ocupadas  
■ Fracções Devolutas

#### OCUPAÇÃO POR SECTORES DE ACTIVIDADE

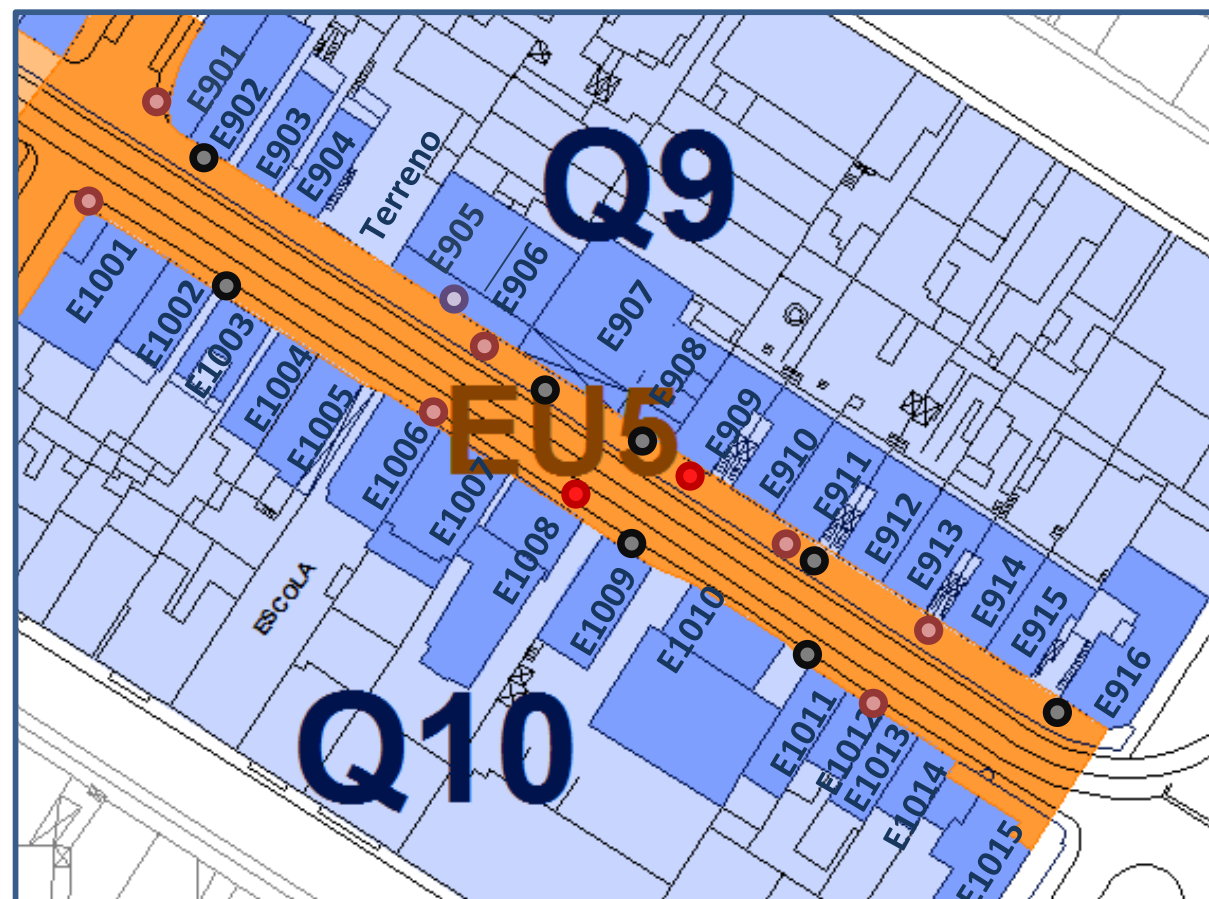


■ Comércio  
■ Alojamento / Restauração  
■ Serviços

#### USO POR TIPO DE ACTIVIDADE ECONÓMICA



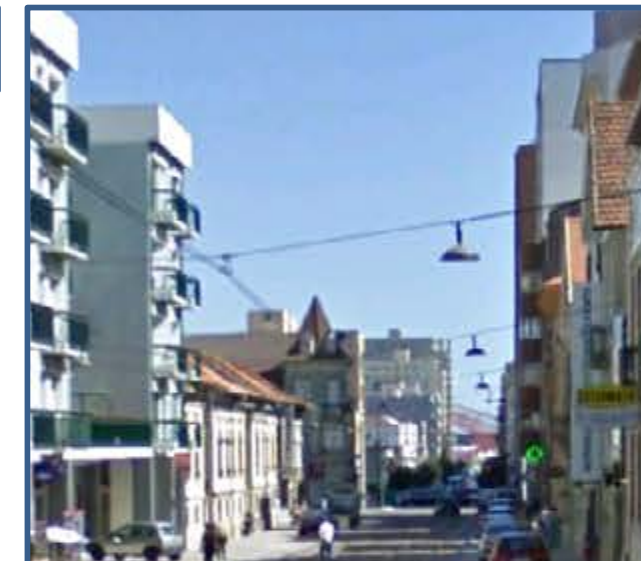
■ Comércio ■ Alojamento/Restauração ■ Serviços  
■ Lojas Chinesas ■ Restaurantes ■ Banca e Seguradoras  
■ Artigos Pessoais ■ Pastelarias/Cafés ■ Escritórios



## EU5 - Condições de Utilização e Ocupação da Via Pública

### Elementos Destacados

- Papeleira
- Mobiliário Restauração
- Caixa de Electricidade
- Boca de Incêndio



N<sup>os</sup> 705 a 866 e N<sup>os</sup> 688 a 838

Condições de Utilização da Via Pública	Dimensão	Circulação pedonal em situações regulares	Circulação pedonal para mobilidade reduzida	Estado de conservação	Limpeza
Arruamentos	Suficiente	---	---	Bom	Boa
Passeios	Suficiente	Fácil	Acessível	Razoável	Boa
Passadeiras		Inexistente			

### Circulação Viária e Pedonal e Estacionamento

À semelhança dos restantes troços deste espaço urbano, **o trânsito não tem via própria**, circulando e estacionando frequentemente nos passeios, o que dificulta a circulação pedonal. Constata-se neste espaço urbano a **falta de sinalização e de coordenação do trânsito viário com o tráfego pedonal** e, especialmente, a **ausência de aviso visual/sonoro de passagem do Metro**, o que se estende, de forma generalizada, a toda a Rua Brito Capelo. Apesar da proximidade à Av. Da República, e da presença de diversos serviços (clínica, estabelecimentos de ensino, banco, escritórios, etc.) **o trânsito pedonal é extremamente escasso**.

### Ocupação Municipal e Particular da Via Pública

Sobressai neste espaço a **ausência** de placas de toponímia bem como de **mobiliário urbano**, nomeadamente, floreiras/árvores, bancos, entre outros.  
A **única ocupação existente é de origem particular**, como sejam mobiliário de restauração e suportes publicitários.

### Redes de Abastecimento e Drenagem

Esta via está dotada de **todas as redes disponíveis**: abastecimento de água, electricidade, gás e telecomunicações e drenagem de águas pluviais e residuais, **em bom estado de conservação**.

## EU5 - Espaço Urbano e Edificado



Espaço urbano definido por 2 quarteirões, limitados por: Rua de Tomás Ribeiro, Rua de Brito e Cunha, Avenida da República e Rua Roberto Ivens.

À semelhança do EU4, trata-se de um espaço praticamente sem ocupação, quer seja municipal quer seja particular, não havendo elementos a destacar, para além da existência de um terreno.

Do conjunto dos 5 espaços urbanos analisados, este troço é o que apresenta maior concentração de fracções habitacionais ocupadas.

Frente Quarteirão 9

16 Edifícios + 1 Terreno



E901

E902

E903

E904

Terreno

E905

E906

E907

E908

E909

E910

E911

E912

E913

E914

E915

E916

Frente Quarteirão 10  
15 Edifícios



E1015

E1014

E1013

E1012

E1011

E1010

E1009

E1008

E1007

E1006

E1005

E1004

E1003

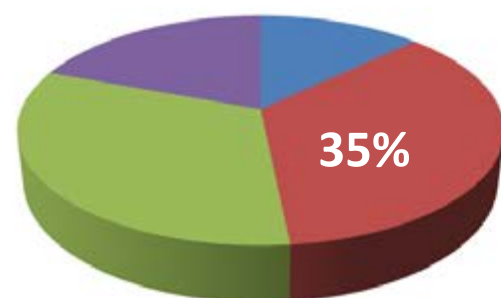
E1002

E1001

## Edificado EU5 – Sistematização da informação ●

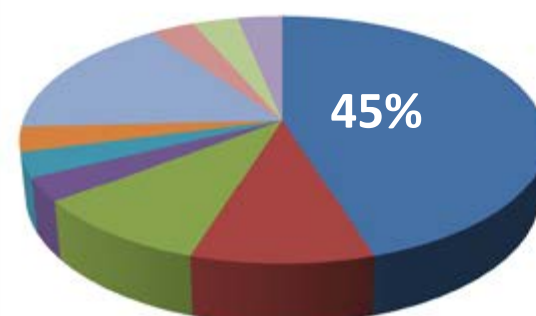
### EDIFICADO

#### ESTADO GERAL DE CONSERVAÇÃO



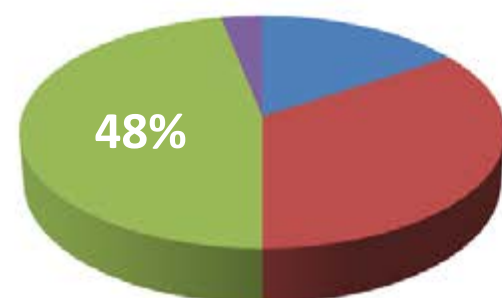
■ Mau      ■ Bom  
■ Médio      ■ Excelente

#### CÉRCEA



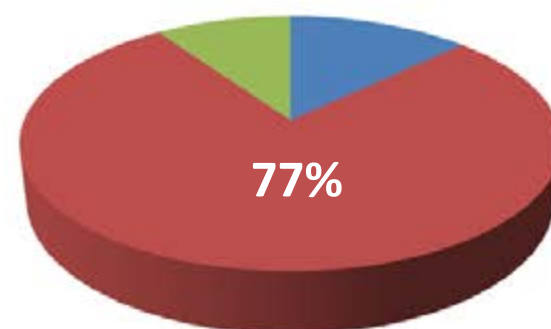
■ R1      ■ R3      ■ R8  
■ R1+AF      ■ R3+AF      ■ R9  
■ R2      ■ R4  
■ R2+AF      ■ R5

#### OCUPAÇÃO



■ Totalmente Devoluta      ■ Totalmente Ocupada  
■ Parcialmente Ocupada      ■ Terreno

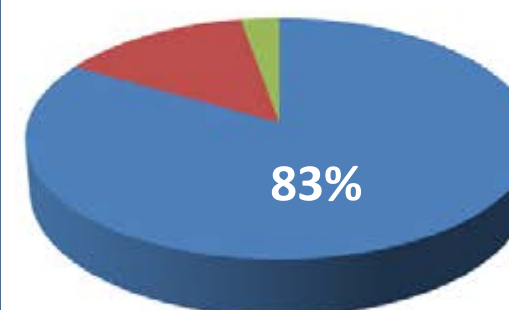
#### ELEMENTOS DISSONANTES



■ Nenhum      ■ Médio  
■ Pouco

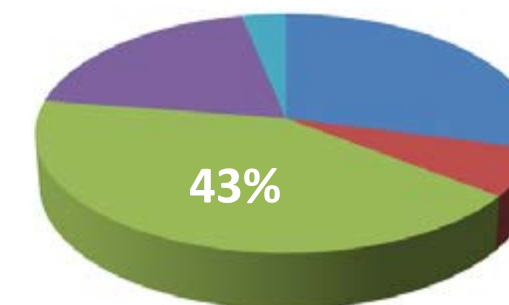
### FRAÇÕES DO R/C

#### OCUPAÇÃO



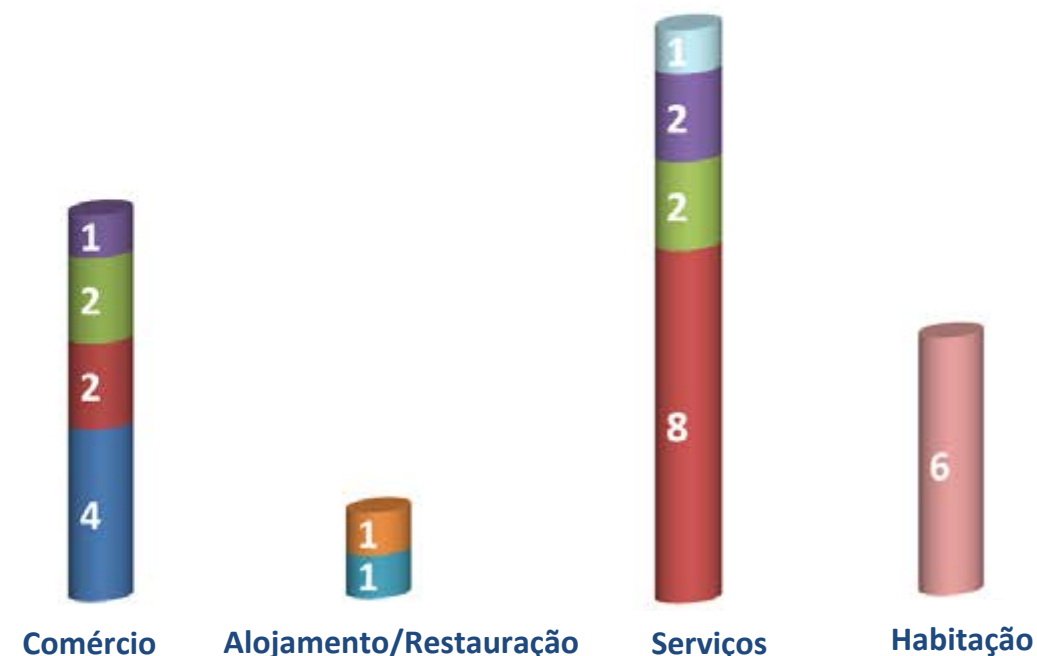
■ Fracções Ocupadas  
■ Fracções Devolutas  
■ Terreno

#### OCUPAÇÃO POR SECTORES DE ACTIVIDADE



■ Habitação      ■ Terreno  
■ Serviços  
■ Comércio  
■ Alojamento / Restauração

#### USO POR TIPO DE ATIVIDADE ECONÓMICA



■ Lazer e Cultura      ■ Hotéis  
■ Artigos para o Lar      ■ Pastelarias/Cafés  
■ Lojas Chinesas  
■ Artigos Pessoais      ■ Saúde  
■ Banca e Seguradora  
■ Educação  
■ Escritórios

- drogaria, electrodomésticos, mobiliário, decoração e artigos para o lar e jardim, plantas e flores, entre outros.
- papelarias, tabacarias, entre outros.
- vestuário, calçado, bijuteria, acessórios, retrosaria, tecidos, lãs, fazendas, ourivesaria, relojoaria, ópticas, higiene, saúde e cuidados pessoais, artigos de informática e comunicações móveis, entre outros.

## II. Questionário

NOME	IDADE	QUANTAS VEZES SE DESLOCA À RUA POR SEMANA?	EM QUE PERÍODO DO DIA SE DESLOCA À RUA?	COMO SE DESLOCA?	SE TIVESSE QUE ASSOCIAR UM SOM À RUA, QUAL SERIA?	SE TIVESSE QUE ASSOCIAR UMA EMOÇÃO À RUA, QUAL SERIA?	SE TIVESSE QUE ASSOCIAR UMA COR À RUA, QUAL SERIA?	SE TIVESSE QUE ASSOCIAR UM CHEIRO À RUA, QUAL SERIA?	SE TIVESSE QUE ASSOCIAR UM PALADAR À RUA, QUAL SERIA?
Manuel Sampaio	68	2	IM	A Pé	Tango	Liberdade	Branco	Rosas	Salgado
Júlia Gomes	74	6	FT	A Pé	Mar	Respeito	Azul	Urina	Salsa
Liliana	32	6	FT	A Pé	Buzinas	Lazer	Cinzento	Mar	Agridoce
Laurentino Santos	47	5	FT	Carro	Metro	Coisa Boas	Verde	Peixe	Agridoce
Ana	47	6	IT	A Pé	Gaivotas	Sentimento Natalicio	Vinho	Jasmim	Frango
Soraia	17	6	IM	Metro	Metro	Respeito	Vermelho	Peixe	Agridoce
Fernando Silva	77	6	IT	Carro	Bolero	Respeito	Azul/Branco	Sujidade	Bacalhau
Jorge Carvalho	54	6	IM	Carro	Gaivotas	Super Negativa	Verde	Perfume	Chocolate
Rosa Arruela	71	6	IM	A Pé	Gaivotas	Mal Feita	Azul escuro	Frutas	Agridoce
Sheila Carvalho	26	4	TD	A Pé/Metro	Muito Barulho	Tristeza	Arco-íris	Salitre	Morangos c/chantilly
Daniel Cunha	18	6	IM	Metro	Metro	Liberdade	Amarelo	Mar	Salgado
Brenda	16	6	IM	Camioneta	Metro	Alegria	Azul	Mar	Marisco
Daniel	16	6	IM	Autocarro	Carros	Alegria	Cinzento	Mar	Peixe
Íris	12	6	TD	A Pé	Metro	Alegria	Cinzento	Puro	Doce
Manuela Cardoso	63	7	TD	A Pé	Jazz	Tristeza	Amarelo/Rosa	Peixe Frito	Salgado
Óscar Costa	52	7	TD	A A Pé	Metro	Desilusão	Cinzento	Poluição Automóveis	Açorda
Joaquim	50	2	IM	Carro	Música Natalicia	Medo	Castanho	Hugo Boss	Café
Mabilia	40	7	TD	A Pé	Metro	Nostalgia / Solidariedade	Preto	Peixe	Café
José Calisto	63	2	TD	Carro	Metro	Desespero	Cinzento	Peixe	Empada Vitela (confeitaria Ferreira)
Rui Pinto	33	7	FM	A Pé/Metro	Metro	Saudade	Amarelo	Mar	Chocolate
José Gordo	62	3	IM	A Pé	Carros	Frio	Branco	Perfume	Laranja
Patricia Cardoso	16	6	IM	Camioneta	Gaivotas	Saudade / Mais movimento	Laranja	Frutas	Peixe
Tiago Santos	17	6	IM	A Pé	Metro	Consumir	Azul	Bolos	Torradas
Carina Salazar	17	6	IM	Metro	Metro	Fome	Lilás	Peixe	Peixe
Ana	17	6	IM	Camioneta	Metro	Mau estar	Branco	Peixe	Peixe
Paulo Mendes	24	6	IM	A Pé/Carro	Passarinhos	Angústia	Azul Claro	Caramelo	Doce
Nuno Ribeiro	30	2	IM	Carro	Metro	Saudade	Azul	Mar	Amora
Ana	55	1	M	Carro	Eléctrico	Desânimo	Rosa / Cinza	Mar	Castanhas
José	56	1	M	Carro	Eléctrico	Desencanto	Amarelo	Mar	Bolas Berlim
Alice Remelgado	60	3	M	A Pé	Gaivotas	Tristeza	Cinzenta	Cheira Mal	Lima
Celeste Abuim	74	7	M	A Pé	Metro	Medo	Verde	Sardinha	Croissant
Maria da Guia	82	1	M	A Pé	Morte	Tristeza	Cinzenta	Inodoro	Insípida
Lucinda Nunes	58	4	FT	A Pé	Tristeza	Desilusão	Cinzenta	Inodoro	Desenxabida
Celeste Matos	61	7	M	A Pé	Música	Esperança	Cinza/Rosa	Café/Canela	Pessego
Clemente Magalhães	82	7	M	A Pé	Autocarros	Ruído	Verde	Sardinha	Camarão
Rosa Gonçalves	43	7	M/T	A Pé	Pássaros	Cair da Noite / Tristeza	Castanho	Morango/Framboesa	Laranja
João Ferreira	65	7	M	A Pé	Música	Nostalgia	Azul Celeste	Limão	Morango
António Martins	57	7	M/T	A Pé	Gaivotas	Medo	Azul	Mar	Croissant
Maria João	49	7	M/T	A Pé	Eléctrico	Alegria	Bege	Maresia	Doce
Maria dos Anjos	56	5	M	Carro	Pássaros	Calma	Verde	Mar	Peixe
Angelina Cerqueira	20	7	M/T/N	A Pé	Barulho	Tranquilizante	Cinza	Não é agradável	Agridoce
Maria de Fátima	66	7	M/T	A Pé	Beethoven	Tristeza	Muito Escura	Peixe	Amarga
Andreia	22	7	M/T/N	Carro/A Pé	Pássaros	Alegria	Cinza	Poluição	Doce

Filipa	20	7	M/T/N	Metro/A Pé	Metro	Alegria	Rosa	Peixe	Doce
Sofia	18	7	M/T/N	Metro/A Pé	Carros	Entusiasmo	Branco	Tabaco	Doce
Pedro	20	7	M/T/N	Metro/A Pé	Latino	Tristeza	Escura	Intenso	Croissant c/ Chocolate
Joaquim	22	7	M/T/N	A Pé	Carros	Felicidade	Escura	Peixe	Amarga
Anibal	18	7	M/T/N	Mota	Metro	Curiosidade	Amarelo	Comida	Doce
Celestino Soares	83	7	M	A Pé	Rádio	Bem-Estar	Vermelho / Leixões	Sardinhas Assadas	Café
Renaldo Pinto	55	7	M/T/N	A Pé	Metro	Saudade	Azul	Mar	Peixe
Alcino Ferreira	67	7	M/T/N	A Pé	Gaivotas	Bem-Estar	Verde	Comida	Peixe
Ilda	60	7	M/T/N	A Pé	Metro	Tristeza	Negra	Esgoto	Carioca Limão
Adelaide	32	7	M	Carro	Muito Barulho	Tristeza	Cinzenta	Fossas	Nenhum
Luís Silva	74	7	M/T/N	A Pé	Música	Espontanea	Branca	Morango/Lavanda	Plantas
João Marques	42	7	M	A Pé	Metro	Nostalgia	Verde	Peixe	Café
Inês Costa	30	7	M	A Pé	Carros	Tristeza	Rosa	Mar	Amora
Maria do Céu	52	5	M	A Pé	Metro	Calma	Amarelo	Peixe	Amarga
Filipa	18	7	M/T	A Pé	Metro	Coisas Boas	Branco	Mar	Doce
Ana	20	7	M/T	Metro/A Pé	Muito Barulho	Bem-Estar	Cinzenta	Amoras	Agridoce
João Pedro	22	7	M/T	Mota	Pássaros	Entusiasmo	Verde	Peixe	Amarga
José	20	7	M/T	Metro/A Pé	Carros	Calma	Azul	Mar	Doce
Maria Conceição	63	7	M	A Pé	Gatos	Medo de sair à noite	Mais Luz	Caca das Gaivotas	Lanchar
Joaquim Silva	62	7	M	A Pé	Silêncio	Tristeza	Cinzenta	Inodora	Amarga
Isabel Rebelo	62	4	M/T	A Pé	Barcos/Gaivotas	Nostalgia/Saudade	Luminosa	Maresia	Morango
Inês Marques	48	4	M/T	A Pé/Autocarro	Carros	Angústia	Cinzento/Azul	Verduras	S/Sabor
Vanessa Dias	18	7	M/T	Metro	Barcos	Felicidade	Verde	Natal	Morango
Diogo Conceição	16	7	M/T	Autocarro/Metro	Música	Felicidade	Verde	Comida	Chocolate
Fábio Pereira	18	7	M/T	Metro	Carros	Medo	Preto	Tabaco	Limão
Horácio	63	7	M/T	A Pé	Pássaros	Perigo	Azul	Peixe	Agridoce
Celeste	45	7	M/T	A Pé	Música Calma	Tristeza	Vermelho/Leixões	Framboesa	Framboesa
António Duarte	68	7	M/T	A Pé	Metro	Não ao Metro de Superfície	Cinza	Fábrica Sardinha	Peixe
Carlos Ferreira	33	7	M/T	Carro	Eléctrico	Nostalgia	Azul	Mar	Castanhas
Aurora Carvalho	61	7	M/T	A Pé	Papagaio	Saudade	Azul	Perfumaria	Gelado
Roque Carvalho	63	7	M/T	A Pé	Gaivotas	Emoção	Vermelho	Café/Canela	Churrasqueiras
Catarina Pinto	18	7	M/T	Autocarro	Música Brasileira	Felicidade/Tristeza	Verde	Inodora	Chocolate
Henrique Veia	72	7	M/T	A Pé	Música Pop	Alegria	Azul Claro	Rosas	Laranja
João Augusto	71	7	M/T	A Pé	Silêncio	Medo à Noite	Branco	Agradável	Doce
Anabela Cruzeiro	28	7	M/T	A Pé	Gaivotas	Saudade	Preto	Peixe	Amargo
Luís Basto Cruzeiro	65	7	M/T	A Pé	Violino	Liberdade	Branco	Maresia	Amargo
António Rui	74	7	M/T/N	A Pé	Eléctrico	Bem-Estar	Arco-Iris	Peixe Fábrica	Doçarias
Madalena Pais	18	7	M/T/N	A Pé	Gaivotas	Liberdade	Amarelo	Mar	Café acabo de moer
Jorge	52	7	M	Metro	Barcos	Saudade	Cinzento	Comida	Salgada
Mariana	27	7	M/T	Metro	Metro	Felicidade	Rosa	Café	Café
Raquel Costa	20	3	M/T	A Pé	Carros	Tristeza	Verde	Sardinha	Lima
Manuel Vaz	60	4	M/T	A Pé	Metro	Calma	Branca	Peixe	Bolos
Francisco Basto	72	7	M/T	A Pé	Pássaros	Medo	Azul	Mar	Amêndoa

# III. As Conversas

No processo do questionário era inevitável não largar o método e dar espaço às conversas. As seguintes conversas não foram planeadas, nem conduzidas com um propósito específico, deixamo-nos levar pela generosidade da partilha com quem nos encontramos, e-las aqui de peito aberto, agora transcritas. Foi interessante descobrir a importância que as pessoas dão e davam à Rua, desde os passeios de Domingo, ao local para onde iam namorar, tudo acontecia na Brito Capelo, era considerada o centro de Matosinhos. Citando António Abuim que nasceu, trabalhou e ainda vive na rua agora com 74 anos, ele considera-a Coqueluxe de Matosinhos, e que a cidade só começa da Brito Capelo para baixo. Todas estas descrições são emotivas e com a vontade de fazer jus ao provérbio, do bom filho à casa torna, esperando que tragam novas famílias com eles.

## Conversa 1

### LOCAL

Rua Brito Capelo

### DATA

19 de Novembro de 2012

### INTERVENIENTES

José Manuel

Ana Maria

Rute Carvalho

### ABREVIATURAS UTILIZADAS

José Manuel (JM)

Ana Maria (AM)

Rute Carvalho (RC)

JM – Só havia, o único café que existia fora das, da zona, era a Primavera. Mas depois todo o mundo estava aqui na Brito Capelo. Percebes? Não havia marginal.

AM – Não havia Ferreiras? Não havia nada disso.

JM – Não havia marginal, de Matosinhos. Percebes a ideia? Não havia nada, era aqui. [impercetível] Rua Brito Capelo, percebes?

RC – Hum hum.

JM – Era aqui que, era aqui que se estava. Ah... e estamos a falar dos anos, ora casei em 78, mas estamos a falar até, eu não sei qual foi o ano que houve a transformação do, do, das obras do metro. Portanto foi nos anos 90 e...

RC – Em 2004.

JM – Pois. Não sei se tem o metro aqui em Matosinhos, se para aí há 15 anos, talvez.

RC – Não, não foi há tanto tempo.

**JM** – Pronto. De qualquer das formas, até à alteração do comércio, passagem da construção, que se fez um levantamento da Câmara de Matosinhos quando foi construída, Câmara de Matosinhos, é esta que, é assim o edifício, aí é que houve a passagem de tudo, do comércio cá para cima. Que até lá era tudo, tudo, tudo na zona, na zona de, da Brito Capelo. Agora, há, há muitas referências da Brito Capelo, não é? De referências, as casa que existiam, o Nora, o Rei dos [impercetível], ah...

**RC** – O Nora é o quê?

**JM** – Ah?

**RC** – O Nora é o quê?

**JM** – O Nora era uma casa de roupa que existia. Os Prados, casas fechadas...

**RC** – Já fechou!

**JM** – Pois já... todas essas casas fecharam.

**AM** – A primeira casa pronto-a-vestir que abriu na Brito Capelo foi...

**RC** – Foi o Control Moda.

**AM** – O Control Moda...

**JM** – Não, havia casas...

**AM** – O Control Moda quando abriu na Brito Capelo, foi a autêntica revolução do vestuário.

**RC** – Também já fechou.

**AM** – Nós nunca tínhamos visto nenhuma casa, nunca tínhamos visto nenhuma casa com roupa pronta já. Havia lojas de tecidos, lojas de tecidos, não havia lojas com roupa pronta.

**JM** – Uma das grandes referências da Brito Capelo era a papelaria Fernando Sá. Era Fernando Sá.

**AM** – E era a ourivesaria. A papelaria Marques Ribeiro.

**RC** – Pois, era...

**AM** – Era Marques Ribeiro.

**JM** – Fernando Sá e Marques Ribeiro. A Marques Ribeiro ainda existe.

**AM** – E era a sapataria, como é que se chamava aquela sapataria que era muito famosa?

**JM** – Era a Peixoto.

**AM** – Não, não. Muito antes da Peixoto. Antes da Peixoto, não era a Peixoto. Era uma sapataria que era de um senhor muito elegante.

## Conversa 2

### LOCAL

Rua Brito Capelo, Loja FotoMar

### DATA

22 de Novembro de 2012

### INTERVENIENTES

Celeste Abuim

Rute Carvalho

### ABREVIATURAS UTILIZADAS

Celeste Abuim (CA)

Rute Carvalho (RC)

**CA** – É aqui dos Passos e tudo, tenho aqui muita coisa dos Passos, isto é Passos se não me engano.

**RC** – É, é...

**CA** – É a que está, está...

**RC** – Sim.

**CA** – Há aqui muita coisa que também foi uma senhora que mandou fazer e depois sobram, ah...

**CA** – Eu vivo aqui!

**RC** – Ai vive mesmo aqui? Ai eu não tinha percebido.

**CA** – Até estou de avental e tudo. Eu até vim de avental, olhe. Estou a arrumar a cozinha, sabe?

**RC** – Ah, pronto. Ok.

**CA** – Vivo aqui.

**RC** – Ai desculpe.

**CA** – É a nossa casa, sabe?

**RC** – Ah, ok.

**CA** – É a nossa casa, e isto já há muitos anos que está fechado, mas este tipo de serviço (fotográfico), de, pronto, de trabalho só o meu marido é que tem aqui em Matosinhos.

**RC** – Pois, pois é.

**CA** – Está a perceber?

**RC** – Não, fecharam todos. Eu estava ali a passar até na que é a casa que antes era a Control Moda, que por cima tinha uma casa fotográfica.

**CA** – Ah, já não existe há muitos anos.

**RC** – Sim, há muitos anos.

**CA** – É, era do tempo da nossa, pronto.

**RC** – Pois.

**CA** – A nossa também, isto já era do meu sogro, olhe eu já estou, já, já vou fazer 50 anos de casada para o ano, imagine o meu sogro já morreu há 25, ele começou praí quê? Em 40 e tal. Praí quando eu nasci, mais ou menos, começou com isto. E o meu marido ah, deu continuidade a isto, pronto gosta disto e é disto que gosta e... mas não é disto, não é de estar aqui fechado, porque isto dantes era o estúdio onde tiravam as fotografias às pessoas. O meu marido gosta é de andar nisto, pela rua, no exterior, nos barcos...

rc – Claro, a tirar, a tirar as fotografias.  
ca – Ainda agora está, está para um, a tirar fotografias num barco que está a carregar peças para Angola e a agência pediu-lhe para ele ir tirar as fotografias. Conhece isto? Isto conhece que está lá baixo.  
rc – É, pois. Ah, pois tá.  
ca – A fachada. Isto, isto também era antigo eu também não me lembro disto, isto acho que ainda nem havia o mercado. Ah, eu nem sei se há o mercado antigo aqui.  
rc – Mas acho que tem aqui uma imagem.  
ca – Ah acho que está ali, está ali.  
rc – Do mercado antigo, não é?  
ca – Ah.  
rc – Está aqui, olhe. É que eu estava a ler por baixo “Antigo mercado de Matosinhos”.  
ca – É olhe, tá aqui, olhe vê. Tá aqui.  
rc – Uau, que bonito.  
ca – Era engraçado, não era?  
rc – É, não tinha nada a ver.  
ca – Diz quem se lembra, diz quem se lembra disto, o meu marido também não se lembra, diz que era muito catraio, ali havia uma rua, imagine esta rua não existe, não é? Porque depois é a Doca e aquilo tudo.  
rc – Pois é.  
ca – Ah diz que era uma entrada por aqui, havia três entradas.  
rc – Pois, vê-se que isto faz assim uma espécie de triângulo.  
ca – É, é.  
rc – Mas era aberto, é engraçado, muito diferente do que é agora.  
ca – É engraçado, e este, ora bem, essa fotografia ainda o meu sogro não devia trabalhar. Então se o meu marido fez esta semana 74 anos, se era pequenino, o meu marido, o meu sogro ainda não trabalhava nisto.  
rc – Pois.  
ca – Isto foi um amigo, do meu marido, já, um senhor já que lhe vendeu o negativo.  
rc – A sério?  
ca – É verdade. Porque o meu sogro ainda não trabalhava, é, nessa altura. Brito Capelo, minha filha, [imperceptível]  
ca – Não há quase nenhuma.  
ca – Não, eu devo ter muita coisa, sabe?  
rc – Imagino.  
ca – Eu devo ter muita coisa, só que... Vou ver por aqui e depois vou ver lá dentro ali ao quarto escuro.  
rc – Então, olhe, e se tivesse que associar uma cor à rua? Que cor é que associava?

ca – Que cor? Olhe punha-lhe plantas verdes, que não tem. Coisas verdes. E uns banquinhos para se sentarem as pessoas mais velhotitas.  
rc – Pois, claro.  
ca – Não é? Não é o meu caso que eu ainda me mexo bem, não é? Ainda, ainda sou para aqui uma Maria da Fonte [imperceptível]. Mas há, há, eh... de verão, é só betão, betão, betão, betão. Não, não tem nada que, que, que tenha... Esta rua morreu, sabe? Morre, não tem graça nenhuma. Nenhuma.  
rc – E...  
ca – Olhe, de Leça, também temos muitas...  
rc – Sim.  
ca – Aliás temos mais coisas de Leça do que propriamente de Matosinhos.  
rc – A sério?  
ca – Olhe, se vir aqui ainda há aqui casas, isto é o rio, ainda há casas de lá de lá aí. Estou a ver se vejo aqui, que eu tinha visto aqui umas de Matosinhos.  
rc – E se tiver que associar um, um...  
ca – Diga, diga.  
rc – ...um sabor? Um paladar?  
ca – Um paladar de?  
rc – Um paladar, à rua. Algo que se lembre, imagine que se, que gosta de nesta rua comer alguma coisa em especial ou...  
ca – Ah, não há nada assim de especial. Por exemplo, uma acolá, uma pizzaria, ai não agora temos lá em cima à beira dos bombeiros [imperceptível]  
rc – Ah, sim, sim.  
ca – Eles acho que é pizzaria, não é?  
rc – É, é.  
ca – É pizzaria ou comida italiana, nem sei bem.  
rc – Sim.  
ca – Olá, meu neto.  
rc – Olá!  
ca – E olha, faz falta, por exemplo, assim um barzinho. À noite...  
rc – Não há nada.  
ca – Olhe, à noite as confeitarias que estão aqui em frente a nós estão fechadas. A gente quer tomar um café não tem aonde. De verão vai por aí abaixo, vai à praia, vai, não é? De inverno aqui não há nada.  
rc – Pois.  
ca – Eu saio aqui à noite, eu com uma cadelinha que tenho, o meu marido, damos aqui uma voltinha, às vezes somos os únicos. Digo assim “a rua é só nossa”.  
rc – Pois.  
ca – Não há um cafezinho assim onde ah, um ambiente familiar, compreende? Onde a gente esteja a confraternizar um bocadinho com os amigos, ou assim.

Não há nada. Ou uma croissanteria também, também não há.

RC – Pois.

CA – Eh, há, olhe há muita coisa que não há, Graças a Deus. Há mais coisas que não há do que as que há.

RC – Do que, claro.

CA – É, é, é.

RC – Olhe e um som que associe aqui à rua.

CA – E o som, o som, olhe o som é [impercetível] é o metro. Tum, tum, tum, tum...

RC – Pois.

CA – O som é horrível.

RC – É.

CA – Olhe eu estou na cama, o meu quarto é lá atrás...

RC – E está sempre a ouvir o metro.

CA – A casa é assim mas é alta lá pa trás. Eu lá em cima tenho 5 quartos já pode ver. Às vezes, porque é o fosso aqui, não é? Eu não sei os outros lados porque eu só vivo aqui.

RC – Claro.

CA – É o fosso, é a estação. Ao entrar aqui neste fosso, porque eu vi fazer sito, vi construir tudo isto, é fundo como o raio! As casas tremem e a nossa casa, que é muito antiga, e há-de acontecer com outras, noto de vez em quando ando assim com a cabeça no ar, muito tarrachinhas, muito tarrachinhas, é, foi tudo derivado a isto, ao metro.

RC – Pois.

CA – É, é aquele tum tum. Então às vezes a cama abana-me.

RC – Ai imagino que sim.

CA – Eu sinto, está a perceber? Aquele trepidar do, com o elétrico, dantes, não é? Também fazia assim umas coisas, ah não era nada, não era nada...

RC – Mas não era tanto.

CA – ...como esta lombriga comprida. Não, não, não era nada disso. Nada, absolutamente nada. Estava a ver, que eu tinha visto aqui...

RC – Olhe e um cheiro, que associe aqui à rua?

CA – Eh, cheiros agora, quer dizer, dantes era horrível. De verão, temos um problema aqui, eh, eh, quer dizer lá para baixo não sei, é natural que não sinta, mas de verão, por exemplo, conhece lá para baixo as avenidas? Da sardinha, e aquilo tudo. A gente quer abrir uma janela, é impossível. Naqueles dias quentes, os quartos, tudo, fica tudo a cheirar a sardinha.

RC – Pois.

CA – Tudo. Pronto, mas aquilo também eh... valha-nos Deus, é o negócio deles, não é?

RC – Claro.

CA – O que a gente há-de fazer?

RC – E antes ainda era, ainda era pior. Há uns vinte anos ou mais era um cheiro pela cidade toda.

CA – Era a fazer a tripa.

RC – Era. Era um cheiro horrível.

CA – Era lá em cima em Carcavelos, a menina é daqui?

RC – Sou.

CA – Era em Carcavelos.

RC – Eu sentia o cheiro em casa. Era dentro de casa.

CA – Agora acho que aquilo foi para muito longe, não está aqui perto. Olhe, era em Carcavelos, que é ali em cima, não é? E a gente...

Júlio – A porta aberta eu julgava que estava...

RC – Ai desculpe, fui eu que não fechei bem a porta.

CA – Podes fechar, Júlio, podes fechar. Obrigadinha.

Júlio – Eu vi que estava gente.

CA – Obrigada, obrigada. Ah... havia aquelas descargas, a menina ainda é novinha até não se deve lembrar. Era horrível, a gente “ai Jesus”. Eu então quando fui para aqui que era novita, que vim para aqui com 19 anos, quando casei.

RC – Então dizia assim, de, “onde é que eu me vim meter?”

CA – Dizia “Ah, vim-me meter num fosso de porcaria, Jesus do céu!” É horrível, é horrível. Pronto, agora de vez em quando há assim uns cheirinhos da Sacol, conforme o vento, sabe?

RC – Claro.

CA – É, mas não, de resto não há assim, não, não há assim mais nada de especial. Olhe vou dar, vou ali dentro ver mais alguma coisa.

RC – Tá bem.

CA – Está bem?

RC – Ok.

CA – Aqui já neste quartinho onde estava o meu neto, porque eu acho que, a menina pode ver aí também, nesses, nesses...

RC – Ok.

CA – ...nesses coisões. Eu vou ver aqui. Não sei. Temos desse género aqui em Brito Capelo. Essas deviam ter estado coladas aí em qualquer lado. Depois isto, isto é mais para, ah eu acho que até havia aqui. Vamos ver aqui. Havia aqui muita coisa.

RC – É mas aqui tive a ver não tem.

CA – Não, não.

RC – Isto é tudo, parece Porto e Lisboa e assim.

CA – Pois. Há muito disto aqui Brito Capelo mas lá está, está na mão dele.

RC – Oh, claro.

CA – Estas estão feiocas e eu acho que estas é na Foz, não é?  
 RC – Pois isso é na Foz.  
 CA – É na Foz.  
 RC – Sim, não me parece ser aqui.  
 CA – É quando a gente dava a volta, não é? Aqui às palmeiras.  
 RC – Sim, sim. [impercetível] do Passeio Alegre.  
 CA – É, deve ser. Eu dá-me a impressão que é isso. Que é lá.  
 RC – É.  
 CA – Ah... este é o 500, quer dizer, o...  
 RC – Pois, é, ia para a Foz, sim.  
 CA – ...é, os elétricos também tinham assim as suas características, ó Foz, eu conheço aquela casa, este era um elétrico até, nem sei como mas, isto devia ser de levar peças ou assim.  
 RC – Pois, parecia...  
 CA – Mas ele tem aqui, mas eu só [impercetível]...  
 RC – Mas eu, mas eu volto entretanto. Para a semana.  
 CA – Depois a menina volta cá.  
 RC – Sim, sim, sim.  
 CA – Olhe já sabe que moramos aqui. Toca a qualquer hora.  
 RC – É, ok. Só mais duas perguntinhas para acabar aqui.  
 CA – Diga minha filha.  
 RC – Uma palavra para a rua?  
 CA – Uma palavra para a rua?  
 RC – Sim.  
 CA – Eu chamo-lhe o bunker à noite.  
 RC – Ai é?  
 CA – Nunca estive num bunker.  
 RC – Sim.  
 CA – Mas é porque a gente vê nos filmes, porque à noite é feia, não tem luz.  
 RC – Pois.  
 CA – Ah, esta luz é muito fraquinha, parecem uns...  
 RC – Sim, não é, não é [imprecetível]...  
 CA – Aqueles bichinhos como há no campo, como é que a gente lhes chama?  
 RC – O quê, são os pirilampos, não é? [impercetível]  
 CA – É, é. Pois, pois. É, é os... esta luzinha é um pirilampo. Porque quem for para Matosinhos Sul, para lá do metro...  
 RC – Sim  
 CA – ...aquilo tem uma luz bonita. Até gosto de ir para lá passear no verão, não é? Agora aqui...  
 RC – Porque não, a rua aí não tem, não tem luz, só tem luz do metro.  
 CA – É só do metro filha. Não, não tem, e, e, faz imensa falta.

RC – Claro.  
 CA – E depois as pessoas agora para pouparem não ligam as, as, as...  
 RC – Ah, as montras. Claro.  
 CA – É as montras, a determinada hora, desligam. É uma escuridão aqui, é horrível. Olhe, eu às vezes à noite venho por o lixo à porta, outras vezes até se tenho coisas de peixe ou assim vou pôr ali ao contentor, mete medo. Eu por acaso não tenho medo, sou uma pessoa que não tenho medo, pego na chave e vou e... até vou com a cadela sozinha, meto o telemóvel no bolso e eu meu marido às vezes está a ver o futebol, ou isto ou aquilo, vou até ali ao Albano, volto para baixo e... Mas mete medo [impercetível]  
 RC – Pois.  
 CA – Ainda ontem eu andava ali com a irmã deste meu neto, com a pequerrucha, andávamos com a cadela a brincar. Ela corria, a cadela corria atrás dela, depois vinha para mim, que é uma cadela ainda assim pequenina, e a brincadeira era tanta que um senhor vinha por ali baixo, assim um senhor mesmo, um senhor, e diz ele “sim senhora, que rica brincadeira, ela está feliz, a bichinha”. “Pois, olhe, está aqui com a avó e com a prima”. Eu disse avó, sou eu, e a prima ah, diz ele “sim senhora, faço este, isto aqui é só vosso”. “Pois, pois é, olhe eu moro aqui, e isto é só nosso. O senhor vê cá mais alguém? Olhe vai o senhor a passar.”  
 RC – Pois.  
 CA – Isto um exemplo, não é? Isto já não era muito cedo, eram perto, para aí quê? Ah, nem era muito cedo nem era muito tarde, era uma, era uma hora que possivelmente até deveria andar gente na rua, para aí 10 menos tal.  
 RC – Sim, ainda não era assim também muito tarde.  
 CA – Não era assim tão tarde, pois não? Eu sei que ainda vim par dentro já estava a dar a telenovela. Disse “olha vamos ver a telenovela”. Não, esta rua deixa muito a desejar. Pronto, e a nível de negócio é claro que a menina se fizer perguntas para aí dizem-lhe o pior possível, não é?  
 RC – Pois.  
 CA – Nós, como lhe digo, isto está fechado há muitos anos e então, depois morreu o pai, morreu a mãe pronto e ele, havia aí um, um sobrinheiro meu que gostava de fotografia mas depois também não quis estar aqui e até está na Fonte da Moura lá numa lojita, e não quis dar continuidade a isto. O meu marido é, não tem rapazes é só raparigas, eu só tenho raparigas, têm a vida delas, são professoras e não, e eu ainda lhe dizia “não, nem que tenhas o rapaz, não vai ser fotógrafo. Para fotógrafo isto... Quando não há dinheiro para comer não há dinheiro para fotografias.” Isto, eu dizia isto já há muitos anos olhe, e agora está a acontecer isso minha filha. Eu dizia isso ao meu marido andavam ainda as meninas no, na, no colégio. Ah, tenho os óculos todos sujos até estou a vê-la meia torta. Estes progressivos não podem estar sujos, estão horríveis, e... que as mais velhas são gémeas, depois tenho outra que é a mãe deste pequerrucho.

A mais velha já tem filhos na faculdade. E eu dizia isto ainda elas eram pequeninas. Disse assim “não, filha, não, as, as, as minhas filhas hão-de fazer aquilo que eu não fiz”. Porque casei muito novinha, interrompi os estudos, vim para aqui passado um ano tive as gémeas, já não, não, não concretizei eh, nenhum sonho. O que eu queria era ser médica, gostava, pronto. Gostava, tinha uma paixão, mas agora tenho uma neta que, duas aliás.

rc – Que se calhar vai ser.

ca – Uma já está em medicina dentária, a outra vai, vai de certeza, porque ela só tira vintes, aquilo é rebenta a escala. E... disse “olha filha, vou-me rever em ti”, porque eu se calhar na outra geração fui médica, porque eu tenho, tenho uma paixão, não sei porquê, olhe gosto de tudo o que esteja ligado à saúde e depois porque talvez também acompanhasse já os velhos e o meu pai e a minha mãe e tudo, tudo isso, eh... sei lá.

rc – Mexe consigo.

ca – Não é mexer, gosto, percebe? Gosto. Ainda ontem a irmã deste estava, queria coser à máquina, eu disse “Olha podes coser mas a avó uma vez era pequenina estava a coser e espetou a agulha e...”, “Ai avó, então devia doer muito”, “Ai doía, fez muito sangue e tal... olha mas também não és tu que dizes que queres ser médica, como a Raquel? Se queres ser médica vais ter que ver muito sangue.”, “Ai avó, vou ter que ver sangue?”, “Pois vais.”. O avô do lado do pai é psiquiatra e disse “Olha perguntas ao avô Zé e perguntas-lhe se ele quando andou a estudar não via sangue, porque o avô Zé agora só fala com as pessoas, que é a especialidade dele”, ela já tem seis aninhos já percebe.

rc – Claro.

ca – “Mas vais, perguntas ao avô Zé se ele não via sangue e isto e aquilo e aqueloutro”, e ela ficou assim meia convencida, como quem diz “bem, tem razão, tem razão”. É assim filha, olhe é assim a vida.

rc – Olhe e uma emoção ou reação que a esta rua lhe provoca?

ca – Ah... é como lhe digo, medo.

rc – Medo, pois.

ca – Eu não tenho medo, mas a maior parte das pessoas tem medo.

rc – Pois.

ca – Porque eu converso com muita gente que, quase que, aqui temos, podem-se contar os vizinhos...

ca – É. Felizmente nunca me roubaram nada nem nunca fui assaltada, mas a maior parte das pessoas diz que tem medo. Pessoas assim mais velhas com que a gente conversa e assim “ai Deus me livre, aqui nesta rua a partir de, desde que fecha o comércio...”, é medo. A sensação é medo, que as pessoas têm. É, e não vai há muito tempo uma senhora que vive aqui na rua paralela a esta, é uma senhora que também era muito descuidada, andava cheia de ouro, andava com pulseiras daqui até aqui. Eu dizia muitas vezes para o meu marido “olha, aquela

senhora está-se mesmo a candidatar a ficar sem o braço”. Que era, é conhecida já aos anos. Mora assim na minha direção, o quê na outra rua. E no pescoço a mesma coisa. Mas no braço tinham que lho cortar e fugir com o braço. O ano passado ela ia ali, sabe onde é o Caravela? Ia lanchar com uma amiga num domingo, a atravessar a rua veio um, mas devia-lhe, ele já devia conhecê-la e seguir-lhe os passos e isso tudo. E foi com uma coisa própria, foi por trás dela, tic, cortou-lhe aquilo tudo e fugiu, ninguém o viu. E o café cheio de gente ali, elas a berrarem porque é, pronto, a senhora ficou tipo em estado que choque, a berrarem aos gritos. As pessoas vieram cá fora, não viram ninguém. Artistas mesmo. E pronto.

rc – Pois, já tinham, já estavam a estudar.

ca – Pois.

rc – Há muito tempo.

ca – Pronto, isto é um exemplo. De facto as pessoas têm medo mas também escusavam de andar lá com tantos chocalhos, não é?

rc – Claro.

ca – Olhe, eu só ando com a aliança, se me cortarem que me levem o dedo. Que me levem a aliança, eu dou-lha logo. “Leva, leva, leva. E não trago nada.” É assim coisinhas, bugigangas e... Aliás, eu até nem ligo nada ao ouro mas...

rc – Pois.

ca – Há pessoas que ligam muito. Vivem para aquilo. Olhe, eu gostava. Se pudesse comprar umas barritas e ter assim umas barras de ouro aí valentes, não era? Para ter, vá lá, um seguro em casa ou aí bem escondido. Agora assim...

...

ca – Mas ah, esta já sei onde é. Sabe onde é ali o Porquinho?

rc – Sim

ca – Olhe, era Gás Mobile. É ali. É ali, é, aqui por baixo agora é o Porquinho. Por conseguinte do lado de lá, não é? Esta aqui não dá muito para ver, não sei muito bem onde é porque não vejo assim nenhuma referência que me diga que... Isto foi, já lhe vou dizer, esta procissão, isto foi uma encomenda que eu tinha aqui muitas fotografias dessas que às vezes mostro às pessoas e elas levam, uma encomenda que um senhor veio cá fazer e depois nunca mais veio buscar. E eu até disse ao meu marido “olha que engraçado, hás-de focar ali, está ali o meu pai, a tua mãe, aqui está uma amiga minha à janela”. Aqui era o BP Gás, aqui por baixo, que agora é uma casa de chineses.

rc – Pois, como muitas.

ca – É. É mesmo pegadinha à nossa. Esta minha amiga já morreu há um, há uns 7 anos praí, de cancro. Aqui é a casa Teodoro, lembra-se da casa Teodoro?

rc – A casa Teodoro por acaso lembro-me.

ca – Aquela casa de farrapos?

rc – Sim, sim, sim.

CA – Tinha gatos, cheirava muito mal.  
 RC – Tinha gatos, era isso! Pois...  
 CA – Foram dar lá com ela morta.  
 RC – Oh!  
 CA – É.  
 RC – A sério?  
 CA – E esta, este portão é uma viela que vive muita gente lá dentro.  
 RC – Ah.  
 CA – E aqui é a tal, a tal...  
 RC – Pois, porque aqui era a tal...  
 CA – É.  
 RC – ...casa de fotografia.  
 CA – ...de fotografia, que era mesmo pegadinha quase à nossa. Era aqui por cima.  
 RC – E depois foi, era, depois onde apareceu o Controle Moda lá.  
 CA – Era aqui em baixo. Na altura, quando era isto, aqui era uma padaria. Eu sei que ia lá buscar pão quentinho, que era só sair da porta e entrar na outra.  
 RC – Pois.  
 CA – Era. E... pronto. Mas até mesmo deste, desta encomenda que era um monte delas, ele há-de ter montes disto. É uma questão de procurar e ver.  
 RC – Hum hum  
 CA – Ah, e então isto foi, eu estava casada há pouco tempo, eu as, as gémeas já vieram para aqui para esta casa tinham dois anos. Ai, eu que estivesse casada para aí há um ano aqui. Isto devia ser de verão, devia ser as procissões. Foi a última vez que o Senhor de Matosinhos saiu à rua. Mas tem graça que aqui não se vê porque, lá está, isto é, é um bocadinho de, de muitas, percebe?  
 RC – Pois.  
 CA – É. O Senhor de Matosinhos depois nunca mais veio à rua.  
 RC – Não?  
 CA – Não. Agora há uma réplica, não é? Agora há uma réplica. Mas o, o autêntico, original, o que deu à praia...  
 RC – Ah.  
 CA – Conhece a lenda, não conhece?  
 RC – Sim, sim, sim, sim.  
 CA – Pronto. Esse, que faltava o braço, e coisa, esse foi reconstruído e assim, esse não saiu mais à rua. Foi a última vez que saiu aqui, por conseguinte eh... fez agora no verão 49 anos. Engraçado. Eu sei porque pronto, estava casada há pouco tempo.  
 RC – Pois, claro.  
 CA – Era. Era sim senhor. E ainda estávamos na casa em cima, porque eu aí... engravidei ainda estive lá, viemos para aqui depois já as meninas tinham 2 anos, as gémeas. É verdade.

RC – É, é uma história de vida!  
 CA – É. É filha, é.  
 RC – Muitos anos.  
 CA – É, a gente começando a conversar isto é como os tremoços, não é?  
 RC – Claro.  
 RC – Olhe, muito prazer...  
 CA – Então, venha quando quiser. Está bem?  
 RC – Eu para a semana depois passo cá [impercetível] depois...  
 CA – Tá filha, [impercetível] que passar eh, eu agora já lhe digo, ele até procura alguma coisa que lhe der...  
 RC – Sim  
 CA – Pois, deve ser para um trabalho de...  
 RC – Sim, sim, sim.  
 CA – Da, da tese, não é?  
 RC – Sim, é.  
 CA – É, pois. E... depois passa, tá bem?  
 RC – Tá bem.  
 CA – Tá.  
 RC – Ok, obrigada. Boa tarde.  
 CA – Obrigada.

### Conversa 3

#### LOCAL

Rua Brito Capelo

#### DATA

26 de Novembro de 2012

#### INTERVENIENTES

Lucinda Nunes

Maria da Guia

Rute Carvalho

#### ABREVIATURAS UTILIZADAS

Lucinda Nunes (LN)

Maria da Guia (MG)

Rute Carvalho (RC)

MG – A histórias, as histórias da [impercetível]

LN – Nós namorávamos na Brito Capelo.

MG – [impercetível] a minha história também. Era o meu passeio de domingo.

RC – Tu também?

MG – Sim. Já do meu tempo...

RC – Sim.

**MG** – De, de, de, de namoro, a maior parte das vezes o meu passeio era a Brito Capelo, era andar ali os namorados para lá e para cá e...

**LN** – Era. Nós namorávamos na Brito Capelo.

**MG** – Era, era o...

**LN** – Ah... estacionava-mos o carro e estávamos dentro do carro a ver as pessoas a passar.

**MG** – A, a, a gente, a gente, por exemplo, saía de casa e, com, e entrava na Brito Capelo, dali íamos a pé até à, até ao Homem do Leme, até à Foz. Pronto, de lá depois virávamos para cima embora e era o nosso passeio de domingo. Muitas vezes, não era várias vezes, era quase todos os domingos. Ah, era quase todos os domingos.

**LN** – [impercetível] altura era pequenina.

**RC** – Na, sim, nã, não me lembro.

**MG** – Ela não se lembra.

**RC** – É assim, eu lembro-me de, de, de ainda passar lá o elétrico...

**MG** – Mas já do meu tempo. Já do meu tempo. Já do meu tempo de ra, de rapariga. De namorar e, e, e... e casar.

**LN** – Ó mãe, é do meu tempo de namorar, e casar, e ter filhos e ir passear para a Brito Capelo.

**RC** – Pois.

**MG** – Pronto. Era a luz que tinha, era o brilho que tinha a Brito Capelo.

**MG** – Era...

**RC** – Sim, sim, sim.

**MG** – Era o passeio, o nosso passeio era pra Brito Capelo.

**LN** – E era, e era um montão de gente, uh, uh, uh, era uns para lá outros para cá.

**MG** – Era como um passadiço, era mesmo, nós queríamos... ver as...

**LN** – Era uns para lá outros ó pra cá.

**RC** – As montras.

**LN** – Sim

**MG** – Os modelos. Os modelos.

**MG** – Era.

**LN** – Estacionávamos o carro no meio, que era o elétrico de um lado e de outro, não é? Quando eu tinha o Fiat, quando não tinha carro era a, a andar a pé para lá e para cá, e quando tinha o carro púnhamos o carro no meio e távamos ali assim e, de tempo de namorar, era os nossos passeios para namorar. Era andar a passear pela Brito Capelo.

**LN** – Era.

**RC** – Pois.

**LN** – Não havia, não havia dinheiro para ir para o cinema, não havia, não havia centros.

**MG** – Ali era o centro.

**LN** – Verdadeiramente aquilo perdeu a beleza depois que deixaram de, de, de...

**MG** – De ando, de andar o elétrico.

**MG** – De andar o elétrico lá.

**MG** – De andar o elétrico e das pessoas poder estacionar no meio.

**MG** – E, e de proibir o estacionamento.

**RC** – Pois.

**MG** – Porque eu acho que aí é que dava a beleza. Aí é que dava a beleza à Brito Capelo. O elétrico para baixo e pra cima, agora anda o metro.

**RC** – Mas não é...

**MG** – Mas acho que não tem a mesma...

**RC** – Sim, não tem.

**MG** – Não. Não tem nada a ver.

**MG** – E as pessoas não saem do elétrico para andar a passear na Brito Capelo. As pessoas saem do elétrico, do, do metro...

**RC** – Do metro.

**MG** – Para ir para [impercetível]

**MG** – As pessoas vinham do Porto, da Foz, eh, eh, e por aí adiante e chegavam ali saíam para andar a passear a pé na Brito Capelo.

**LN** – Mas era mesmo. Mas era mesmo. Não era só a nossa gente de cá de Matosinhos.

**RC** – Pois, eu também na, no outro dia tive com uma senhora que ela disse que havia as recoveiras dos tecidos e que elas vinham também no elétrico, tanto elas como as peixeiras...

**LN** – Eh, eh, prontos, sim menina, e...

**RC** – E...

**MG** – ...a apregoar ali...

**RC** – Sim, apregoavam e que atiravam os tecidos para as lojas!

**LN** – Os tecidos. Era.

**RC** – Que já sabiam e eu achei aquilo incrível. E isso eu, nunca tinha ouvido. Que as lojas já sabiam...

**LN** – Porque as pessoas já conheciam, já vinha “olha, a fulana vem no elétrico”...

**RC** – Sim, sim, sim.

**MG** – Que elas chegavam ali e...

**RC** – E atiravam.

**MG** – ...e tumba!

**RC** – Pois. Sim havia, havia movimento.

**LN** – Realmente agora não tem nada. Olha a, a, agora é China. Agora é chinês. A Brito, tu vais à Brito Capelo...

**RC** – Vai ser a nova Chinatown.

**LN** – Tu vais à Brito Capelo e é China, China, China, China. Poucas lojas tem que a gente possa...

**RC** – Ainda tem ah... sapatarias.  
**LN** – É, ainda tem, pronto.  
**RC** – Ainda tem algumas boas sapatarias.  
**LN** – As sapatarias é a Guimarães, é aquela, como é que se chama?  
**RC** – Ainda tem a Jónia.  
**LN** – A Jónia ah... tinha outra debaixo que era à beira do Porquinho, que já não me lembro como é que se chama.  
**RC** – Sabes o que é que, eu fiquei admirada que a Cambraia fechou.  
**LN** – A Cambraia...  
**RC** – A Cambraia era assim...  
**LN** – Ah era, a Feira dos Tecidos que, vamos à Brito Capelo à Feira dos Tecidos.  
**MG** – A Feira dos Tecidos.  
**RC** – Pois mas essa, mas essa...  
**MG** – Essa já fechou.  
**RC** – Os Prados também já fecharam.  
**MG** – Iam para lá, iam para lá para, fazer filas para entrar.  
**MG** – Flores, flores, aquela parte de flores.  
**LN** – Ó os Prados, quando era o tempo dos saldos.  
**RC** – Pois.  
**LN** – Nós fazíamos fila...  
**MG** – Fila.  
**LN** – Fila, para irmos para a [impercetível]  
**MG** – Ali às 8 horas, ou antes das 8 horas, já estava pessoal ali em fila para, para, para entrar [impercetível]  
**LN** – À espera que abrisse.  
**MG** – À espera que abrisse para ir aos saldos. As pessoas [impercetível] nem compravam e vinham e, e no, no tempo dos saldos ali era um...  
**LN** – Mãe, os saldos eram bons nessa altura.  
**MG** – Eram bons, eram.  
**LN** – E agora tudo isso acabou.  
**MG** – Tudo isso morreu.  
**LN** – E os Prados também já fechou.  
**RC** – Sim, sim, os Prados também já fechou. Já.  
**MG** – Olha diz filha, continua.  
**RC** – Ah de, deste questionário não, agora é um bocado também ver, saber as vossas memórias de, da rua. Havia bailaricos na rua, havia algum...  
**LN** – Não, acho que não.  
**RC** – Bailes? Não?  
**LN** – Bailes nunca, que me lembre, não.  
**RC** – Não havia nenhum sítio...  
**LN** – Olha, eu gostava muito na altura do carnaval a gente andar mascaradas e

andar ali a [impercetível]  
**MG** – Andar, sim, no carnaval era...  
**LN** – As pessoas faziam paragem aos carros, não deixar passar  
**MG** – Era, ali, a Brito Capelo no carnaval era, era o, um passadiço de, de, dos...  
**LN** – Das máscaras.  
**MG** – Das máscaras.  
**MG** – Adorava andar ali mascarada e agarrar-me às pessoas e...  
**MG** – Até já cheguei eu, eu já cheguei a andar mascarada lá, já com os meus filhos todos.  
**RC** – Tu?  
**MG** – Sim  
**RC** – A sério?  
**MG** – Sim eu, eu mascarava-me dantes, sempre a...

#### Conversa 4

##### LOCAL

Rua Brito Capelo, Loja FotoMar

##### DATA

28 de Novembro de 2012

##### INTERVENIENTES

António Abuim

Rute Carvalho

##### ABREVIATURAS UTILIZADAS

António Abuim (**AB**)

Rute Carvalho (**RC**)

**RC** – Algum adjetivo para a rua?  
**AB** – Um adjetivo para a rua. Eh um adjetivo que ainda hoje eu tenho é, como é que se diz, é, é a rainha, é a rainha das ruas de Matosinhos. É o centro de Matosinhos. Ainda é a rua principal. Que adjetivos é que podemos dar?  
**RC** – Pois. E uma emoção ou reação que esta rua lhe provoca?  
**AB** – A mim? A mim só me provoca uma reação de bem-estar. Nasci nela, habituei-me. Nem adormecia sem os elétricos a passar. Era.  
**RC** – E agora tem, tem o metro.  
**AB** – Agora tenho o metro. Tenho o metro que me faz recordar, mas os elétricos era, era mais, eram mais barulhentos.  
**RC** – Pois.  
**AB** – E, e era a esse som que eu adormecia. E então na casa onde eu me criei até aos vinte e tal anos a minha janela era logo a primeira, e é claro estava mesmo à beirinha da rua, e eles a passar tum tum, ai [impercetível] adormecia ao som

deles, da passagem deles. E o tim, tim.

**RC** – Ah, pois é.

**AB** – As pessoas tocavam para parar. Era essa a emoção que eu tinha.

**RC** – E tem assim alguma memória da rua que guarde assim em especial?

**AB** – Tenho. Tenho, tenho. Uma festa muito grande, toda a gente aí a passar com bandeiras, foi quando o Leixões foi campeão da Taça, que ganhou ao Porto.

**RC** – Pois.

**AB** – No Estádio das Antas por 2 e o. Isto foi o fim do mundo aqui na rua. Recordações mais antigas, de quando me criei, ah... passava aí um homenzinho, ou com um burro, que eu tenho essa fotografia.

**RC** – Ah sim? Do senhor com o burro?

**AB** – Tenho. Ah, um burro que ele metia-lhe, vendia água num cântaro, de aço já, água com limão, era um refresco. Andava aí pela rua e as pessoas vinham pedir, iam comprar aquilo aos tostões, era todos os dias. As leiteiras que vinham com os cântaros fornecer o leite logo de manhã cedo às pessoas. De noite, de noite tiravam às vacas e de manhã vinham vender, e há quem diga que misturavam água e, e até urina. Há quem diga isso.

**RC** – Uhg.

**AB** – O que interessava era a quantidade. Eh mas acho que adicionavam água.

**RC** – Água pronto, agora...

**AB** – Mas acho que isso que era verdade. Isso era verdade. Porque diziam, por exemplo, tavam com uma vontade de fazer chichi terrível coisa e tal de madrugada, já estavam na rua não iam fazer ah... diz que se sentavam em cima do cântaro. Ouço dizer isto, se é verdade se é mentira...

**RC** – Claro. São, são aqueles, os mitos que ficam entretanto, não é?

**AB** – É, exatamente. Agora a mistura de água é verdade.

**RC** – Que era para fazer...

**AB** – Mas a água também não fazia mal a ninguém.

**RC** – Sim, a água também...

**AB** – Também não fazia mal a ninguém.

**RC** – Ainda por cima o leite na altura era...

**AB** – E... que mais? Olha essa fotografia, muito bonita. Essa fotografia, eu, eu há dias, eu vendi-a eu tinha-a aqui feita, era muito linda.

**RC** – Da senhora com o cântaro? Com o burro?

**AB** – Sim, mas é aquilo, é uma fotografia que tem praí uns cento e tal anos. Com o cân, e ele vinha, vinha esse homem, o homem, desculpe, o homem vinha com um carrinho, assim é que é verdade, não tenho essa fotografia lá com a água, com o refresco, e o outro é que vinha com um burrinho e trazia os [impercetível] de azeite pa vender. Que é logo até no início da rua onde é, olhe exatamente essa fotografia era no sítio onde é a traseira do Silo Alto. O homem vinha aí a passar e essa fotografia foi tirada, tá lindíssima. Vou-lha fazer.

**RC** – Está bem.

**AB** – Pronto, paga a 5 só, ou paga o paga, ofereço-lhe aquela.

**RC** – Está bem.

**AB** – É lindíssima, lindíssima, lindíssima. Vai gostar.

**RC** – É?

**AB** – Vai, vai gostar.

**RC** – Ótimo.

**AB** – Que é aqui da rua. Que é que tenho mais da rua? Nada.

**RC** – Sim, pois, por isso é que estava a perguntar.

**AB** – Não tenho, não.

**RC** – Porque depois estas coisas não, não ficam às vezes documentadas, portanto, só estão nas suas, nas vossas memórias.

**AB** – [impercetível] dizer, do que vai, do que eu me lembro ah, do que é que eu me lembro? Lembro-me de tudo dos cinco anos até agora, pronto de, de..

**RC** – Isso é que é uma boa memória.

**AB** – De há 70 anos, mais ou menos assim. Uma rua amorosa, toda a gente vir a Matosinhos era um luxo, vir para a rua Brito Capelo era um luxo. Era onde estava o comércio todo.

**RC** – Pois antigamente vinham passear para a rua, não é?

**AB** – É, e fazer negócios.

**RC** – E namorar para a rua.

**AB** – E namorar para a rua e o negócio, porque o comércio estava todo aqui. Não é como hoje.

**RC** – Pois.

**AB** – Não havia uma casa fechada. Ah, se houvesse o dobro das casas estavam todas ocupadas com os comerciantes. Não havia uma casa fechada. Imagine o que é hoje.

**RC** – Pois. Também é, há tan, há tanta oferta hoje, não é?

**AB** – Há muita oferta, claro.

**RC** – A nível de grandes superfícies que...

**AB** – É. Há muita oferta.

**RC** – ...que isto acaba por...

**AB** – Mas, pronto lá está, era a coqueluche de Matosinhos. Olhe, um termo, era a coqueluche de Matosinhos.

**RC** – [impercetível]

**AB** – Era a coqueluche de Matosinhos, era a Rua Brito Capelo. E, e para mim ainda é. Porque a menina não vê ninguém a passear noutras ruas a não ser na rua Brito Capelo, ainda hoje.

**RC** – Sim, a passear digamos que não.

**AB** – A passear vem, ou “vamos até à Brito Capelo”.

**RC** – Não, passam, mas assim passear...

**AB** – Mas quem mora lá para cima “vamos até à Brito Capelo”, da Afurada até [impercetível], ali, ali em Massarelos apanhavam, apanhavam o elétrico e vinham para Matosinhos. Quando tivessem que comprar alguma coisa era para Matosinhos, era, as pessoas da Foz vinham todas para Matosinhos. De Lavra, de Angeiras, era tudo para Matosinhos.

**RC** – Por isso é que isto tava sempre apinhado de gente, não é?

**AB** – Sempre.

**RC** – Que era tanta gente de todo o lado.

**AB** – Muita gente, era muita gente. Muita. Hoje há muita gente, aí com o metro descarta muita gente, mas não andam aqui. De lá vão [impercetível] aqui, muita gente da pesca, relacionado com a pesca, um pescador que não é de cá mas quando vem do trabalho apanha o metro, mas é diferente. É diferente. Por exemplo, as senhoras não entravam nos cafés, parecia mal, era só para homens, mas isto não vai há muitos anos.

**RC** – Isso ainda é, pois, pois, pois. Eu já tinha ouvido isso e se, e na altura achei...

**AB** – É. Levar, levar uma, quem era o marido que levava a mulher ou os filhos ou as filhas ao café? Não levava. Eram logo censurados por toda a gente. Era assim.

**RC** – Pois.

**AB** – É aqueles costumes antigos.

**RC** – São, é mesmo isso.

**AB** – Era num tempo em que ainda bastava só a barba para servir de penhor, não era preciso fiador para ninguém. É, era assim.

**RC** – É, e as pessoas já acreditavam, não é? Já tinham mais credibilidade.

**AB** – A honra, pela honra da barba, aquilo era melhor que uma assinatura, que uma assinatura no notário.

**RC** – É, e hoje que, hoje é o, é ao contrário, não é?

**AB** – Ora, exatamente. Totalmente ao contrário.

**RC** – Hoje já é assim aquele lado de, de as pessoas terem um ar completamente diferente.

**AB** – Não, hoje... Completamente diferente. Dava-se uma palavra, cumpria-se.

**RC** – Pois.

**AB** – Houve uma ocasião, aliás isto não sei se foi uma, uma cópia do D. Dinis quando fez um, o compromisso lá com o Rei de Espanha, não o pode compromir, ah cumprir, e apresentou-se lá com os filhos para o Rei fazer o que quisesse, matá-los ou o que quisesse. Isto é na história. E havia aí um, havia um senhor que assumiu um compromisso, mas a vida não lhe correu bem, ele pegou num filho e foi ter com o senhor a quem devia o dinheiro e disse-lhe “como não posso cumprir, vou cumprir com trabalho, eu e o meu filho, o Sr. Diga o que é que quer que faça”. Diz que o Sr. Ficou tão sensibilizado, tão sensibilizado que disse assim “olhe, quando o seu filho acabar a escola tem que trabalhar, vem trabalhar para aqui mas eu pago-lhe um ordenado e o que você me der, se a vida lhe correr

bem paga-me, se não correr não paga mas fica, para mim é sempre um homem sério”. Reconheceu isso.

**RC** – E isso é... é uma atitude de quem [impercetível]...

**AB** – Hoje, hoje, hoje não é possível. Hoje não nos tiram a camisa porque não podem, olhe e não nos bebem o sangue porque não podem. É diferente, tudo é diferente. É por isso que eu tenho muitas saudades, eu sou muito saudosos. Porque ah, havia muita sinceridade, muita amizade.

**RC** – Havia muita solidariedade também.

**AB** – É, hoje não há nada, hoje não há nada. Hoje cada qual vive para si e... onde é que estão aqueles amigos íntimos que davam a vida uns pelos outros como antigamente? Que eu me lembre no meu grupo, no meu grupo de rapaziada amiga que a gente ia para as nossas modas, fazia as nossas asneiras, próprio da idade, e se algum, se alguém ou batesse num amigo ou o insultasse estávamos todos em cima dele. Hoje ninguém faz isso. Era um por todos e todos por um, é como os Três Mosqueteiros. Nós até dizíamos que, havia aqui o cinema [impercetível] não é? E... nós ah, prontos, a rapaziada saía da escola, aquilo era muito barato, custava ah 25 tostões o bilhete e às vezes até nos deixavam entrar de graça porque a gente não tinha dinheiro, que era o Sousa o dono do cinema, e... pronto, havia sempre pegadas uns com os outros, ou porque uns eram de lá de cima e outros eram daqui de baixo, havia bairrismo, ah, ah, havia, havia muito bairrismo.

**RC** – Sim, eu...

**AB** – Os que eram lá de cima ali pelo lado do parque não se comparavam nada connosco que éramos aqui de baixo. E ao ponto de dizermos isto, ainda hoje se diz W.

**RC** – Isso é muito bom.

**AB** – Era, Matosinhos, mas eu ainda hoje digo “ai Matosinhos? Matosinhos é do Brito Capelo para baixo”. E eu quando saio para passear, para ir para qualquer um lado, nunca tenho tendência para subir a... é sempre para ir para baixo. Mas isso acontece com todos que nasceram aqui. Ainda hoje se mantêm isso, entre nós Matosinhenses. Que nós chamávamos Matosinhenses antigamente.

**RC** – Apesar da, da, da Câmara, não é? Ter ido para o outro lado da barricada.

**AB** – É foi para o outro, foi tudo para lá [impercetível] tudo, mas para nós não... mas repare, a própria polícia na, na, no seu giro, passa o tempo daqui para baixo. Se reparar, os carros a andar é, não é por causa das multas, mesmo de ah... pronto, aos domingos ou um dia que não haja multas dos carros, de qualquer das maneiras a polícia só gira por, daqui para baixo. Repare nisso, um pormenor que muita gente não repara.

**RC** – Por acaso.

**AB** – A polícia só circula da Rua Brito Capelo para baixo. Porquê? Não sei. É onde está o, ainda é onde está, ainda é onde há vida. Porque, repare, da Brito

Capelo para cima vê-se as pessoas a, a andar porque têm que ir eh... à Câmara, às Finanças, aqui e acolá. Mas não se fixam.

**RC** – Sim, aqui para baixo sim. Há a lota, não é? Tem os restaurantes todos...

**AB** – Há a lota, há as casas que a gente conhece, eh... as pessoas que se querem ver, pessoas que eram daqui que mudaram, até pessoas de, de fracos rendimentos, não é? Ca, que a Câmara deu-lhes, deu-lhes casa aí para cima e outros que se mudaram por qualquer motivo, ou porque construíram, mas se se querem juntar com os amigos daquele tempo, “bem, ó, vou até lá baixo ver se encontro algum amigo”. “Vou até lá baixo a ver se encontro algum amigo”. De certeza que encontra. Claro que isto cada vez é menos, as pessoas vão ficando velhas, uns vão sobrevivendo como eu que já tenho 74, outros ah... os que estão vivos ainda fazem assim. “Ah vou até lá baixo a ver se encontro algum amigo.” E vem de cascos de rolha, lá de cima, ou até da Senhora da Hora ou... ou do cimo, lá de cima de todo, onde é o cemitério, vêm por aí abaixo, e andam por aqui, tomam um cafezinho para ver se encontram um amigo. Deixe-me só aqui que...

**RC** – Sim, sim. Força, força.

**AB** – [impercetível] É isto, é o que era Matosinhos. Por exemplo, para mim continua a ser porque eu tenho as minhas amizades, são todas para aqui.

**RC** – Pois, e também tem, tá aqui fixado, não é? Por isso as pessoas também sabem...

**AB** – E estou aqui fixado, nasci nesta, nasci nesta rua.

**RC** – As pessoas sabem onde é que o podem encontrar.

**AB** – Agora eu... quantas pessoas neste momento nasceram, que estão vivas e que andam por aqui, nasceram nesta rua? Muito poucas.

**RC** – Ui. Eu acho que sim.

**AB** – Porque as casas de habitação passaram a ser armazéns de, da, da...

**RC** – Das lojas.

**AB** – Das lojas. Que já disse isso uma ocasião ao Presidente, que nunca devia permitir que as casas de habitação fossem alugadas para armazéns. Tirou, tirou, quem vive aqui na rua é muito pouca gente. Muito pouca gente, quando podia viver muita gente.

**RC** – Claro.

**AB** – Disse “você fizeram essa asneira e mantém-se”. Tudo, olha para cima, tudo, todas estas casas, só há gente aqui a morar aqui em frente, uma gente que vem, Brasileiros e não sei que mais que veio, estão dois, três meses, não pagam, vão-se embora, depois vêm outros, dois, três meses, não pagam, vão-se embora, é assim. Ah, fixos? Os que nasceram aqui, ah, sei lá.

**RC** – São muito poucos.

**AB** – Três ou quatro famílias, quando havia centenas. Está a ver a diferença? É isso Matosinhos.

**RC** – Sim, e para vocês...

**AB** – E é isto a rua. É a Rua Brito Capelo.

**RC** – E é a rua.

**AB** – É a Rua Brito Capelo.

**RC** – Ok.









